



Thiago Azevedo Pereira

**Maria, Mãe da Igreja em saída:
Uma reflexão sobre a maternidade de Maria, do
Concílio Vaticano II ao Decreto Ecclesia Mater no
magistério do Papa Francisco.**

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Teologia do Departamento de Teologia PUC-Rio.

Orientadora: Prof^a. Lúcia Pedrosa de Pádua

Rio de Janeiro
Março de 2019



Thiago Azevedo Pereira

**Maria, Mãe da Igreja em saída:
Uma reflexão sobre a maternidade de Maria, do
Concílio Vaticano II ao Decreto Ecclesia Mater no
magistério do Papa Francisco.**

Dissertação apresentada como requisito parcial
para obtenção do grau de Mestre pelo
Programa de Pós-Graduação em Teologia do
Departamento de Teologia da PUC-Rio.
Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo.

Prof^a. Lúcia Pedrosa de Pádua

Orientadora
Departamento de Teologia - PUC-Rio

Prof. Joel Portella Amado

Departamento de Teologia - PUC-Rio

Prof^a. Andreia Cristina Serrato

PUC/PR

Rio de Janeiro, 22 de março de 2019

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, do autor e da orientadora.

Thiago Azevedo Pereira

Graduou-se em Filosofia na PUC-Rio em 2009 e em Teologia no ISTARJ em 2012. Ordenado sacerdote em 2013, pertence ao clero da Arquidiocese de São Sebastião do Rio de Janeiro. Membro da Academia Marial de Aparecida.

Ficha Catalográfica

Pereira, Thiago Azevedo

Maria, mãe da igreja em saída: uma reflexão sobre a maternidade de Maria, do Concílio Vaticano II ao Decreto Ecclesia Mater no magistério do Papa Francisco / Thiago Azevedo Pereira ; orientadora: Lúcia Pedrosa de Pádua. – 2019.

110 f. ; 30 cm

Dissertação (mestrado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Teologia, 2019.

Inclui bibliografia

1. Teologia – Teses. 2. Mariologia. 3. Mãe da igreja. 4. Igreja em saída. I. Pedrosa-Pádua, Lúcia. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Teologia. III. Título.

CDD: 200

À Deus, fonte e origem de todo Bem.
À Bem-aventurada Virgem Maria, Mãe da Igreja em saída.

Agradecimentos

À minha orientadora Professora Lúcia Pedrosa de Pádua pelo estímulo constante e pelo acompanhamento paciente em todas as etapas deste trabalho.

À PUC-Rio, especialmente aos professores e funcionários do Departamento de Teologia da PUC-Rio pelos ensinamentos e pela ajuda.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

À CAPES pelos auxílios concedidos, sem os quais este trabalho não poderia ser realizado.

À minha família pelo alicerce seguro, pela torcida e pelo incentivo.

A todos da Paróquia Santos Anjos no Leblon pelas orações e incentivo e ao Padre Wagner Augusto Moraes dos Santos, pela fraternidade sacerdotal.

Aos meus amigos de perto e de longe que me estimularam e ajudaram.

Resumo

Pereira, Thiago Azevedo; Pedrosa de Pádua, Lúcia. **Maria, Mãe da Igreja em saída: Uma reflexão sobre a maternidade de Maria, do Concílio Vaticano II ao Decreto Ecclesia Mater do Papa Francisco.** Rio de Janeiro, 2019. 110p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Na contemporânea reforma do Papa Francisco em busca de uma “Igreja em Saída” e na instituição da celebração de “Maria, Mãe da Igreja”, pode-se identificar em Maria um sinal da maternidade e da ternura da Igreja na nova evangelização. Isso é perceptível através de uma redescoberta do papel da Virgem Maria no Mistério de Cristo e da Igreja, a partir de um caminho trilhado através da sagrada escritura, da tradição e do magistério, especialmente desenvolvido na mariologia eclesiotípica do Concílio Vaticano II e do Documento de Aparecida.

Palavras-chave

Mariologia; Mãe da Igreja; Igreja em saída.

Abstract

Pereira, Thiago Azevedo; Pedrosa de Pádua, Lúcia (Advisor). **Mary, Mother of de Church in exit: A reflection about the motherhood of Mary, from Vatican Council II to the Ecclesia Mater Decree on Pope Francis magisterium.** Rio de Janeiro, 2019. 110p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

In the contemporary reform of Pope Francis in search of an "Church in exit" and in the institution of the celebration of "Mary, Mother of the Church", we may identify in Mary a sign of motherhood and tenderness of the Church in this new evangelization. That is noticeable by the rediscovery of the Virgin Mary's new role in the Mystery of Christ and of the Church, from a path trod along the Holy Scriptures, the Tradition and the Sacred Magisterium, specially developed in the typical ecclesiastical Mariology of Vatican Council II and the Document of Aparecida.

Keywords

Mariology; Mother of the church; Church in exit.

Sumário

1 Introdução	11
2 Maria: Peregrina da fé	15
2.1 Maria: Mãe de Jesus	15
2.2 Maria: Discípula de Jesus	26
2.3 Maria: Mãe dos discípulos de Jesus	40
3 Maria: Do Concílio Vaticano II à Conferência de Aparecida	46
3.1 “A bem-aventurada Virgem Maria Mãe de Deus no Mistério de Cristo e da Igreja” – Uma leitura sistemática-pastoral de Lumen Gentium VIII	46
3.2 Marialis Cultus e Redemptoris Mater: a maternidade de Maria no culto e na vida da Igreja	56
3.3 Documento de Aparecida: Maria e o rosto materno da Igreja na América Latina	66
4 Maria no pontificado do Papa Francisco: Mãe da Igreja em Saída	78
4.1 Maria, Mãe da Igreja: A maternidade de Maria e a dimensão materna da Igreja	78
4.2 Papa Francisco e o desejo por uma “Igreja em Saída”: A Mãe Igreja ao encontro dos seus filhos	86
4.3 Maria, Mãe inspiradora da Igreja em Saída	94
5 Conclusão	98
6 Referências bibliográficas	104

Lista de abreviaturas

Lumen Gentium	LG
Mulieris dignitatem	MD
Dei Verbum	DV
Redemptoris Mater	RM
Suma Teológica	S.Th
Sacrosanctum concilium	SC
Documento de Puebla	DP
Documento de Santo Domingo	DSD
Documento de Aparecida	DAP
Evangelii Gaudium	EG

*“Uma Igreja impregnada pelas qualidades de Maria
será sempre uma Igreja em saída,
que ultrapassa os seus limites e confins
para fazer transbordar a Graça recebida”.*
(Papa Francisco)

1 Introdução

A bem-aventurada Virgem Maria no mistério de Cristo e da Igreja, assume posição de primordial importância. Seu papel foi reconhecido desde a Igreja primitiva, pois ela esteve presente no nascimento da Igreja e ainda hoje permanece acompanhando a Igreja com sua mediação materna por meio dos rogos, exemplos e preces. Por essas ações, Maria se destaca sobremaneira como mãe na peregrinação da fé e na missão evangelizadora. Conforme demonstram a Sagrada Escritura e a tradição dos Padres da Igreja, no decorrer dos séculos a pesquisa mariológica refletiu e buscou ensinar aos fiéis os privilégios de Maria decorridos da maternidade divina ou da sua especial eleição. Após o Concílio Vaticano II, a Mariologia seguiu uma corrente de pensamento que destaca Maria na sua relação com Cristo e a Igreja.

Sendo o nosso campo de pesquisa a teologia sistemático-pastoral, o objetivo de nossa Dissertação será oferecer uma contribuição à teologia mariológica de nosso tempo a partir do estudo da maternidade de Maria. A revelação bíblica bem como o testemunho dos primeiros cristãos e da Igreja dos primeiros séculos nos dão a conhecer a riqueza e importância da maternidade de Maria como inspiradora para a comunidade cristã de todos os tempos, mormente para o exercício da piedade, da devoção mariana e da ação missionária na Igreja hoje.

No primeiro capítulo, apresentaremos as principais referências bíblicas e patrísticas que apresentam Maria em sua “peregrinação da fé” (termo cunhado a partir do Concílio Vaticano II), mas que utilizamos aqui a partir da abordagem bíblica, onde analisando os textos sagrados descobriremos e entenderemos o amadurecimento de Maria na fé e no conhecimento de Jesus Cristo e de sua missão. Inicialmente olharemos para Maria, como a Mãe de Jesus, em seguida durante o ministério público de Jesus, ela se tornara gradativamente discípula do filho seguindo seus passos, aprendendo com ele vivendo junto à comunidade dos seus seguidores e por fim como a mãe dos discípulos de Jesus na comunidade primitiva, sobretudo nas cenas marcantes da Cruz e de Pentecostes. Conscientes

da amplitude dessa questão, buscamos fazer um recorte e selecionar aqueles testemunhos que, percebemos em nossa visão ser a melhor expressão da proposta temática. Certamente uma difícil, mas necessária, escolha.

A Igreja dos primeiros séculos tinha viva consciência de que Maria era a memória do mistério da vida de Cristo, pois ela o tinha acompanhado desde seu nascimento até a Cruz, dessa maneira ninguém melhor que ela, poderia lhes auxiliar no caminho da fé. Já na tradição patrística se pode perceber por meio dos relatos dos Padres da Igreja, o forte vínculo existente entre a figura de Maria e a Igreja, relacionados em suas características e missão comum. A partir desses passos na reflexão bíblico-patrística, almejamos vislumbrar Maria como mãe na peregrinação da fé, em sua maternidade crescente partindo de Jesus e alcançando seus discípulos de todos os tempos.

No capítulo seguinte, procuraremos mostrar que o Concílio Vaticano II favoreceu um *aggiornamento* na mariologia, mergulhamos no contexto histórico a fim de compreendermos as tendências predominantes do cenário teológico da época, concentramo-nos sobretudo no Capítulo VIII da *Lumen Gentium*, que buscamos refletir de modo sistemático com o auxílio de diversos teólogos e comentadores. O Concílio Vaticano II, ao tratar da questão mariológica, buscou no “retorno às fontes” da Sagrada Escritura e da teologia dos Padres uma inspiração para tratar da importância de Maria para Igreja no mundo contemporâneo. Dessa forma, os padres conciliares inserem-na na Constituição Dogmática *Lumen Gentium* sobre a Igreja, colocando-a em relação à eclesiologia. Quis a teologia conciliar deixar evidente que Maria não está fora, nem acima ou abaixo da Igreja, mas sim dentro da Igreja, como membro supereminente. A Mariologia seguiu uma corrente de pensamento que destaca Maria na sua relação com a Igreja. De modo especial em sua “mediação materna” entre o Filho e os filhos. Aqui nas palavras do Papa Paulo VI, ela já é nomeada como “Mãe da Igreja”.

A primeira consequência direta do Concílio na busca do aprofundamento doutrinal mariológico foi a promulgação da Exortação Apostólica *Mariialis Cultus* de Paulo VI, onde se indicou a maneira correta de venerar a Mãe de Deus e seu legítimo lugar e importância no culto litúrgico. Algumas décadas depois com a Carta Encíclica *Redemptoris Mater* de João Paulo II, ficou ainda mais evidente a associação de Maria no mistério Salvador de Cristo e na vida da Igreja.

Escolhemos nos debruçar em nossa reflexão nesses dois documentos por acreditarmos serem as mais proeminentes manifestações do magistério universal na temática mariológica da atualidade.

Apresentaremos brevemente as reflexões mariológicas das precedentes conferências do episcopado latino-americano e caribenho, afim de alicerçarmos melhor nossa reflexão sobre o Documento de Aparecida, que será o ponto culminante deste capítulo, na descoberta do rosto materno da Igreja na América Latina, sobretudo em sua dimensão pastoral com a temática dos “discípulos missionários” e com a estrita relação de Maria como modelo do perfeito discipulado missionário. Deste modo, buscaremos contemplar a maternidade da Virgem para com esse continente tão marcado por lutas e conquistas. Vimos que os traços e passos da vida de Maria, iluminam e fortalecem a caminhada de fé do povo latino-americano. Almejamos demonstrar de que modo as conclusões do Documento de Aparecida tiveram forte influência no pontificado de Francisco, haja vista o fato de ele ter participado ativamente desta reunião.

No capítulo terceiro de nossa pesquisa perceberemos a atualidade de nossa pesquisa ao tratarmos do recente gesto do Papa Francisco em fevereiro de 2018, por meio do Decreto “*Ecclesia Mater*” com a instituição da memória de “Maria, Mãe da Igreja” no calendário litúrgico, um gesto profundamente simbólico que para além do aspecto litúrgico aparenta manifestar a relevância de Maria e sua importância para a Igreja. Diante desse fato caberá elaborar um questionamento teológico acerca do significado desta ação magisterial do Papa Francisco, principalmente nas consequências existentes na relação da maternidade de Maria com a dimensão materna da Igreja.

Através da análise reflexiva de trechos da *Evangelii Gaudium* e de algumas alocações pontifícias, observaremos melhor o termo “Igreja em saída” tão em voga no pontificado de Francisco, abordaremos de modo especial a visão que o Santo Padre tem sobre a Igreja, como uma mãe que se preocupa, cuida e vai ao encontro de seus filhos.

Por fim, alcançaremos o ápice desta jornada teológica na apresentação da temática central de nossa pesquisa de mariologia eclesiológica, voltando nosso olhar para Maria “Mãe da Igreja em saída” e aprendendo com os acontecimentos e movimentos de sua vida e de seu exemplo, a fonte de inspiração para a Igreja em

seu processo de missão e evangelização, na atitude de ir ao encontro dos mais necessitados, sobretudo de um encontro com Deus.

Queremos demonstrar que a Igreja como um conjunto e cada cristão em particular, contemplando Maria, a Mãe da Igreja em saída, compreenderá o seu próprio chamado à missão evangelizadora e se sentirá também impelido a anunciar no mundo o Reino de Deus. Nesse sentido vemos a aplicação e implicação pastoral de nosso trabalho: Maria nos impele à missão!

2

Maria: Peregrina da fé

Neste capítulo em busca da construção de uma base sólida na reflexão mariológica buscaremos a partir da Sagrada Escritura e de algumas fontes patrísticas da Tradição, desenvolver a contemplação de Maria em sua peregrinação da fé, pois entendemos que a jovem de Nazaré escolhida por desígnio divino para ser a Mãe de Jesus durante sua vida foi vivenciando o amadurecimento de sua fé em meio as alegrias e dores, luzes e sombras, certezas e dúvidas pelas quais passou. Em segundo momento, durante o ministério público do Filho, a encontraremos como participante de grupo de pessoas que o seguiam nos lugares e cidades, tornando-se também ela discípula do próprio filho e membro da comunidade dos discípulos. Por fim, na consumação de sua vida, a contemplaremos de modo nítido como a Mãe dos discípulos de Jesus.

2.1

Maria: Mãe de Jesus

O estudo teológico sobre Maria deve estar em estrita proximidade com a Cristologia, isto nos afirma o Papa Bento XVI: “Não se pode compreender Maria sem ser atraído por Cristo, e não se pode contemplar Cristo sem se dar conta da presença de Maria. Entre a Mãe e o Filho existe um laço que nada pode romper”¹. A Sagrada Escritura é fonte da Revelação de Deus, de modo especial, nela destacam-se os livros do Novo Testamento, pois constituem os testemunhos escritos do mistério de Jesus, o Cristo. Embora o ponto central e mais importante seja a narração acerca da pessoa e da missão de Jesus de Nazaré, pode-se contemplar também a figura de Maria, a mãe de Jesus.

Nesse sentido, o nosso ponto de partida será uma abordagem bíblica, pois segundo Karl Rahner, quando o cristão deseja meditar profundamente sobre o mistério da Santíssima Virgem, a primeira atitude que deve tomar é a de abrir a

¹ BENTO XVI, Papa, *Mensagem para a Jornada dos Enfermos*, 11/02/2008, n. 2.

Sagrada Escritura e ler o que ela apresenta sobre Maria, a mãe de nosso Senhor Jesus Cristo². Em nosso trabalho, de modo mais direto e restrito, iremos nos ater às referências mariológicas dos livros do Novo Testamento.

Começamos pela referência mais antiga do Novo Testamento³ sobre a “mãe de Jesus”, que pode ser encontrada em Gálatas 4, 4: “Quando se completou o tempo previsto, Deus enviou seu Filho, nascido de mulher, nascido sujeito à Lei”. Sobre a citação indireta a Maria encontrada nesta perícopes, Giovanni Maria Bigotto afirma: “Maria não é citada pelo nome, mas a *Mulher* em discussão não pode ser outra. Paulo faz desta mulher a segurança mais certa da humanidade do Senhor. Ela tem presença inelutável na encarnação do Filho, e esta encarnação conquista para nós a dignidade de filhos”⁴.

Ao explicar o termo “nascido de mulher” (*genomenon ek gynaikos*) utilizado pelo apóstolo Paulo, Fitzmyer explica que essa é uma expressão usual no mundo judaico, pois aparece também em outros textos sagrados de origem semítica, com a função de designar a condição humana de alguém. Segundo ele, tal expressão serve para sublinhar a humanidade de Jesus, por meio de uma expressão estereotipada sem a pretensão de fornecer detalhes sobre o modo como o Filho de Deus se fez homem. Ao explicar o fato de Maria não ser nomeada explicitamente, ele afirma que “faz-se uma referência a ela somente como mãe, na sua função materna de gerar Jesus e de trazê-lo ao mundo”⁵.

Ao aprofundar esta reflexão, Bruno Forte afirma:

A referência à mulher da qual ele nasceu, na sóbria acentuação da verdadeira pertinência dele ao humilde mundo dos homens, marcados pela espera, coloca também a mulher no lugar mais próximo do cumprimento escatológico como a criatura mais próxima do coração do mistério, do “centro escatológico” da história⁶.

Manifesta ainda a opinião de que o texto bíblico em questão, por sua antiguidade histórica e pelo paradoxo maternal apresentado entre a “mulher” e Jesus, pode ser considerado o texto mariologicamente mais significativo do Novo Testamento, apesar de boa parte dos teólogos não lhe atribuírem a referida

² Cf. RAHNER, K., *María, madre del Senõr*, p. 17.

³ Cf. KRIEGER, M., *Com Maria, a Mãe de Jesus*, p. 24.

⁴ BIGOTTO, G. M., *Esplendor de Mãe*, p. 121.

⁵ BROWN, R., *Maria no novo testamento*, p. 53-54.

⁶ FORTE, B., *Maria, a mulher ícone do mistério*, p. 45.

importância. Neste sentido, a sobriedade da referência paulina à mãe do Senhor revela-se, portanto, plena de sentido⁷.

Para Kathleen Coyle, a Carta aos Gálatas, diferentemente dos Evangelhos, não tem como prioridade apresentar as palavras e as obras de Jesus, mas concentra-se nos mistérios pascais de Cristo e na participação espiritual dos homens na paixão, morte e ressurreição de Jesus por intermédio da fé. Para a teóloga em questão, não há dúvidas de que a “mulher” citada é de fato Maria de Nazaré, porém, do mesmo modo que Paulo não evidencia fatos e acontecimentos da vida de Jesus, parece natural que não se destaque a figura de Maria; nesse sentido, ela é apenas a “mulher” que trouxe Jesus ao mundo⁸.

A partir disso, percebe-se que Maria está na “encruzilhada da história da salvação”, pois, através de seu ministério maternal, o Filho eterno de Deus entra na história da humanidade. Aquele que existia antes de todos os tempos revestiu-se de nossa natureza humana por meio da “mulher” Maria. Portanto, entende-se que, para o Apóstolo dos gentios, Maria está intimamente relacionada ao projeto salvífico de Deus⁹.

Queremos nos ater ao Evangelho de Mateus e às suas referências à Maria como a mãe de Jesus, nos dois primeiros capítulos são narrados os fatos do nascimento e da infância de Jesus, iniciando pela genealogia desde Abraão (1, 1-17). Há uma forma sistemática na apresentação das sucessivas gerações de antepassados de Jesus, porém, existe uma clara ruptura quando a narrativa alcança a relação de paternidade de José com Jesus: “Jacó gerou José, o esposo da Maria, da qual nasceu Jesus chamado Cristo” (1, 16). Conforme a afirmação de Murad, existe uma intermediação na maternidade de Maria, para que se possa elucidar que a paternidade de José não é biológica, mas sim uma paternidade legal de pertença ao povo de Israel¹⁰. No mesmo sentido, Brown alude que, embora a descendência davídica de Jesus seja traçada através de José, Mateus não afirma que ele tenha gerado Jesus, no entanto, José sendo “filho de Davi”, reconhecendo-lhe e dando-lhe nome, o faz verdadeiramente descendente de Davi¹¹.

⁷ Cf. Ibid., p. 46-47.

⁸ Cf. COYLE, K., *Maria tão plena de Deus e tão nossa*, p. 70-71.

⁹ Cf. KRIEGER, M., *Com Maria, a mãe de Jesus*, p. 25.

¹⁰ Cf. MURAD, A., *Maria, toda de Deus e tão humana*, p. 43-44.

¹¹ Cf. BROWN, R., *Maria no novo testamento*, p. 97.

Merece destaque a citação de Maria e de outras mulheres (Tamar, Raab, Rute e a mulher de Urias) na genealogia de Jesus, pois isto não era comum no judaísmo do século I. Evidencia-se tal afirmação pelo fato de que nenhuma das genealogias do veterotestamentárias apresenta nomes femininos com tal frequência. Possivelmente, Mateus pretende destacar a missão de Maria, que assumirá papel de destaque na história da salvação¹².

A maternidade de Maria e seus liames são apresentados por Mateus (Mt 1, 18-25), com a clara afirmação do anjo a José de que a gravidez de Maria é obra do Espírito Santo. Acrescente-se a isso, o fato de o evangelista relacionar o acontecimento à profecia de Isaías (7, 14) ao Emanuel (“Deus Conosco”). Ao questionar como teria o evangelista chegado a tal conclusão, Bruno Forte afirma que o encontro com o ressuscitado teve grande influência para a formação das narrativas da infância. Partindo de textos como At 13,32s (“A promessa, feita a nossos pais, Deus a realizou plenamente para nós, seus filhos, ressuscitando Jesus, como também está escrito nos salmos: Tu és o meu filho, eu hoje te gerei”) e Rm 1,3s (“Nascido da estirpe de Davi segundo a carne, estabelecido filho de Deus com poder por sua ressurreição dos mortos, segundo o Espírito de santidade, Jesus Cristo nosso Senhor”), o teólogo italiano compreende um paralelismo tão forte entre nascimento e redenção que diz:

Relida à luz pascal, a concepção de Jesus se apresenta então como evento trinitário, como obra do Espírito, como uma espécie de páscoa antecipada: “O que nela foi gerado vem do Espírito Santo” (Mt 1,20). Em Maria se realiza densamente o que aconteceu na morte e ressurreição do Senhor, história trinitária revelada para a nossa salvação: ela é o sóbrio, mas rico lugar do mistério no qual é compendiada e oferecida a plenitude escatológica dos tempos¹³.

Após a narrativa de Mateus, destacam-se os relatos do evangelista Lucas, intitulado por muitos como o “teólogo mariano”. Esse título deve-se ao fato de ser, entre os evangelistas, aquele que mais fala de Maria. Não somente por apresentar muitos fatos da sua vida, mas, sobretudo, por indicá-la como aquela que “encontrou graça junto de Deus” e que foi escolhida “bendita entre as mulheres” para ser a mãe de Jesus. Essas inferências encontram-se na cena da “Anunciação” (1, 26-38) que, mais propriamente, podemos chamar de “vocação

¹² Cf. Ibid., p. 88-89.

¹³ FORTE, B., *Maria, a mulher ícone do mistério*, p. 55-56.

de Maria”. Ressalta-se que, em toda a Bíblia, Maria é a única que recebe o título de “cheia de graça” (v. 26) ou, no original grego, *kekharitômenè* (κεχαριτωμένη):

No sexto mês, o anjo Gabriel foi enviado por Deus a uma cidade da Galileia, chamada Nazaré, a uma virgem desposada com um homem que se chamava José, da casa de Davi, e o nome da virgem era Maria. Entrando, o anjo disse-lhe: Ave, cheia de graça, o Senhor é contigo. Perturbou-se ela com estas palavras e pôs-se a pensar no que significaria semelhante saudação. O anjo disse-lhe: Não temas, Maria, pois encontraste graça diante de Deus. Eis que conceberás e darás à luz um filho, e lhe porás o nome de Jesus. Ele será grande e chamar-se-á Filho do Altíssimo, e o Senhor Deus lhe dará o trono de seu pai Davi; e reinará eternamente na casa de Jacó, e o seu reino não terá fim. Maria perguntou ao anjo: Como se fará isso, pois não conheço homem? Respondeu-lhe o anjo: O Espírito Santo descerá sobre ti, e a força do Altíssimo te envolverá com a sua sombra. Por isso o ente santo que nascer de ti será chamado Filho de Deus. Também Isabel, tua parenta, até ela concebeu um filho na sua velhice; e já está no sexto mês aquela que é tida por estéril, porque a Deus nenhuma coisa é impossível. Então disse Maria: Eis aqui a serva do Senhor. Faça-se em mim segundo a tua palavra. E o anjo afastou-se dela.

Em busca de um enriquecimento patristico para essa perícope, queremos recordar o comentário de Santo Agostinho acerca desse texto e o mistério da maternidade e os dons que Deus cumulou em Maria para que pudesse exercer sua missão. Diz o bispo de Hipona:

O santo Evangelho que lemos nos lembrou que o Arcanjo Gabriel foi enviado do céu pelo Senhor para anunciar a Maria que ela seria a mãe do Salvador. A humilde Virgem rezou silenciosa e escondida dos olhos dos mortais. O anjo falou com ela nestes termos: "Ave Maria", ele disse: "Eu te saúdo, cheia de graça, o Senhor está com você (Lc 1,28)." Ó anunciação miraculosa! Ó saudação celestial, trazendo a plenitude da graça e iluminando este coração virginal! O Anjo desceu sobre suas asas de fogo e inundou com clareza divina o lar e o espírito de Maria. Adjunto pelo Juiz Supremo e para preparar para seu Mestre uma mansão digna dele, o anjo deslumbrando uma luz suave entra neste santuário da virgindade, estritamente fechado aos olhos da terra: “Salve, Maria”, disse ele: “Saúdo-vos, cheio de graça, o Senhor está convosco”; Aquele que te criou te predestinou; Aquele que você tem que dar à luz encheu você com seus dons¹⁴.

Conforme afirma Jean Galot, o termo “cheia de graça” é raro, tanto na Escritura como na literatura profana. O seu significado nominal pode ser traduzido como: “aquela que recebe a graça”, mas, em sentido mais profundo, vê-se, no emprego dessa raríssima palavra, a intenção de exprimir um “grau eminente de beleza e de favor”. Afirma ainda que este termo é aplicado a Maria como se designasse um nome próprio a partir de um adjetivo verdadeiramente singular à sua pessoa. Por isso, a expressão não trata apenas de uma qualidade simples que

¹⁴ AGOSTINHO, Santo, *Sermão 5*.

possa ser encontrada em outras pessoas, mas sim se reporta a uma característica que define Maria como única e excepcional¹⁵.

Há, contudo, uma controvérsia da interpretação do *kekharitômenè* (κεχαριτωμένη), alguns entendem que a tradução mais apropriada seria ‘agraciada’ ao invés de ‘cheia de graça’. O Grupo de Dombes optou pela interpretação de ‘agraciada’, pois entendia que a plenitude da graça cabia apenas ao Verbo de Deus¹⁶. No entanto, a exegese católica tradicional prefere o termo ‘cheia de graça’, por vezes seguindo a linha de pensamento do *nunquam satis*. A interpretação ‘cheia de graça’ ressalta o privilégio de Maria, ou seja, a afasta da normalidade de vida esperada dos demais homens e mulheres, discípulos de Jesus. Por outro lado, a interpretação ‘agraciada’ ressalta a noção de ela ter sido constituída em graça para exercer uma missão específica, ou seja, ela é uma com todos os demais seguidores de Jesus. Além das discussões exegéticas, percebemos que as duas dimensões podem ser vistas na vida de Maria.

Segundo Jean Galot, a maternidade relaciona-se com expressão “cheia de graça” a partir dos seguintes aspectos:

No entanto, parece que o termo *kekharitômenè* exige mais que um favor externo. Não é que não seja verdade que conforme as explicações do Anjo, a graça atribuída a Maria tem por destino essencial a maternidade messiânica. Mas este destino não impede que, antes de se tornar mãe do Salvador, Maria tenha já recebido a graça. Antes de lhe expor a mensagem, o Anjo a vê e saúda como cheia de graça. Para exprimir diferença de pormenor contida no participio perfeito que é a palavra *kekharitômenè*, devíamos traduzir: “Aquele que recebeu a graça e continua a possuí-la”. Quer dizer: não se trata simplesmente do favor de que Maria fruirá quando nela se der a concepção do Filho, mas de uma graça anteriormente outorgada, que nela se conserva duradouramente. Além disso, esta graça pertence à Maria a título de propriedade pessoal, uma vez que o termo *kekharitômenè* equivale a um nome próprio e evoca a beleza que se desprende da pessoa¹⁷.

Igualmente paradoxal, na reflexão acerca da maternidade, é a passagem bíblica onde Lucas relata a visita de Maria à sua prima Isabel (Lc 1, 39-45), após o anúncio do Anjo e a descida do Espírito Santo sobre Maria. A ‘cheia de graça’ foi à casa de Isabel e, quando saudou sua prima, ouviu a exclamação: “Bendita és tu entre as mulheres e bendito o fruto de teu ventre! Donde me vem que a mãe do meu Senhor me visite? Pois quando tua saudação chegou aos meus ouvidos, a criança estremeceu de alegria em meu ventre. Feliz aquela que creu, pois o que

¹⁵ Cf. GALOT, J., *Maria e o evangelho*, p. 32-33.

¹⁶ Cf. GRUPO DE DOMBES, *Maria no desígnio de Deus e comunhão dos santos*, p. 148-153.

¹⁷ GALOT, J., *Maria e o evangelho*, p. 35-36.

lhe foi dito da parte do Senhor será cumprido” (Lc 1,45). A exclamação de Isabel possui a saudação especial ‘Bendita és tu entre as mulheres’; a importância dessa expressão é apresentada por Raymond Brown quando diz:

No Antigo Testamento, a frase inicial é dirigida a mulheres famosas da história israelita quando, diante de um perigo, colaboram para libertar o povo de Deus: Jz 5,24, “Bendita entre as mulheres Jael seja”; em Jt 13, 18, “Ó filha [Judite], bendita sejas para o Deus Altíssimo, mais que todas as mulheres da terra”, (também Gn 14, 19-20). Por um lado, semelhante bênção, invocada sobre Maria, reconhece que Deus se serviu dela no seu plano de salvação; por outro lado, o fato de semelhante bênção ser invocada sobre outros, nos impede de tomá-la demasiado em absoluto, como se, entre todas as mulheres da história, Maria fosse objeto da maior bênção. A mariologia posterior fará que Maria supere em santidade a todos os anjos e santos, mas isso não se pode inferir desse versículo¹⁸.

Tal saudação, outrora dita em referência às mulheres guerreiras que lutavam pela libertação do povo de Israel, agora se refere à Maria, que não exerce função militar. Podemos, a partir disso, concluir uma novidade evangélica: Maria está íntima e indispensavelmente associada à salvação, não pela luta ou pela espada, mas pela maternidade.

Além disto, Isabel reconhece que o “fruto do ventre” de Maria é bendito, declarando-a como a “mãe do Senhor”. João Batista, o precursor do Messias, estremece de alegria no ventre daquela que “era considerada estéril”, ao sentir a presença daquele de quem “ele não é digno de desamarrar a correia das sandálias”. Faz-se necessário reconhecer esta sucessão de acontecimentos como ações do Espírito Santo de Deus. Todas essas referências apontam que a preocupação constante da narrativa lucana da infância de Jesus é testemunhar a presença e a atuação do Espírito¹⁹. A resposta de Maria, diante das palavras de Isabel, manifesta-se no cântico do *Magnificat* (1, 46-55):

Minha alma engrandece o Senhor, e meu espírito exulta em Deus, meu Salvador, porque olhou para a humilhação de sua serva. Sim! Doravante as gerações todas me chamarão de bem-aventurada, pois o Todo-poderoso fez grandes coisas em meu favor. Seu nome é santo e sua misericórdia perdura de geração em geração, para aqueles que o temem. Agiu com a força de seu braço, dispersou os homens de coração orgulhoso. Depôs poderosos de seus tronos, e os humildes exaltou. Cumulou de bens os famintos e despediu ricos de mãos vazias. Socorreu Israel, seu servo, lembrado de sua misericórdia – conforme prometera a nossos pais – em favor de Abraão e de sua descendência, para sempre.

Ao meditarmos sobre a maternidade de Maria e o *Magnificat*, somos iluminados pela reflexão de Ratzinger que vincula o canto do *Magnificat* às bem-

¹⁸ BROWN, R., *Maria no novo testamento*, p. 148-149.

¹⁹ Cf. MÜLLER, A.; SATTLER, D., Mariologia. In: SCHNEIDER, T., *Manual de Dogmática*, v. 2, p. 148.

aventuranças, proclamadas por Jesus no Sermão da Montanha. Acerca dessa relação, o teólogo da Baviera infere:

[...] Maria incorpora, por sua vez, a continuidade no silêncio e na fé, que se consoma nos pobres de Israel, naqueles a quem são dirigidas as bem-aventuranças: felizes são os pobres “em espírito”. As bem-aventuranças são, fundamentalmente, apenas uma variação da parte central do Magnificat: expulsou dos tronos os poderosos e elevou os humildes. Esse trecho central do Magnificat é, ao mesmo tempo e acima de tudo, o centro da teologia bíblica do povo de Deus²⁰.

Podemos imaginar que, no discurso de Jesus sobre as bem-aventuranças, de certo modo, manifesta-se um traço do modo como Maria, uma judia conhecedora da antiga aliança, transmitiu a Jesus os ensinamentos da tradição do seu povo. Como era comum no ambiente judaico, o aprendizado da fé era feito por meio da educação familiar que os filhos recebiam pelos ensinamentos de seus pais, até completarem a idade mínima para irem à sinagoga e ao Templo de Jerusalém para ouvirem os ensinamentos dos rabinos²¹. Tal pensamento é importante e, por ser citado no Catecismo da Igreja Católica em referência ao crescimento de Jesus²², podemos comprovar sua relevância doutrinal. Em Lc 11, 27-28, lemos: “Enquanto ele assim falava, certa mulher levantou a voz do meio da multidão e disse-lhe: Felizes as entranhas que te trouxeram e os seios que te amamentaram!”. Ele, porém, respondeu: “Felizes, antes, os que ouvem a palavra de Deus e a observam”. Ao comentar esta perícopa, o biblista Horacio Bojorge afirma:

Ao inserir este episódio no seu evangelho, creio que Lucas quis explicitar no seu evangelho aquilo que, de acordo com o seu gosto, não ficava suficientemente explícito no relato de Marcos: que as palavras de Jesus, em respostas aos que lhe anunciavam a presença dos seus, encerravam um testemunho acerca de Maria²³.

O comentário de Jean Galot sobre o texto vai ao encontro do pensamento de Bojorge. O teólogo francês percebe que Jesus não considera suficiente o elogio que a mulher desconhecida faz à sua mãe, por isso Jesus teria rapidamente mostrado que a verdadeira bem-aventurança reside no cumprimento da vontade de Deus. Jean Galot aprofunda a ideia de Bojorge, ao dizer:

[...] A mulher tinha pensado espontaneamente que a Mãe de Cristo partilharia da sua bem-aventurança, estaria associada ao seu destino glorioso. Jesus sublinha que não será pelo simples título de mãe que Maria obterá essa felicidade, pois que Ele não veio conquistar alegrias terrenas para que a família participasse nelas: a alegria

²⁰ RATZINGER, J., *Filha de Sião*, p. 23-24.

²¹ Cf. BUCKER, B.; BOFF, L.; AVELAR, M., *Maria e a trindade*, p. 91-92.

²² Cf. CATECISMO da Igreja Católica. São Paulo: Loyola, 2000, n. 2599.

²³ BOJORGE, H., *A figura de Maria através dos evangelistas*, p. 19.

que vem anunciar é a alegria superior, própria do Reino de Deus, e a participação nessa alegria deriva do cumprimento da palavra divina²⁴.

Segundo nosso parecer, essa passagem poderia ser considerada chave de leitura para um trecho difícil do Evangelho de João e para visão que o Evangelho de Marcos apresenta sobre Maria; pois a resposta de Jesus, ao elogio feito à maternidade de Maria, põe-na em um nível mais alto que o privilégio de ser mãe biológica. Pelo elogio de Lucas 11, percebemos que Maria é bem-aventurada pelo fato de ser alguém que escuta a palavra de Deus e busca cumprir em sua vida o desígnio divino.

No Evangelho de João, existem algumas passagens que se referem indiretamente à “mãe de Jesus” (1, 13; 6,42; 7, 41-43; 8, 41), embora o seu nome nunca seja indicado, sabe-se que se refere a Maria. Ora chamada de ‘mãe de Jesus’, ora chamada de ‘mulher’, Maria aparece de forma mais substancial na perícopas das Bodas de Caná (2,1-12) e aos pés da Cruz (19, 25-27). Referindo-se à maternidade, é importante refletirmos sobre a expressão “Que há entre mim e ti?” (2,4), que aparece na passagem das Bodas de Caná. A importância de tal expressão deve-se ao fato de que, nas ocasiões em que aparece na Sagrada Escritura, ela é usada para rejeitar uma intervenção que se julga inoportuna ou para demonstrar a alguém que não se deseja ter qualquer relacionamento com ele. Tal reflexão é aprofundada por Jean Galot, quando pronuncia:

Trata-se de uma locução aramaica que encontramos noutros passos do Evangelho. Todas as vezes que ela aparece, é pronunciada pelos demônios ou os possessos, que se esforçam por repelir Jesus. Na boca dos demônios, essa expressão só pode significar a vontade de nada terem em comum com Cristo. Os exemplos desta locução no Antigo Testamento têm um significado semelhante: a recusa de admitir comunicação com aquele a quem é dirigida, [...] Em princípio, portanto, a expressão significa: “Que há de comum entre ti e mim?”, ver nela, não uma negação, mas uma declaração de comunidade, seria ir contra o seu sentido habitual nos livros sagrados. A menos que se queira forjar uma interpretação arbitrária, não ajustada ao texto, é preciso, portanto, reconhecer que *Cristo nega uma certa comunidade com a sua Mãe*”²⁵.

Pode parecer estranha a afirmação de que “*Cristo nega uma certa comunidade com sua mãe*”, é preciso aprofundar a reflexão sobre esta temática; nesse sentido o mesmo autor afirma:

Dizemos “uma certa comunidade”, porque é pelo contexto que se terá de ver de que comunidade se trata, e será evidentemente exagerado pretender que Jesus negou toda e qualquer comunidade com sua mãe. [...] Jesus afasta, pois, a ideia de

²⁴ GALOT, J., *Maria e o evangelho*, p. 174.

²⁵ GALOT, J., *Maria e o evangelho*, p. 172-173.

uma comunidade familiar com Maria, e só admite uma comunidade de ordem mais elevada no cumprimento da vontade do Pai. É apenas com fundamento nesta comunidade mais alta que sua Mãe pode partilhar da felicidade messiânica”²⁶.

Conforme afirmarmos anteriormente, essa reflexão alimenta a compreensão do Evangelho de Marcos, naquilo que tange o crescimento de Maria na fé: aquela que é mãe de Jesus, com o passar do tempo, vai se tornar sua mais perfeita discípula; por essa razão, veremos que Marcos a apresenta entre os membros da comunidade dos seguidores de Jesus.

Segundo os exegetas, o Evangelho de Marcos é o mais antigo, escrito antes da destruição de Jerusalém do ano 70 d.C. Marcos concentra-se, particularmente, na Paixão de Cristo, com uma ampla introdução sobre sua vida pública, mas não fala nada da infância de Jesus. Nesse Evangelho, Maria aparece apenas como a “Mãe de Jesus” no meio dos parentes.

Conforme afirma Afonso Murad, Marcos não se interessa por apresentar características particulares de Maria, “fala dela, mas não fala sobre ela”²⁷; ela está incluída no grupo dos seus familiares, com quem ele rompe laços tradicionais na busca da liberdade para anunciar o Reino de Deus.

Chegaram então sua mãe e seus irmãos e ficando do lado de fora, mandaram chamá-lo. Havia uma multidão entrada em torno dele. Disseram-lhe: “Eis que tua mãe, teus irmãos e tuas irmãs estão lá fora e te procuram”. Ele perguntou: “Quem é minha mãe e meus irmãos?” E, repassando com o olhar os que estavam sentados ao seu redor, disse: “Eis a minha mãe e os meus irmãos. Quem fizer a vontade de Deus, esse é meu irmão, irmã e mãe.” (Mc 3, 31-35)²⁸.

Na época de Jesus, no contexto palestino, o parentesco é uma forte instituição social. Conforme o costume da época, os clãs familiares devem ser preservados e fortalecidos, bem como a honra e o nome devem ser mantidos ilibados diante da sociedade. Esta grande dependência em relação à família afeta consideravelmente a autonomia pessoal, pois a pessoa não é tanto considerada em sua história e personalidade, mas prioritariamente como membro de uma família. Nesse sentido, entende-se a preocupação dos familiares de Jesus quanto ao nome da família e às atitudes de Jesus diante das multidões.

A fala de Jesus pode causar estranheza, pois aparenta um menosprezo de Jesus em relação à sua mãe e seus parentes próximos. Destaca-se, contudo, que,

²⁶ Ibid., p. 174.

²⁷ MURAD, A., *Maria, toda de Deus e tão humana*, p. 38.

²⁸ Como forma padrão, utilizaremos em nosso trabalho esta tradução para as citações bíblicas: BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2004.

na realidade, o evangelista busca evidenciar que o mais importante para Jesus não é a família biológica, os laços consanguíneos, ou qualquer relação que configure privilégios, mas sim a associação ao Reino de Deus, que ele veio anunciar. Essas pessoas associadas ao Reino de Deus pela fé constituem a nova família de Cristo, por isso, apresenta-se um cenário com dois grupos em contraposição: os familiares, que não compreendiam as atitudes de Jesus, e os discípulos que o seguem²⁹.

Conforme o pensamento de Giovanni Bigotto, faz-se necessária uma distinção entre a autoridade de Maria em relação aos demais familiares de Jesus:

Por que, na recusa da família de sangue, Jesus insiste na recusa à sua mãe? “Quem é a minha mãe”? Porque a mãe é a pessoa mais representativa da família de sangue, também a mais ligada, afetivamente, ao seu filho pelo amor, tempo, educação e sofrimento. Mil laços unem mãe e filho. A mãe é a mais autorizada para reclamar direitos sobre o filho. De certo modo, Jesus corta esses laços de sangue para criar oportunidades para todos os homens³⁰.

Já Hans Urs Von Balthasar afirma que a atitude de Maria deve-se distinguir da postura dos demais familiares, pois age como alguém que sabe mais sobre a pessoa de Jesus, embora seja apresentada junto ao restante do grupo e não pense em contradizê-los, nem busque uma separação deles. A razão disso deve-se ao fato de que “guardava tudo e meditava em seu coração”. Se por um lado, ela pertence àquela família sanguínea, como diz Balthasar, “a Imaculada pertence ao clã dos pecadores, a Sede da Sabedoria faz parte da parvoíce sem fundo da humanidade”. Por outro, tal parentesco não importa mais, pois o discipulado instaura uma família totalmente distinta: a família dos que creem em Deus e realizam a sua vontade³¹.

Observando sob perspectiva, Bruno Forte acrescenta que Maria também teve que crescer gradativamente em uma atitude de fé e, aos poucos, foi compreendendo a postura de Jesus diante de seus familiares e da missão que o Pai lhe confiara:

A família segundo a carne deve ceder o lugar à família “escatológica” e é convidada a transformar-se nela. Qual o lugar da mãe de Jesus em tudo isso? Que coisa nos diz dela esse episódio? Dela e de sua relação com o Filho? Ele parece mostrar um traço profundamente humano de Maria: como toda mãe solícita pela sorte do filho, também ela se preocupou com ele, não sem a influência dos vários parentes junto com quais ocorreu ao local. É, talvez, indigno atribuir esse

²⁹ Cf. MURAD, A., *Maria, toda de Deus e tão humana*, p. 38-40.

³⁰ BIGOTTO, G., *Esplendor da mãe*, p. 168.

³¹ Cf. BALTHASAR, H., *Maria para hoje*, 38-39.

comportamento à Virgem? Não é, se considerarmos seriamente os dados bíblicos concernentes *ao progresso da fé em Maria*, inicialmente ela mesma pode ter nutrido preocupações ainda muito humanas a respeito da missão e da obra de Jesus [...]. Também para a mãe era necessário avançar no caminho da fé; e ainda que isso fosse ressaltado pelo evangelista com a intenção de redimensionar possíveis pretensões da família de Jesus na Igreja judeu-cristã, longe de constituir um dado “antimariológico” provaria até a particular autoridade moral reconhecida à Mãe do Senhor. Se até ela teve de caminhar pelo itinerário da fé, como não terão de fazê-lo todos os seguidores do nazareno, ainda que pertencentes às famílias segundo a carne? A mãe, na humildade e na fadiga tão autenticamente humanas de sua peregrinação interior, já sobressai como figura exemplar do discípulo³².

Concluindo a etapa inicial deste capítulo, podemos perceber que ao caminharmos pelos meandros das principais passagens bíblicas sobre a maternidade de Maria, entendemos como se desenvolveu a fé em Maria, desde a compreensão da maternidade no contexto da História da Salvação até a compreensão dos novos laços familiares instaurados por Jesus. Assim sendo, continuamos nossa caminhada, a partir de agora com o intento de olharmos para Maria por este novo matiz, pois aquela que é mãe de Jesus será vista no próximo tópico sob a ótica da mais perfeita discípula.

2.2

Maria: Discípula de Jesus

Com o desenvolvimento de nosso trabalho, queremos neste ponto refletir sobre um segundo momento da peregrinação de Maria na fé: discípula de Jesus. Porém, distintamente dos demais discípulos, Maria inicia o seu discipulado antes mesmo de Jesus pronunciar sua primeira palavra e continuou aprendendo do seu filho até suas últimas palavras na cruz. Podemos imaginar que houve de fato uma interação entre mãe e filho, no sentido de que, enquanto Maria lhe ensinava, também se deixava ensinar. Junto ao filho que crescia em sabedoria, idade e graça, e aos poucos ia tomando consciência de sua vocação-missão messiânica e de sua identidade divina, Maria, também, crescia em sabedoria e discernimento e se transformava de mãe em discípula de seu filho³³.

Propomo-nos aqui uma reflexão acerca de algumas passagens bíblicas, que acreditamos serem relevantes para a compreensão da dimensão discipular de Maria, começando pela apresentação de Jesus no templo em Lucas 2, 22-36:

Quando se completaram os dias para a purificação, segundo a Lei de Moisés, levaram-no a Jerusalém a fim de apresentá-lo ao Senhor, conforme está escrito na

³² FORTE, B., *Maria, a mulher ícone do mistério*, p. 48-49.

³³ Cf. BUCKER, B.; BOFF, L.; AVELAR, M., *Maria e a trindade*, p. 91-92.

Lei do Senhor: “Todo primogênito do sexo masculino será consagrado ao Senhor” (Ex 13,2); e para oferecerem em sacrifício, como vem dito na Lei do Senhor, um par de rolas ou dois pombinhos. E havia em Jerusalém um homem chamado Simeão que era justo e piedoso; ele esperava a consolação de Israel e o Espírito Santo estava nele. Fora-lhe revelado pelo Espírito Santo que não veria a morte antes de ver o Cristo do Senhor. Movido pelo Espírito Santo, ele veio ao Templo, e quando os pais trouxeram o menino Jesus para cumprir as prescrições da Lei a seu respeito, ele o tomou nos braços e bendisse a Deus, dizendo: “Agora, Soberano Senhor, podes despedir em paz o teu servo, segundo a tua palavra; porque meus olhos viram a tua salvação, que preparaste em face de todos os povos, luz para iluminar as nações, e glória de teu povo, Israel”. Seu pai e sua mãe estavam admirados com o que diziam dele. Simeão abençoou-os e disse a Maria, sua mãe: “Eis que este menino foi posto para a queda e para o soerguimento de muitos em Israel, e como sinal de contradição - e a ti, uma espada traspassará tua alma! – para que se revelem os pensamentos íntimos de muitos corações”.

Na apresentação de Jesus no Templo, podemos perceber os primeiros passos da vivência de Maria como discípula de Cristo. A primeira coisa que se pode destacar é que o Espírito que agiu em Maria, depois em Isabel, agora atinge Simeão. Isto é, Maria, ao realizar aquilo que precisa, já se torna ícone do discipulado da Igreja, por isso, concordamos com Clodovis Boff quando declara que “Maria é a micro-história da Salvação. É o mistério da Salvação ‘concentrado’”³⁴.

Das palavras proféticas de Simeão “uma espada que traspassará o peito de Maria”, duas interpretações podem ser extraídas. A primeira delas refere-se ao que declara o livro *Maria no Novo Testamento*, segundo as análises dos autores.

A linguagem simbólica de uma espada que atravessa se encontra em Ez 14,17: “Que uma espada atravessasse a terra, e assim degolarei homens e animais”. A expressão volta a aparecer nos *Oráculos Sibilinos* (3.316) para descrever a invasão do Egito por Antíoco IV Epífanes (170 a.C aproximadamente): “Pois uma espada passará através de ti”. Assim, Lucas pode estar pensando na espada de um juízo discernidor, que separa os bons e maus (a “queda e soerguimento” de 34c), a que Maria também estará sujeita, para que se manifeste se seus pensamentos são os de uma pessoa de fé, ou são os pensamentos hostis dos que falam contra o sinal oferecido por Jesus³⁵.

A exegese ecumênica do texto considera que a espada é um juízo que Maria deveria passar, um grande sofrimento, não consideram que a espada traspassada seja o momento da cruz, pois o Evangelho de Lucas não retrata tal momento. Para eles, o sofrimento de Maria consiste em compreender que os laços gerados pela

³⁴ BOFF, C., *Introdução à Mariologia*, p.13.

³⁵ BROWN, R., *Maria no Novo Testamento*, p.169.

comunidade escatológica eram mais importantes que os laços biológicos entre ela e seu filho³⁶.

Abstraindo as questões de exegese, podemos perceber que as duas interpretações, seja a do afastamento de Jesus em relação a sua família biológica e a união de Maria à cruz de seu filho, concordam com o fato de que a espada de dor é sinônimo de sofrimento. Nisso percebemos mais uma nota característica do discipulado de Maria e, por isso, de toda a Igreja. Afinal, “se alguém quer ser meu discípulo, negue-se a si mesmo, toma a tua cruz e siga-me” (Mt 16,24). Maria, como discípula de Jesus, não poderia viver sem carregar a sua cruz. Isso, sem dúvida, foi feito por ela nas múltiplas dificuldades que teve na vida, mas a hora da cruz não pode ser tratada apenas como mais um problema cotidiano, mas como um acontecimento ímpar no seu relacionamento com Deus. Assim, como ocorreu com Maria acontece com todos os discípulos de Jesus, precisam desapegar-se cotidianamente das suas vontades para no momento crucial permanecer de pé como esteve Maria.

Por sua vez, Murad afirma que a “espada que traspasa a alma” se identifica com a Palavra de Deus, que é uma espada afiada (Is 49, 2), viva, eficaz e mais penetrante que espada de dois gumes (Hb 4, 12s). Jesus é a palavra encarnada e com suas atitudes, desafiou a muitas pessoas. De certa maneira, Maria também precisa dar um passo na fé, fazer a experiência de seguidora de Jesus e discípula do filho³⁷. Nesse mesmo sentido, concorda Bruno Forte ao afirmar que a ela “não será poupada a fadiga de crer”; sendo obediente às surpresas de Deus, Maria persevera até o fim. Lucas a apresenta como a mulher hebreia, pia e observante da Lei, que no cotidiano vê em seu filho Jesus, a realização das promessas feitas a Israel e participa desses acontecimentos em uma peregrinação da fé, marcada pelo confronto com a palavra de Deus que ressoa na vida, nas palavras e nos gestos de Jesus³⁸.

Outra passagem bíblica manifesta, de modo explícito, Maria em sua atitude discipular, como aquela que tem a capacidade de ouvir a Palavra de Deus e retê-la em seu coração. Essa dimensão de exímia ouvinte da boa nova do Evangelho pode

³⁶ Cf. Ibid., p.170.

³⁷ Cf. MURAD, A., *Maria toda de Deus e tão humana*, p.63.

³⁸ Cf. FORTE, B., *Maria, a mulher ícone do mistério*, p. 79-80.

ser encontrada no relato do encontro de Jesus no Templo. Como se pode ver no Evangelho segundo Lucas (2, 41-52):

Todos os anos, os pais de Jesus iam a Jerusalém para a festa da Páscoa. Quando completou doze anos, eles foram para a festa, como de costume. Terminados os dias da festa, enquanto eles voltavam, Jesus ficou em Jerusalém, sem que seus pais percebessem. Pensando que se encontrasse na caravana, caminharam um dia inteiro. Começaram então a procurá-lo entre os parentes e conhecidos. Mas, como não o encontravam, voltaram a Jerusalém, procurando-o. Depois de três dias, o encontraram no templo, sentado entre os mestres, ouvindo-os e fazendo-lhes perguntas. Todos aqueles que ouviam o menino ficavam maravilhados com sua inteligência e suas respostas. Quando o viram, seus pais ficaram comovidos, e sua mãe lhe disse: “Filho, por que agiste assim conosco? Olha, teu pai e eu estávamos angustiados à tua procura!” Ele respondeu: “Por que me procuráveis? Não sabíeis que eu devo estar naquilo que é de meu Pai?” Eles, porém, não compreenderam a palavra que ele lhes falou. Jesus desceu, então, com seus pais para Nazaré e era obediente a eles. Sua mãe guardava todas estas coisas no coração. E Jesus *ia crescendo* em sabedoria, tamanho e *graça diante de Deus e dos homens*.

É interessante notar a diferença entre o início e o fim dessa perícope. No início do trecho, os pais de Jesus o levam para a festa da Páscoa em Jerusalém, isto é, Jesus é levado para o Templo; porém, no final do texto, ‘Jesus desceu com seus pais’. Jesus optou por ser obediente, mesmo sabendo coisas que seus pais não compreendiam. Essa alteração é importantíssima para compreensão do discipulado de Maria como ouvinte da Palavra. Até os doze anos de Jesus, Maria meditava e guardava no seu coração as palavras do Antigo Testamento ou de alguma revelação especial que havia recebido. A partir do ensino de Jesus no Templo, ela medita sobre as palavras do próprio filho. Segundo Brown, o binômio incompreensão e meditação é o que caracteriza o discípulo antes da cruz e da ressurreição na literatura lucana, como diz o texto sobre *Maria no Novo Testamento*:

[...] é ideia de Lucas que a completa aceitação da palavra de Deus, a completa compreensão do que Jesus é, e o completo discipulado, não são ainda possíveis. Eles o serão pelo ministério de Jesus e em particular pela cruz e ressurreição. Não é por acaso que a reação final dos pais de Jesus na narração da infância demonstre grande semelhança com a reação dos discípulos de Jesus no terceiro anúncio da paixão: ‘Mas eles não entenderam nada. Esta palavra era obscura para eles’ (Lc 18,34). Mas, Lucas não deixa Maria com a nota da incompreensão: mas em 2,51b salienta que ela conservou o que ela ainda não tinha entendido e (implicitamente – Lc 2,19) a sua insistente procura de compreensão³⁹.

A busca que Maria apresenta por compreender as palavras de Jesus, não é apenas um exemplo que todos os discípulos de Jesus precisam seguir, mas sim uma tipologia de toda a Igreja. A incompreensão de Maria diante das palavras de

³⁹ BROWN, R., *Maria no Novo Testamento*, p.175.

Jesus, não é apenas uma imagem da incompreensão que os discípulos teriam ao ouvir Cristo falar da cruz, mas também representa a incompreensão da própria Igreja no seu esforço contínuo de compreender a palavra de Cristo. O esforço que Maria fez de compreender as palavras de Cristo é aquilo que, para a Constituição Dogmática *Dei Verbum* (DV), resume o trabalho da Tradição da Igreja.

Esta tradição apostólica progride na Igreja sob a assistência do Espírito Santo. Com efeito, progride a percepção tanto das coisas como das palavras transmitidas, quer mercê da contemplação e estudo dos crentes, que as meditam no seu coração (cfr. Lc 2,19 Lc 2,51), quer mercê da íntima inteligência que experimentam das coisas espirituais, quer mercê da pregação daqueles que, com a sucessão do episcopado, receberam o carisma da verdade. Isto é, a Igreja, no decurso dos séculos, tende continuamente para a plenitude da verdade divina, até que nela se realizem as palavras de Deus⁴⁰.

A citações implícitas de Lucas 2,19.51 são muito importantes para a Mariologia, pois ilustram, em todos esses momentos, Maria sendo apresentada como aquela que “conservava cuidadosamente os acontecimentos e os meditava em seu coração”; ela refletia em seu interior as palavras e gestos da vida de Jesus, deste modo se percebe a indispensável atitude de discípula. Percebemos que Maria é o modelo de escuta da palavra para todos os fiéis, conforme afirma Afonso Murad:

Ao desvendar a personalidade de Maria como discípula do Senhor, que ouve e medita os acontecimentos, Lucas toca, portanto, numa característica básica da espiritualidade bíblica. Em leitura contemporânea, diríamos que esse traço da personalidade de Maria diz respeito a todo ser humano maduro e equilibrado. [...] À medida que a pessoa exercita esta atitude de “guardar no coração” e “buscar sentido para os fatos” transforma-se num aprendiz, num discípulo. Quando acontece alguma experiência forte, ela vai além do nível elementar, da satisfação ou dor. Procura descobrir *o que aprendeu com a experiência*. Cada novo desafio se transforma em aprendizagem existencial⁴¹.

Além de ser modelo para os fiéis, o fato acontecido com Maria deve servir de inspiração também para aqueles que possuem a nobre missão de se aprofundar e transmitir a ciência teológica, isso nos afirma, ao refletir a citação de Lc 2,51, em sua homilia, o Papa Bento XVI por ocasião do aniversário de quarenta anos do Concílio Vaticano II:

Há quarenta anos, no dia 8 de Dezembro de 1965, na Praça diante desta Basílica de São Pedro, o Papa Paulo VI concluiu solenemente o Concílio Vaticano II. Ele tinha sido inaugurado, segundo a vontade de João XXIII, no dia 11 de Outubro de 1962, então festa da Maternidade de Maria, e teve o seu encerramento no dia da Imaculada. Uma moldura mariana circunda o Concílio. Na realidade, é muito mais

⁴⁰ DV 8.

⁴¹ MURAD, A., *Maria toda de Deus e tão humana*, p. 57-58.

do que uma moldura: é uma orientação de todo o seu caminho. Remete-nos, como então remetia os Padres do Concílio, para a imagem da Virgem à escuta, que vive na Palavra de Deus, que conserva no seu coração as palavras que lhe vêm de Deus e, reunindo-as como num mosaico, aprende a compreendê-las (cf. Lc 2,19, Lc 2,51); remete-nos para a grande Crente que, repleta de confiança, se coloca nas mãos de Deus, abandonando-se à sua vontade; remete-nos para a Mãe humilde que, quando a missão do Filho o exige, se põe de lado e, ao mesmo tempo, para a mulher corajosa que, enquanto os discípulos fogem, permanece aos pés da cruz. No seu discurso por ocasião da promulgação da Constituição conciliar sobre a Igreja, Paulo VI tinha qualificado Maria como *tutrix huius Concilii* "protectora deste Concílio" (cf. *Oecumenicum Concilium Vaticanum II, Constitutiones Decreta Declarationes*, Cidade do Vaticano 1966, pág. 983) e, com uma alusão inconfundível à narração do Pentecostes, transmitido por Lucas (cf. At 1,12-14), disse que os Padres se tinham reunido na sala do Concílio *cum Maria, Matre Iesu* e, também no seu nome, dele agora sairiam⁴².

A partir disso, é perceptível que Maria, de fato, é imagem de toda a Tradição da Igreja que medita e guarda a palavra em seu coração. Aqui se destaca a novidade de que Maria não é chamada imagem da Igreja apenas na Constituição Dogmática *Lumen Gentium* (LG) 8⁴³ como é o costume dizer, mas também, implicitamente, em DV 8.

Desejamos nos voltar novamente para Lucas 1, 26-38, na narrativa da Anunciação do Anjo à Maria, pois percebemos que este mesmo trecho evangélico pode iluminar nossa reflexão sobre constituição de Maria como mulher escolhida e discípula de Jesus. Esse fragmento é muito importante, pois o chamado de Maria para a sua missão materna se assemelha ao modo como todo cristão recebe a sua missão. Primeiro, é necessário que alguém anuncie a graça que existe no interior dos escolhidos, depois o mensageiro de Deus comunica a missão a ser executada e, por fim, o discípulo aceita a missão.

É importante olharmos essa perícope evangélica com um novo olhar, pois afirma que Maria foi constituída discípula pelo mesmo Jesus que um dia ela vai ouvir pregar. A primeira 'pregação' do Verbo Encarnado foi plenificar Maria com seus dons. Mais uma vez, a maternidade divina se vê unida à discipularidade de Maria. Assim, a maternidade é completada pela discipularidade e, o discipulado de Maria, existe em vista da sua maternidade. Diante disso, percebemos, com clareza, a inter-relação entre essas duas notas da pessoa de Maria.

Outro aspecto a ser destacado é a resposta de Maria, "eis aqui a escrava do Senhor". A exegese contemporânea tende a interpretar que essa resposta é a

⁴² BENTO XVI, Papa, *Homilia*, 08/12/2005.

⁴³ Este será nosso principal tema de aprofundamento no item 2.1.

versão lucana do surgimento da família escatológica de Jesus. Acerca disso, lê-se em *Maria no Novo Testamento*:

É significativa a reação de Maria à proclamação do anjo que inaugura o Evangelho. Sua frase 'Eis aqui a escrava do Senhor' faz eco à descrição bíblica da piedosa mãe de Samuel (1Sm 1,18). Porém, Maria é mais que uma santa do Antigo Testamento; pois o fato de ela ouvir a palavra de Deus e aceitá-la significa que cumpre o requisito da família escatológica que Jesus vai reunir. Embora lhe tenha sido dado um sinal (Lc 1, 36-37), é uma pessoa de fé, a quem basta a palavra de Deus. Para Lucas ela é a primeira discípula cristã⁴⁴.

Essa interpretação de Brown é muito significativa, pois evidencia que Jesus torna sua mãe discípula mesmo antes de começar a pregar. Chamar Maria de a primeira discípula ganha um relevo significativo para a compreensão de At 1,35. Nesse texto, a primeira discípula constituída em graça a receber o Espírito Santo, encontra-se com os discípulos que não de recebê-lo.

Essa mesma discípula, cheia do Espírito Santo, realiza na casa de Isabel aquilo que a Igreja fez com o mundo inteiro, isto é, preencher aqueles que ouvem a sua voz com o dom do Espírito. A dimensão do discípulo-missionário se apresenta na pessoa de Maria, com grande clareza, no texto da visitação (Lc 1, 39-56), podendo ser vista de duas formas. A primeira refere-se à chegada de Maria à casa de Isabel e, a segunda, ao canto do Magnificat. Manifesta, a primeira, a disponibilidade de Maria para o serviço, já que, após ter recebido a visita do anjo e a presença do Espírito Santo, ela sai apressadamente em missão para a casa da sua prima Isabel. Receber o Espírito para sair em missão e multiplicar a graça recebida a todos que precisem, afinal, como dizia Santo Ambrósio:

Aprende, santas mujeres, los cuidados que debéis prestar a vuestras parientas embarazadas. María, pues, que antes estaba sola en el mayor recogimiento, no fue detenida lejos del público por su pudor. La aspereza de las montañas no arredró su celo, ni lo largo del camino retardó sus servicios. Aprended también, vírgenes, de la humildad de María. Viene la cercana a la próxima, la más joven a la más anciana. Y no sólo viene, sino que también saludó la primera, por lo que sigue: "Y saludó a Isabel". Conviene, pues, que cuanto más casta sea una virgen, más humilde sea y deferente para los superiores en edad. Debe ser maestra en humildad la que profesa la castidad. Hay también una causa de piedad, porque el superior viene al inferior para asistirlo. María viene a Isabel, Cristo a Juan⁴⁵.

Essa interpretação é importante, pois manifesta Maria como exemplo de vida comunitária, isto é, como discípula de Jesus que vive o amor ao próximo entre seus parentes e no serviço dos necessitados. É interessante notar que Maria

⁴⁴ BROWN, R., *Maria no Novo Testamento*, p.138.

⁴⁵ AMBROSIO, Santo, *Catena Aurea* (Lc 1,39-45). In: *BIBLIA Clerus*, n. 9139.

não fez isso por uma ordem dada pelo Anjo ou por alguma lei que a obrigasse, mas sim porque a graça do Espírito Santo a impelia. Isso, mais uma vez, manifesta o discipulado de Maria, enquanto Jesus não era capaz de falar, o Espírito Santo a conduzia a servir e amar.

O modelo de mulher e virgem humilde que Santo Ambrósio põe na figura de Maria é, na realidade, estendido a todo cristão que, possuindo alguma graça ou capacidade maior que os outros, deve ir ao encontro do que possui menos para lhe servir e comunicar o Espírito Santo. Tal como Maria foi à Isabel, todo fiel da Igreja precisa ir ao encontro do próximo necessitado para servi-lo e comunicar-lhe o Espírito Santo. Eis o motivo pelo qual se poderia dizer junto a Clodovis Boff que Maria, realmente, foi a primeira evangelizadora⁴⁶.

Outro dado interessante a destacar-se é a comparação que o bem-aventurado Gueric d'Igny (+1157) faz com a visitação de Maria a Isabel e o anúncio dos profetas. Em um dos seus sermões, o bem-aventurado dizia:

Aqui está o Rei que vem, vai ao encontro do nosso Salvador (texto litúrgico). Salomão disse muito bem: O mensageiro de boas novas de um país distante é água fresca para a alma sedenta (Pv 25,25). Sim, é um bom mensageiro que anuncia a vinda do Salvador, a reconciliação do mundo, os bens do próximo século. Quão belos são os passos daqueles que anunciam a paz, que anunciam as boas novas (Is 52,7). Tais mensageiros são água refrescante e uma bebida salutar de sabedoria para a alma sedenta de Deus. Em verdade, aquele que anuncia a ele a vinda do Senhor, ou seus outros mistérios, dá-lhe a beber as águas da alegria das fontes do Salvador (Is 12,3). Além disso, para aquele que lhe traz este anúncio, seja Isaías ou qualquer profeta, esta alma responde, aparentemente, com as palavras de Isabel, porque foi regada ao mesmo Espírito: E como é-me dado que meu Senhor venha a mim? Pois quando a voz da vossa anunciação chegou aos meus ouvidos, o meu espírito saltou de alegria (cf. Lc 1,43-44) dentro de mim, no entusiasmo de ir ao encontro de Deus, seu Salvador⁴⁷.

A analogia do beato Gueric d'Igny é bastante elucidativa, pois ilustra uma dimensão pouco explorada da mariologia tradicional quando cita Is 52, 7. Os pés do mensageiro a que Isaías refere-se, fatalmente, são os profetas que anunciariam o retorno do povo Judeu a Jerusalém, por isso, o mensageiro de Isaías é profeta. A analogia do beato atribui esses pés bem-aventurados a Maria, ou seja, reconheceu nela uma dimensão profética. Assim, na imagem da visitação, Maria age como Apóstola, enquanto leva o Espírito Santo aos que ainda não o conhecem; age como profeta, enquanto anuncia o mistério da vinda do Senhor.

⁴⁶ Cf. BOFF, C., *Introdução a Mariologia*, p.53s.

⁴⁷ GUERRIC D'IGNY, *Sermon pour l'avent*. In: BIBLIA Clerus.

Passamos, pois, à reflexão sobre a vida pública de Jesus, onde também se ouviu um louvor importante acerca da condição de Maria como ouvinte da palavra. Esse louvor é uma bem-aventurança do Evangelho segundo São Lucas, porém, essa bem-aventurança só é pronunciada no contexto em que uma mulher elogia Maria pela sua maternidade. Diz o texto do Evangelho: “enquanto Jesus assim falava, uma mulher levantou a voz no meio da multidão e lhe disse: ‘Feliz o ventre que te trouxe e os seios que te amamentaram’. Ele respondeu: ‘Felizes, sobretudo, são os que ouvem a Palavra de Deus e a põem em prática’” (Lc 11, 27-28).

Acerca desse trecho do Evangelho, Brown afirma:

Na aparência, a bem-aventurança proferida pela mulher é um elogio a Maria. No entanto, literalmente o elogio é dirigido ao ventre ‘que te trouxe’ e aos seios ‘que te amamentaram’. O conjunto de ventre e seios é um circunlóquio judaico (Lc 23, 29), e a bem-aventurança da mãe pode consistir no filho que ela gerou; de sorte que o objeto primário do macarismo é o filho, não a mãe. Em todo caso, a bem-aventurança contraposta por Jesus no v.28 significaria que não se deve julgar a bênção de Deus por palavras maravilhosas e exorcismos (Lc 11, 24-26), mas pela obediente conservação da palavra de Deus⁴⁸.

Esse comentário é notável, pois admite um louvor a Maria devido ao seu ato de fé discipular, como modelo de escuta da palavra, e não somente pelo fato de ter sido escolhida para ser mãe do Salvador. Não é apenas pelas maravilhas realizadas no seu ventre que a bênção de Deus se manifestou, mas, sobretudo, pela sua obediência à palavra de Deus. Essa fala manifesta que a bem-aventurança mais profunda não se encontra nas exceções milagrosas, mas no cotidiano de uma vida de obediência na fé.

Ao voltarmos nosso olhar atento mais uma vez para o Evangelho de João e nos atermos nesse momento à temática do seguimento de Jesus realizado em sua vida pública, notamos a presença de Maria nas bodas de Caná (Jo 2, 1-11) e junto aos discípulos (Jo 2,12). Müller e Sattle apresentam essas duas passagens como evidências de que Maria realmente viveu no grupo dos discípulos de Jesus e tendo uma vida de serviço aos irmãos na fé⁴⁹.

A passagem das bodas de Caná tem grande valor para perceber o papel de Maria como servidora entre os discípulos de Jesus. O texto de João, claramente, manifesta essa dimensão quando diz: “Três dias depois, celebravam-se bodas em

⁴⁸ BROWN, R., *Maria no Novo Testamento*, p.185.

⁴⁹ Cf. MÜLLER, A.; SATTLE, D., *Mariologia*. In: SCHNEIDER, T., *Manual de Dogmática*, v. 2, p.145.

Caná da Galiléia, e achava-se ali a mãe de Jesus. Também foram convidados Jesus e os seus discípulos. Como viesse a faltar vinho, a mãe de Jesus disse-lhe: Eles já não têm vinho. Respondeu-lhe Jesus: Mulher, isso compete a nós? Minha hora ainda não chegou. Disse, então, sua mãe aos serventes: Fazei o que ele vos disser” (Jo 2,1-5).

Acerca desse texto, São Máximo de Turim (415) diz:

A bem-aventurada Maria disse-lhe: ‘Eles não têm vinho’. Jesus aparentemente irritado respondeu: ‘Mulher, o que você quer de mim?’ (Jo 2,3-4) Tais palavras são, sem dúvida, o sinal de descontentamento. Em minha opinião, no entanto, elas são explicadas pelo fato de que a mãe inesperadamente apontou para ele que havia uma falta de bebida material, quando ele veio oferecer aos povos de todo o mundo o novo cálice da salvação eterna. Ao responder: ‘Minha hora ainda não chegou’ (Jo 2,4), ele certamente profetizou a hora gloriosa de sua paixão, ou o vinho de nossa redenção que traria vida a todos. Pois Maria estava pedindo favor temporal, enquanto Cristo estava preparando uma alegria eterna. O bom Deus, no entanto, não hesitou em conceder essa graça menor, enquanto grandes graças eram esperadas. Maria Santíssima, porque ela era verdadeiramente a mãe do Senhor, viu em pensamento o que estava por vir e conheceu de antemão a vontade do Senhor. Então, ela tomou o cuidado de advertir aos servos com estas palavras: ‘Faça o que ele lhe disser’ (Jo 2,5). Sua santa mãe sabia seguramente que a palavra de reprovação que saía da boca de seu filho, o Senhor, não escondia o ressentimento de um homem irado, mas continha uma misteriosa compaixão⁵⁰.

São Máximo descreve uma Maria profundamente servidora e preocupada com aspectos da vida prática. Em primeiro lugar, o santo de Turim contrapõe o pedido da ‘bebida material’ com o ‘cálice da salvação eterna’. O texto deixa muito claro que Maria estava pedindo um favor temporal, enquanto Cristo preparava um favor espiritual. Isso evidencia a atenção que se deve ter às necessidades materiais daqueles que nos cercam.

Em segundo lugar, São Máximo diz que Maria viu em pensamento o que iria acontecer e, a partir disso, instruiu os servos que iriam presenciar o milagre. Desconsiderando as discussões acerca dos privilégios de Maria, que foram largamente tratadas nos séculos XVII e XVIII⁵¹, vale a pena destacar que o texto patrístico ilustra que Maria põe todos os seus recursos à disposição daqueles que precisam. Efetivamente, o texto confessa que Maria é discípula-servidora por não medir esforços em fazer o bem, mesmo quando esse bem é pequeno diante do bem maior. A delicadeza de preocupar-se com os pequenos detalhes em vista do

⁵⁰ MÁXIMO DE TURIM, Santo, Homilia 23 (PL 57. 274-276). In: BIBLIA Clerus, n.172.

⁵¹ Cf. GRUPO DE DOMBES, *Maria no desígnio de Deus e comunhão dos santos*, p. 54.

bem do outro, manifesta a sua dimensão de discípula daquele que entregou até última gota do seu sangue, quando, de fato, chegou a sua hora.

Notamos que a interpretação de Jo 2, 1-5 a partir da homilia de São Máximo de Turim, é profundamente coerente com alguns estudos exegéticos contemporâneos sobre o texto. O livro *Maria no Novo Testamento* foi escrito por uma junta de teólogos católicos e protestantes que visavam encontrar a imagem de Maria na Sagrada Escritura em si mesmo considerada. Referente ao versículo que diz: “Eles não têm vinho” (Jo 2,3), os teólogos declaram a possibilidade de uma coleção pré-evangélica de milagres feitos por Jesus em círculo familiar⁵². Essa hipótese contemporânea corrobora com São Máximo, pois ambos consideram que Maria possuía um conhecimento privilegiado acerca de Jesus que a possibilitaria saber que ele era capaz de resolver o problema do vinho.

Quando comenta o trecho “fazei tudo o que ele vos disser” (Jo 2,5), o livro destaca as ambiguidades e as múltiplas interpretações do texto. Nesse ponto, a exegese contemporânea diverge do pensamento de São Máximo, pois entendem que a fala de Maria não é uma intercessão, mas sim um grande ato de fé na misericórdia de Deus. A comparação seria com o texto de Mateus 15, 21-28 em que Jesus nega um milagre a um pedinte, e sua insistência o leva a realizá-lo. Outra possibilidade, também apresentada pela exegese contemporânea, seria a interpretação de que Maria manifestou uma ingênua confiança e uma falta de compreensão diante dos gestos de Jesus⁵³. Ambas as interpretações atingem o mesmo sentido teológico do discipulado de Maria diante dos gestos de Jesus.

Podemos, neste ponto, imaginar que o modo de crer de Maria está mais à frente dos demais, pois ela o conhecia mais profundamente; sendo sua mãe, conviveu com ele nos anos silenciosos de Nazaré e foi, no decorrer de sua vida pública, aprendendo a interpretar seus gestos e palavras. É preciso entender as palavras de Maria, “fazei o que Ele vos disser”, a partir da ótica não somente de uma mãe que conhece o filho, mas sim da perspectiva da discípula que conhece o mestre e confia que ele saberá qual a melhor decisão a ser tomada no constrangedor momento das Bodas de Caná, após a afirmação de que “eles não têm mais vinho!”.

⁵² Cf. BROWN, R. *Maria no Novo Testamento*, p.201.

⁵³ Cf. *Ibid.*, p.207.

O segundo texto que trata do discipulado de Maria é: “Depois disso, desceu para Cafarnaum, com sua mãe, seus irmãos e seus discípulos; e ali só demoraram poucos dias” (Jo 2,12). Esse trecho foi comentado por Santo Agostinho que dizia:

Numa passagem do evangelho, ao virem anunciar a Jesus, enquanto estava a falar com os discípulos, que sua mãe e seus irmãos encontravam-se fora, ele respondeu: “Quem é minha mãe e quem são meus irmãos?” E apontando para os discípulos com a mão, disse: “Aqui estão minha mãe e meus irmãos, porque aquele que fizer a vontade de meu Pai que está nos céus, esse será meu pai irmão, irmã e mãe” (Mt 12, 46-50). Logo isso também com Maria, visto que ela sempre está a fazer a vontade do Pai, não o fato de haver em sua carne gerado a sua própria carne. Que Vossa Caridade fique atenta (ainda a este ponto): Enquanto o Senhor suscitava a admiração do povo por causa de seus milagres e prodígios, manifestando o que ocultava em sua carne, alguém exclamou com admiração: “Felizes as entranhas que te trouxeram e os seios que te amamentaram!” Ele, porém, respondeu: “Felizes antes, os que ouvem a palavra de Deus e a observam” (Lc 11, 27.28). Isso significa: Minha mãe, ela mesma, a quem chamais de feliz, é feliz porque guarda a palavra de Deus. Não é feliz somente porque nela a Palavra “se fez carne e habitou entre nós” (Jo 1,14). É feliz, porque guardou essa mesma palavra de Deus, por quem foi feita e que nela se fez carne. Logo, que as pessoas não se alegrem por sua posteridade temporal, mas sim, exultem pelo espírito com que estão unidas a Deus⁵⁴.

Embora, esse texto de Santo Agostinho tenha um caráter apologético, por estar no contexto de defesa da virgindade perpétua de Maria, ele tem muito a revelar acerca do discipulado de Maria. O Santo chega a dizer que ‘os parentes não seriam irmãos se não fossem discípulos’, isto é, o parentesco de sangue não está em um nível de importância maior do que o discipulado. Essa percepção do texto de João 2,12 ilustra que, também para os padres da Igreja, Maria deve ser considerada em sua dimensão discipular, e não somente maternal.

Esse trecho do bispo de Hipona é significativo para a união entre o discipulado e a maternidade. Quando o trecho declara que Maria é feliz porque guarda a palavra de Deus, mediante a qual o Verbo se fez carne nela, na realidade, está dizendo que existe uma inseparabilidade entre o discipulado e a maternidade. O Verbo se fez carne no seio de Maria, porque ela já o tinha concebido em sua alma, ou seja, há uma dimensão discipular na maternidade divina, que não pode ser esquecida, e que é inseparável da encarnação.

Nesse mesmo sentido concorda Jean Galot, ao afirmar que a verdadeira bem-aventurança de Maria, não se acha no plano das alegrias humanas, mas no nível mais profundo das relações da alma com Deus, assim sendo a bem-

⁵⁴ AGOSTINHO. A Virgem Maria: Cem textos marianos com comentários, p. 147.

aventurança do Mãe do Senhor poderia ser vivida também por todos os seus discípulos e além disso fica claro que Ele não reconhece outro parentesco senão o da fé e da adesão à vontade divina⁵⁵.

A postura de Maria de ouvir a palavra de Deus e pô-la em prática não é apenas uma qualidade importante para o cristão, mas para o nosso tempo torna-se elemento essencial para o exercício do diálogo ecumênico. Maria não é apenas o ícone dos teólogos que meditam a Sagrada Escritura e propagam o Evangelho pelos tempos, mas também é modelo daqueles que dialogam para a unidade da Igreja. Isso pode ser percebido pela homilia realizada pelo papa Bento XVI, na semana de unidade para os cristãos, quando diz:

O primeiro ensinamento que tiramos deste episódio bíblico, evocado também no rito do batismo é que, na perspectiva cristã, a escuta é prioritária. A este propósito, Jesus afirma de modo explícito: "Felizes os que ouvem a Palavra de Deus e a põem em prática" (Lc 11,28). Antes, à Marta preocupada com muitas coisas, Ele diz que "uma só é necessária" (Lc 10,42). E, de tal contexto, resulta que esta única coisa é a escuta obediente da Palavra. Por isso, a escuta da Palavra de Deus é prioritária para o nosso compromisso ecumênico. Com efeito, não somos nós que realizamos ou organizamos a unidade da Igreja. A Igreja não se faz a si mesma e não vive por si própria, mas da palavra criadora que provém da boca de Deus. Ouvir a Palavra de Deus em conjunto; praticar a lectio divina da Bíblia, ou seja, a leitura ligada à oração; deixar-se surpreender pela novidade da Palavra de Deus, que nunca envelhece e jamais se esgota; superar a nossa surdez por aquelas palavras que não concordam com os nossos preconceitos e as nossas opiniões; ouvir e estudar, na comunhão dos fiéis de todos os tempos; tudo isto constitui um caminho a percorrer para alcançar a unidade na fé, como resposta à escuta da Palavra⁵⁶.

Ao contrário do que se poderia pensar, esse texto possui uma considerável relevância mariológica, pois o macarismo de Lucas 11, 28 não está em Mateus 5. Essa bem-aventurança foi emitida no contexto claro de louvor à fé de sua mãe; essa vinculação é tão grande que alguns biblistas costumam intitular esse versículo de Lucas como a bem-aventurança de Maria. Ao citar a referida perícopa, Bento XVI, implicitamente, apresentou Maria como ícone do discípulo que ouve a palavra e, por isso, é capaz de gerar a unidade da Igreja.

Além da categoria de ouvinte da palavra, o texto de Lc 11,28, também é importante quanto ao valor da maternidade. Essa dimensão é fundamental, pois une duas características fundamentais: maternidade e audição da palavra. A bem-aventurança, que une o louvor da sua maternidade ao louvor da sua fé, sobressalta

⁵⁵ Cf. Galot. J. Maria e a fé, p. 11-12.

⁵⁶ BENTO XVI, Papa, *Homilia na festa de conversão do Apóstolo São Paulo*, 25/ 01/ 2007.

a categoria ‘mulher de fé’. A maternidade divina trouxe à maternidade humana enquanto tal, um sentido novo, como se pode ler na carta *Mulieris dignitatem* (MD).

Na ordem da Aliança, que Deus realizou com o homem em Jesus Cristo, foi introduzida a maternidade da mulher. E cada vez, todas as vezes que a maternidade da mulher se repete na história humana sobre a terra, permanece sempre em relação com a Aliança que Deus estabeleceu com o gênero humano, mediante a maternidade da Mãe de Deus. Esta realidade não é talvez demonstrada pela resposta dada por Jesus ao brado da mulher que, no meio da multidão, o bendizia pela maternidade d'Aquela que o gerou: “Ditoso o seio que te trouxe e os peitos a que foste amamentado!”, Jesus responde: “Ditosos antes os que ouvem a palavra de Deus e a guardam” (Lc 11,27-28). Jesus confirma o sentido da maternidade relativa ao corpo; ao mesmo tempo, porém, indica-lhe um sentido ainda mais profundo, ligado à ordem do espírito: a maternidade é sinal da Aliança com Deus que é espírito (Jo 4,24). Tal é, sobretudo a maternidade da Mãe de Deus. Também a maternidade de toda mulher, entendida à luz do Evangelho, não é só da carne e do sangue: nela se exprime a profunda escuta da palavra do Deus vivo e a disponibilidade para guardar esta Palavra, que é palavra de vida eterna (cf. Jo 6,68). Com efeito, são os nascidos de mães terrenas, os filhos e as filhas do gênero humano, que recebem do Filho de Deus o poder de se tornarem filhos de Deus (Jo 1,12). A dimensão da Nova Aliança no sangue de Cristo penetra no gerar humano, tornando-o realidade e responsabilidade de novas criaturas (2Cor 5,17). A maternidade da mulher, do ponto de vista da história de todo homem, é o primeiro limiar, cuja superação condiciona também a revelação dos filhos de Deus (cf. Rm 8,19)⁵⁷.

Esse texto deixa claro que a maternidade não é apenas um ato biologicamente realizado, mas tornou-se um sinal da Nova Aliança instituída entre Deus e os homens no seio da Virgem Maria. Nenhuma aliança entre Deus e os homens foi tão profunda quanto a encarnação que se deu no ventre de Maria, isto é, a geração terrena do filho de Deus. Porém, essa dimensão não é restrita à Maria, pois todas as mães biológicas ou espirituais geram os filhos de Deus. Isso significa que existe uma dimensão própria da mulher no que tange ao discipulado de Jesus, somente ela é capaz de unir maternidade à escuta da palavra. Aquela bem-aventurança que, na Sagrada Escritura, foi destinada à Mãe do Filho de Deus, estende-se, por participação, às mães dos filhos de Deus. No fundo, a bem-aventurança de Maria a coloca não somente como modelo de discípulo em sentido genérico, mas também como modelo de discípula, em sentido específico.

⁵⁷ MD 19.

2.3

Maria: Mãe dos discípulos de Jesus

Chegamos, deste modo, ao momento culminante deste primeiro capítulo, onde almejamos aprofundar a reflexão acerca da maternidade que Maria exerce em relação aos discípulos de Jesus. Como ponto de partida, voltamos nosso olhar para a cena do Calvário:

Perto da Cruz de Jesus, permaneciam de pé sua mãe, a irmã de sua mãe, Maria, mulher de Cléofas, e Maria Madalena. Então, vendo sua mãe e, perto dela, o discípulo a quem amava, disse à sua mãe: “Mulher, eis aí teu filho!” Depois disse ao discípulo: “Eis aí tua mãe!” E a partir dessa hora, o discípulo a recebeu em sua casa (Jo 19, 25-27).

Estamos no momento decisivo da cruz, é chegada a “hora” a que João se referia em seu Evangelho. Jesus está em seus últimos momentos de vida. Novamente, aparece a “Mulher”, “de pé”, junto à cruz. Também está presente no Calvário o discípulo que Jesus amava. Nenhum dos dois é chamado pelo nome, mas com uma palavra que aponta, respectivamente, para o papel deles. A “Mãe” precede, representa a origem; o “discípulo” apreende, segue e continua. A Mãe representa o passado e o discípulo o futuro; a Mãe é o Israel fiel, o discípulo é o novo povo fiel que Jesus ama. Sim, trata-se de Maria e João, mas também, simbolizam essas duas grandes realidades da história da salvação. Na hora definitiva da Cruz, Jesus chama a mãe de “Mulher” e lhe entrega o “discípulo”. Trata-se do momento da passagem da aliança e da acolhida do novo filho. Ao discípulo, Jesus entrega a mãe, e, a partir daquele momento, “o discípulo a acolheu” (19,27). Temos aqui o fundamento da maternidade espiritual de Maria, para cada discípulo do Cristo. À Mãe e ao discípulo, misteriosamente unidos, Jesus entrega seu Espírito, sua vida, a vida mesma de Deus. “Inclinou a cabeça e entregou o Espírito” (19,30).

O Papa Bento XVI, em uma de suas homilias, disse:

A Cruz é realmente o lugar onde se manifesta perfeitamente a compaixão de Deus pelo nosso mundo. Hoje, ao celebrarmos a memória de Nossa Senhora das Dores, contemplamos Maria que partilha a compaixão do Filho pelos pecadores. Como afirmava São Bernardo, a Mãe de Cristo entrou na Paixão do Filho através da sua compaixão (cf. *Homilia do Domingo na Oitava da Assunção*). Ao pé da Cruz, cumpre-se a profecia de Simeão: o seu coração de Mãe é trespassado (cf. Lc 2,35) pelo suplício infligido ao Inocente, nascido da sua carne. Tal como Jesus chorou (cf. Jo 11,35), também Maria terá certamente chorado diante do corpo torturado do Filho. Todavia, a sua discrição impede-nos de medir o abismo da sua dor; a profundidade desta aflição é apenas sugerida pelo tradicional símbolo das sete espadas. Como sucedeu com seu Filho Jesus, é possível afirmar que este sofrimento levou-A também Ela à perfeição (cf. Hb 2,10), de modo a torná-La

capaz de acolher a nova missão espiritual que o Filho Lhe confia imediatamente antes de “entregar o espírito” (cf. Jo 19,30): tornar-Se a Mãe de Cristo nos seus membros. Naquela hora, através da figura do discípulo amado, Jesus apresenta cada um dos seus discípulos à Mãe dizendo-Lhe: “Eis o teu filho” (cf. Jo 19,26-27)⁵⁸.

Entendemos que, na perícopes evangélicas, Maria assume a maternidade espiritual de toda a comunidade cristã simbolizada em João, quando está junto a Jesus na sua Cruz. Nisto, concorda Afonso Murad, quando afirma:

Pela vontade de Jesus, Maria é adotada como mãe pela comunidade de todos os tempos. O discípulo amado, que representa a comunidade, recebe-a como mãe. Maria é investida nessa nova missão. Acolhe os membros da comunidade cristã como seus filhos. No início do quarto Evangelho, quando João Batista encaminha seus discípulos a Jesus (Jo 1, 29.36), as expressões são as mesmas utilizadas no relato da cruz: ‘ver’, ‘diz’, ‘eis’. E há também uma situação parecida: os primeiros discípulos vão para a casa de Jesus e permanecem com ele (Jo 1,39), e aqui Maria é acolhida pelo discípulo amado. As duas estão construídas com o mesmo gênero literário de apresentação solene, que têm certo caráter de revelação⁵⁹.

Observamos, ainda, um segundo argumento no que se refere à palavra usada pelo evangelista, quando demonstra o modo como João a levou para casa:

O discípulo amado representa a comunidade cristã, agraciada e escolhida por Jesus, para a qual ele dedica seu afeto e atenção. A comunidade recebe Maria como sua mãe. O evangelista diz: “A partir daquela hora, o discípulo a acolheu em sua intimidade/familiaridade” (cf. Jo 19, 27). Isto é: naquilo que é próprio de sua identidade, que o constitui como pessoa. Ele não usa a palavra grega *oikos* (=casa), mas sim *idia* (*ídiolos* = o que é mais característico de alguém)⁶⁰.

Raymond Brown faz-se crítico da interpretação que associa a mãe de Jesus à ‘mulher’ e o discípulo amado a todo cristão, pois segundo o autor,

[...] tal interpretação tropeçaria com a dificuldade de que em João 19, 25-27 seria necessário se considerar o tratamento de Maria, a mãe de Jesus individualmente, enquanto João, o discípulo amado, passaria a ser símbolo geral de todo povo cristão. Um modelo simbólico ordinário trataria a ambos, como indivíduos ou como entidades mais amplas⁶¹.

Embora Brown seja crítico da tradicional interpretação católica do texto, sua interpretação corrobora significativamente com essa visão, quando interpreta Jo 19, 25ss a partir das interpretações já dadas de Mc 3, 31-35; Jo 2,12 e Lc 8, 19-21; isto é, ele interpreta a cruz a partir da formação da família escatológica de Jesus, quando declara:

À luz desse modo de pensar, se tem sugerido que a nova relação materno-filial proclamada por Jesus em Jo 19, 26s reflete a substituição da sua família natural por uma família de discípulos, a família escatológica de que falamos em Mc 3, 31-35.

⁵⁸ BENTO XVI, Papa, *Homilia Santa Missa com os doentes*, 15/07/2008.

⁵⁹ MURAD, A., *Maria, toda de Deus e tão humana*, p.98-99.

⁶⁰ MURAD, A., *Maria, toda de Deus e tão humana*, p. 99.

⁶¹ Cf. BROWN, R. *Maria no Novo Testamento*, p.229.

Vimos que, na opinião de Marcos, os membros da família física não estão entre os que Jesus aponta como sua família escatológica de discípulos, isto é, aqueles aos quais diz: “Eis aqui a minha mãe e os meus irmãos!” Lc 8,19-21. No entanto, modificou o significado da cena, incluindo membros da família física na família dos discípulos: “Minha mãe e meus irmãos são aqueles que ouvem a palavra de Deus e a põem em prática”. Quer conheça quer não a cena de Marcos, também João altera a visão de Marcos no sentido de Lucas. A desatenção para com Maria em Caná e a cuidadosa distinção entre mãe/irmãos e discípulos em Jo 2,12 combinam com o tema de Marcos; mas, na cruz, Jesus concede à sua mãe física uma função espiritual, enquanto mãe do discípulo por excelência, o qual, enquanto filho dela, desempenhará também uma função. Emerge assim uma relação de família em termos de discipulado. Como em Lucas, a mãe física de Jesus satisfaz ao critério da família escatológica, mas, seus irmãos físicos, não (7,1-10 – e aqui João discorda de Lucas). Esses são substituídos pelo discípulo amado, que não é parente natural, mas alguém especialmente querido⁶².

Bruno Forte entende que “o diálogo do Filho com a mãe e o discípulo sela, portanto, o cumprimento de ‘tudo’, da obra confiada pelo Pai (Jo 4,34;5,36;17,4): é como se, para executar perfeitamente a sua obra, o Filho tivesse de pronunciar aquelas palavras supremas”⁶³. Isso mostra a densidade simbólica que existe nesse diálogo, por isso, Forte declara:

Por isso, o jogo simbólico do texto mover-se-ia assim entre quatro registros: a) relação entre dois significados coletivos (Israel-Igreja); b) relação entre um significado coletivo e um individual (Igreja-cada crente); c) relação entre um significado individual e um coletivo (a mãe de Jesus e a Igreja); d) relação entre dois significados individuais (a mãe de Jesus e cada crente). A densidade simbólica do conjunto corresponderia às intenções últimas do quarto Evangelho: a relação Israel-Igreja iluminaria a tensão dialética entre a comunidade joanina e a Sinagoga; o jogo de relações Igreja-cada crente e Maria-Igreja-discípulo seria motivo de consolação e de confiança diante dos combates da perseguição e das dificuldades decorrentes do retardamento da parusia⁶⁴.

Jean Galot destaca que a fala de Jesus, ‘tudo está consumado’, não menciona qual seja a passagem da Escritura que corresponda a essa fala. Deste modo, a intenção de Cristo seria, realmente, apresentar o lugar de Maria em todo plano redentor. A partir da leitura de Jo 16, 21, Jean Galot interpreta a cruz como a hora do parto doloroso de Maria, ao declarar:

É aquele misterioso parto enunciado pela proposição – “Mulher, eis o teu filho”. Pronunciando estas palavras, Cristo faz de Maria *a mulher em quem se cumpre de maneira integral a participação na obra redentora, por um parto doloroso seguido de alegria*. A imagem proposta por Cristo, na véspera, tornou-se realidade plena em Maria, e será difícil pretender que esta realização não estava na intenção do Mestre. Dá-se, também, aqui a concretização de uma imagem muito frequente no Antigo Testamento, que compara as dores que hão de assinalar o Dia de Javé à dor

⁶² Ibid., p. 226-227.

⁶³ FORTE, B., *Maria, a mulher ícone do mistério*, p. 89-90.

⁶⁴ Ibid., p. 92.

da mulher que dá à luz. A imagem estava, pois, associada à da salvação messiânica⁶⁵.

A interpretação de Jean Galot da expressão “desde essa hora o discípulo a teve em sua casa” tem grande significado para a mariologia e para a compreensão da maternidade, que Maria exerce sobre os discípulos de Jesus, quando o autor afirma:

Ele dá assim à Maria o que recebeu de Jesus. E, já que a sua atitude é o modelo da atitude do Discípulo para com Maria, é por ele que alcançamos esta verdade universal: que, depois da partida de Cristo deste mundo, *a intimidade com Ele supõe, da parte do cristão, uma intimidade filial com Maria*. Todo discípulo, seja ele quem for, deve, na sua vida espiritual, levar Maria para sua casa como mãe⁶⁶.

O outro momento que entendemos ser essencial para a visão teológica da compreensão de Maria, como mãe dos discípulos de Jesus, é o relato que Lucas faz nos Atos dos Apóstolos, a saber: “Todos estes [os onze apóstolos], unânimes, perseveravam na oração com algumas mulheres, entre as quais Maria, a mãe de Jesus, e com seus irmãos” (Atos 1,14). Diferentemente de outras menções, aqui o nome de Maria é citado explicitamente e, colocado em posição de destaque, em relação às outras mulheres.

Ao analisar a presença de Maria no grupo fundacional da Igreja, o grande teólogo e mariólogo Stefano De Fiores afirma:

Maria é a única mulher apresentada com o seu nome e com a sua função cristológica: “mãe de Jesus”. Com a sua presença, que testemunha a realidade histórica da encarnação, é o elemento de continuidade entre a origem de Cristo e o nascimento da Igreja, ambos obra do Espírito, como também entre o grupo das mulheres e o clã familiar de Jesus. Não está apenas integrada plenamente na comunidade pós-pascal, mas, segundo João, ela é por Cristo crucificado declarada mãe de todos os discípulos amados (Jô 19, 25-27)⁶⁷.

No contexto pós-pascal dos Atos dos Apóstolos, são descritos os primeiros passos da comunidade cristã, a igreja primitiva e nascente, e, dentre os seus membros, a presença de Maria é de suma importância. Afinal, sendo ela aquela que “guardava todas as coisas em seu coração”, é a testemunha fiel e histórica de Cristo para a comunidade dos fiéis, nisto concorda Brown, quando afirma:

Ele se contenta com mostrar Maria, quando a menciona pela última vez, unânime com aqueles que constituíam a nascente Igreja de Pentecostes, entregue à oração que tanto marcaria a vida daquela Igreja. Pode ser que não soubesse muito mais que isso sobre sua vida posterior, mas tem o cuidado de traçar um desenho coerente dela, desde o primeiro anúncio da boa nova até as vésperas da vinda do Espírito,

⁶⁵ GALOT, J., *Maria e o evangelho*, p.254.

⁶⁶ *Ibid.*, p. 248.

⁶⁷ DE FIORES, S., *Eis aí tua mãe*, p. 119.

que impulsionaria a difusão daquela boa nova desde Jerusalém até os confins da terra. A primeira resposta de Maria à boa nova foi: “Eis aqui a escrava do Senhor; faça-se em mim segundo a tua palavra”. A verdadeira relevância de At 1,14 está em recordar ao leitor que a atitude dela não se modificou⁶⁸.

Dois termos significativos: a perseverança e a concórdia. Nessa perfeita caridade, Maria está presente, partícipe da perseverança, da concórdia e da oração. Continuando com a visão de Lucas, anteriormente indicada, pode-se afirmar que Maria é o modelo do discípulo e do crente que persevera na fé, vive em concórdia com os irmãos e em comunhão com o Senhor por meio da oração confiante.

Ainda que a presença de Maria não seja citada explicitamente por Lucas, nos Atos dos Apóstolos, durante a narrativa da vinda do Espírito Santo em Pentecostes (At 2,1), o teólogo Pedro Iwashita lembra que, a tradição da Igreja sempre teve uma aceitação pacífica de que ela esteve presente, nesse momento fundamental e marcante, da efusão do Espírito Santo nos membros da Igreja primitiva. Uma vez que a “ação carismática pentecostal tem, em Maria, seu paradigma; ela é o modelo dos discípulos que, de forma sensível e vivencial, receberam o Dom do Espírito Santo em Jerusalém⁶⁹”.

Vale ressaltar que, Maria já havia tido em uma experiência inigualável com o Espírito Santo no momento da anunciação, quando o anjo lhe dissera: “O Espírito Santo virá sobre ti e o poder do Altíssimo vai te cobrir com a sua sombra” (Lc 1, 35), o fruto desde primeiro Pentecostes, em Nazaré, será a o dom da maternidade de Maria, Mãe de Jesus. No cenáculo de Jerusalém, se realizará em Maria uma nova maternidade, conforme afirma o Cardeal Joseph Ratzinger:

No Pentecostes, no momento do nascimento da Igreja, graças ao Espírito Santo, isto se torna concreto: Maria está no centro da comunidade orante que, graças à descida do Espírito, se torna Igreja. A correspondência entre a encarnação de Jesus, em Nazaré, pelo poder do Espírito Santo e o nascimento da Igreja no Pentecostes, é iniludível. ‘A pessoa que une estes dois momentos é Maria’⁷⁰.

Ao refletir sobre a imagem emblemática de Pentecostes e a presença de Maria junto aos discípulos deste contexto, Giuseppe Forlai afirma que ela é “Mãe Espiritual” pois exerce o ministério de invocar o Espírito para os irmãos do Filho que ainda vivem neste mundo, uma verdadeira epiclese que une a Mãe aos irmãos do Filho. Assim sendo a maternidade de Maria não é uma simples metáfora, mas

⁶⁸ BROWN, R., *Maria no Novo Testamento*, p. 191.

⁶⁹ IWASHITA, P., *O Espírito Santo na vida e na missão de Maria*, p. 98.

⁷⁰ RATZINGER, J.; VON BALTHASAR, H., *Maria, Primeira Igreja*, p. 54.

está intimamente ligada ao mistério da invocação contínua do Espírito, sem a qual a Igreja não existiria⁷¹.

Concluimos com a contemplação de Maria reunida com a comunidade dos discípulos, na consumação de sua peregrinação da fé, percebemos que, inicialmente como a Mãe de Jesus e, passando durante o ministério público do Filho, a ser participante de tal comunidade, a ponto de tornar-se também ela discípula do próprio filho, finalmente de modo nítido é vislumbrada como a Mãe dos discípulos de Jesus no Cenáculo de Pentecostes.

⁷¹ Cf. FORLAI, G., *Mãe dos Apóstolos*, p. 51-52.

3

3 Maria: Do Concílio Vaticano II à Conferência de Aparecida

Partindo do arcabouço oferecido no capítulo precedente pela reflexão da Sagrada Escritura e de algumas fontes patrísticas da Tradição, queremos neste capítulo continuar nossa reflexão sobre a maternidade de Maria como fonte inspiradora da dimensão materna da Igreja, a partir de então recorrendo às fontes do magistério eclesiástico moderno, partindo do Concílio Vaticano II, e suas consequências nos documentos pontifícios de Paulo VI e João Paulo II até chegarmos à realidade eclesial da América Latina em sua mariologia manifestada no Documento de Aparecida.

3.1

“A bem-aventurada Virgem Maria Mãe de Deus no Mistério de Cristo e da Igreja” – Uma leitura sistemática-pastoral de *Lumen Gentium* VIII

Nesta seção, almejamos um aprofundamento teológico no capítulo oitavo da Constituição Dogmática *Lumen Gentium* devido ao fato de ser considerado o principal e mais relevante texto do Concílio Ecumênico Vaticano II sobre Maria. Para um estudo sólido, consideramos de fundamental importância uma aproximação histórica das principais tendências da mariologia no contexto pré-conciliar. Entendemos que essas correntes tiveram influência direta nas discussões conciliares e na elaboração do documento sobre o qual estamos refletindo.

Referente ao contexto histórico, Candido Pozo destaca com grande importância o Congresso Mariológico-Mariano de 1958 ocorrido em Lourdes. A influência desse Congresso deve-se ao fato de ter sido a ocasião da tomada de consciência sobre as duas principais tendências existentes na mariologia da época: tendência cristotípica e tendência eclesiotípica. Os mariólogos sentiam-se interpelados à tomar parte em alguma das duas vertentes, pois aspiravam uma sistematização total da mariologia através de alguma das duas vertentes. Destaca-

se, porém, que a principal distinção entre as linhas de pensamento dava-se pela concepção da cooperação de Maria na obra da redenção⁷².

Ao analisar a linha cristotípica, Pozo afirma:

Em termos gerais, pode-se dizer que a tendência cristotípica insiste, antes de tudo, na maternidade divina de Maria, porque ela pertence à ordem hipostática. Deste princípio fundamental, derivam-se todos os demais privilégios de Maria, esses privilégios explicam-se em um paralelismo com os privilégios do próprio Cristo, ao qual Maria está intimamente associada; por outra parte, é obvio que seja Cristo o ponto de referência, pois pertencendo Maria à ordem hipostática, não se pode assinalar outro ponto de referência fora de Cristo mesmo, em quem a união hipostática teve lugar⁷³.

Por outro lado, ao se debruçar sobre a tendência mariológica eclesiotípica, afirma:

A tendência eclesiotípica insiste em que o primeiro princípio, de que todos os demais se derivam, é que Maria é tipo da Igreja: existe um paralelismo entre Maria e a Igreja, e esse paralelismo considera que os privilégios de Maria devam entender-se em analogia com as notas ou propriedades da Igreja⁷⁴.

Assim sendo, conclui-se que os teólogos adeptos da primeira tendência entendem que a mariologia deve ser refletida em relação à cristologia, enquanto os adeptos da segunda tendência acreditam que a mariologia deve ser entendida em relação à eclesiologia.

No livro *Maria Nueva Eva*⁷⁵, Pozo ilustra sua reflexão acerca da controvérsia ocorrida durante o Concílio Vaticano II em torno do título “Mãe da Igreja”. Conforme suas análises, os mariólogos de vertente cristotípica queriam a proclamação do título apesar de considerarem-no como uma afirmação da transcendência de Maria sobre a Igreja; essa afirmação, por sua vez, serviria de confirmação magisterial à sua vertente teológica. Os mariólogos de tendência eclesiotípica, por sua vez, manifestavam reservas quanto ao título, pois queriam evitar um título que sugerisse uma transcendência de Maria sobre a Igreja. Os mariólogos eclesiotípicos admitiam que Maria é mãe dos fiéis, porém, essa maternidade deveria ser vista em paralelo com a maternidade da Igreja, ou seja, para essa tendência, há um paralelismo entre as maternidades espirituais de Maria e da Igreja⁷⁶.

⁷² Cf. POZO, C., *Maria, nueva Eva*, p. 7.

⁷³ *Ibid.*, p. 8-9.

⁷⁴ POZO, C., *Maria, nueva Eva*, p. 9.

⁷⁵ Para as citações desta obra: tradução nossa.

⁷⁶ Cf. *Ibid.*, p. 10.

Acerca do paralelismo entre as maternidades de Maria e da Igreja, podemos apresentar o testemunho de Santo Agostinho, que declara no seu sermão 195:

Este é o mais belo entre os filhos dos homens, filho de Santa Maria, esposo da Santa Igreja, a que fez semelhante à sua Mãe: porque a fez mãe para nós e a conservou virgem para si. [...] Há, portanto, uma integridade perpétua e uma fecundidade incorrupta da Igreja como de Maria. Porque o que ela mereceu na carne, esta (a Igreja) conservou na mente, só que ela deu à luz a um e esta dá a luz a muitos que hão de reunir-se em unidade pelo único⁷⁷.

Após o encerramento do Congresso de Lourdes, Juan Alfaro apresenta uma proposta evitando elementos de superficialidade especulativa e buscando independência das duas tendências mariológicas conflitantes. Ele procurou acentuar a importância do *sim* de Maria diante do Arcanjo Gabriel na Anunciação. Para Alfaro, o assentimento de Maria deve ser interpretado como colaboração imediata na obra da salvação, pois a encarnação não é um fato separado da redenção, mas, em si mesmo, um acontecimento soteriológico desde o princípio. Assim, a maternidade não é apenas um processo biológico, mas, em sentido mais profundo, é uma união da vida e do destino da mãe e do filho por toda a vida. Por isso, o “sim” de Maria não se refere apenas à geração terrena de Cristo, mas também ao assentimento de unir-se a ele na sua vida, nas alegrias e nas dores. A anunciação do anjo atribui à Maria um novo valor de responsabilidade moral, pois ao longo de sua vida precisa desenvolver e aprimorar o assentimento que foi dado na anunciação e que culminou no supremo momento da cruz do seu filho. Por isso, Alfaro entende que a presença de Maria junto à Cruz no calvário é uma cooperação imediata na obra da Salvação tão grande quanto o “sim” do dia da anunciação⁷⁸.

Diante desses pressupostos teológicos e históricos, é possível compreender as razões pelas quais não se desenvolveu nenhum documento exclusivamente mariano no Concílio Vaticano II. Clodovis Boff relembra que houve, no tempo do Concílio, uma grande discussão acerca da possibilidade ter um documento à parte destinado à Virgem Maria. A discussão foi tão acirrada que a posição vigente ganhou por uma margem de apenas 40 votos no total de 2.193 votantes. Segundo Clodovis Boff, a novidade principal de tratar Maria dentro de algum documento deu-se no campo da perspectiva de inserir Maria no arco completo da História da

⁷⁷ AGOSTINHO, Santo, Sermão 195, 2 apud POZO, C., *Maria, nueva Eva*, p. 14-15.

⁷⁸ Cf. ALFARO, J., *Significatio Mariae in Mysterio Salutis*, 22-23 apud POZO, C., *Maria, nueva Eva*, p. 24-26

Salvação, isto é, considerar a especulação sobre Maria no interior do mistério de Cristo e da Igreja⁷⁹.

Assim sendo, percebemos que o desejo de renovação do Concílio Vaticano II também se manifesta na mariologia a partir dessa nova orientação dada aos estudos sobre Maria. Essa nova orientação favorece uma ‘reentrada’ da mariologia na teologia da qual se havia destacado. Nesse novo modelo, o mariólogo busca uma organicidade do discurso mariológico com o todo da teologia a fim de evitar as desvantagens do isolamento, a perda de sentido de globalidade, a polarização sobre Maria e um desenvolvimento unidimensional da teologia. Com essa reaproximação, a mariologia passou a ser favorecida pelas contribuições dos diversos tratados teológicos de sorte que se torna um fruto da reflexão global. Por fim, reduz-se a pretensão de organicidade autônoma em vias de uma renovação estética e experiencial sobre as vias histórico-salvíficas⁸⁰.

Doravante, aprofundaremos nossa reflexão sobre Maria na sua relação com Cristo e a Igreja através de uma leitura sistemática do oitavo capítulo da Constituição Dogmática *Lumen Gentium*. Ressaltando o valor da encarnação, o proêmio destaca a prioritária relação existente entre “A Bem aventurada Virgem Maria no Mistério de Cristo”, quando diz:

Este mistério divino de salvação se nos revela e perpetua na Igreja, que o Senhor constituiu como Seu corpo. Unidos a Cristo como cabeça e em comunhão com todos os Seus santos, os fiéis devem venerar também a memória “primeiramente da gloriosa sempre Virgem Maria, Mãe de Deus e de nosso Senhor Jesus Cristo⁸¹”.

Em seguida, o documento conciliar apresenta a relação entre “A Bem-aventurada Virgem e a Igreja”, quando afirma:

A Virgem Maria, [...] por um vínculo estreito e indissolúvel, é dotada com a missão sublime e a dignidade de ser Mãe do Filho de Deus, e por isso filha predileta do Pai e sacrário do Espírito Santo. Por este dom de graça exímia supera de muito todas as outras criaturas, celestes e terrestres. Mas ao mesmo tempo está unida, na estirpe de Adão, com todos os homens a serem salvos. Mais ainda: “é verdadeiramente a Mãe dos membros (de Cristo) que cooperou pela caridade para que na Igreja nascessem os fiéis que são os membros desta Cabeça”. E por causa disso é saudada também como membro supereminente e de todo singular da Igreja, como seu tipo e modelo excelente na fé e caridade. E a Igreja Católica, instruída pelo Espírito Santo, honra-a com afeto de piedade filial como mãe amantíssima⁸².

⁷⁹ Cf. BOFF, C., *Introdução à mariologia*, p. 93-94.

⁸⁰ Cf. DE FIORES, S., *Dicionário de Mariologia*, p. 893.

⁸¹ LG 52.

⁸² LG 53.

Nos primeiros parágrafos, o texto busca favorecer uma visão ampla da relação Maria-Cristo-Igreja. As relações observadas podem distinguir-se entre aquelas que evidenciam a eminente singularidade de Maria e aquelas que apresentam os limites dos elogios marianos em virtude de ser uma criatura. Essa dialética teológica de afastamento e proximidade de Maria em relação à criatura favorece o surgimento de uma mariologia contida e essencial. A razão para buscar uma mariologia com essas características é a necessidade de fugir dos maximalismos triunfalistas ou dos minimalismos declinantes⁸³.

Além disso, o proêmio de *Lumen Gentium* VIII visa uma exposição sobre a missão de Maria em sua participação no mistério de Cristo e a Igreja, porém não pretende propor uma doutrina completa sobre Maria, nem sequer resolver novos questionamentos levantados pelos teólogos da época. A partir desse posicionamento, os padres conciliares propuseram indiretamente que as discussões teológicas continuassem seu desenvolvimento com toda liberdade para que encontrem uma mariologia consistente e segura.

A tensão dialética apresentada no parágrafo precedente pode ser resumida na sentença de LG 54 que declara: “(A Virgem Maria) na Santa Igreja ocupa o lugar mais alto depois de Cristo e o mais perto de nós”. No seu comentário a *Lumen Gentium*, García Garcez faz uma paráfrase Alberto Magno que dizia: “entre ser Filho de Deus por natureza e ser Deus, e ser filho de Deus por adoção e não ser Deus, há um meio, que consiste em ser Mãe de Deus por natureza e não ser Deus. Logo, imediatamente, depois de ser Deus, vem o ser Mãe de Deus”⁸⁴.

Durante a segunda parte do capítulo supracitado, os padres conciliares desenvolvem a reflexão sobre “a missão da Bem-aventurada Virgem na economia da salvação” e sua presença na Sagrada Escritura⁸⁵. O texto parte das profecias do Antigo Testamento que aludem à Mãe do Messias, passa pelas predições acerca da Filha de Sião e atinge seu cume no Anúncio do Anjo Gabriel. Este anúncio, por sua vez, é entendido à luz do novo testamento como realização dos prenúncios vetero-testamentários. O texto desenvolve-se através de uma meditação acerca da

⁸³ Cf. BOFF, C., *Introdução à mariologia*, p. 96-98.

⁸⁴ GARCÍA GARCEZ, N., *Comentários à constituição sobre a Igreja-Concílio Vaticano II*, p. 946.

⁸⁵ Acreditamos que não seria necessário nos atermos demasiadamente neste ponto, pelo fato de já termos desenvolvido a presença de Maria na sagrada escritura durante o primeiro capítulo de nosso trabalho de pesquisa. (Cf. LG 55-59).

presença de Maria nos principais momentos da vida de Jesus (infância e ministério público), da influência de Maria na Igreja nascente e da sua assunção gloriosa.

Ao tratar da relação entre Maria e a Igreja no âmbito da obra redentora, o texto de *Lumen Gentium* declara:

Um só é o nosso mediador segundo as palavras do Apóstolo: “Porque um só é Deus, também há um só Mediador entre Deus e os homens, o homem Cristo Jesus, que se entregou para redenção de todos” (1Tm 2, 5-6). Todavia a materna missão de Maria a favor dos homens de modo algum obscurece nem diminui esta mediação única de Cristo, mas até ostenta sua potência, pois todo o salutar influxo da Bem-aventurada Virgem a favor dos homens não se origina de alguma necessidade interna, mas do divino beneplácito. Flui dos superabundantes méritos de Cristo, repousa na Sua mediação, dela depende inteiramente e dela aufere toda a força. De modo algum impede, mas até favorece a união imediata dos fiéis com Cristo⁸⁶.

A partir do texto acima, Clodovis Boff defende que a posição de Maria na Igreja deve ser entendida a partir da noção de “mediação participada” da única mediação de Cristo. Por isso, afirma-se que, em Maria, há “uma mediação por Cristo, com Cristo (mas não em plena simetria) e em Cristo, nunca, porém, sem Cristo ou no lugar de Cristo”⁸⁷. Conforme esse entendimento apresentado por Clodovis Boff, é possível perceber que a principal preocupação dos padres conciliares era enfatizar o caráter cristocêntrico da missão mediacional de Maria em vias de afastar-se das ambiguidades problematizantes no campo ecumênico e da pastoral popular⁸⁸. A proposta para evitar essas dificuldades é a apresentação da mediação de Maria na ótica da maternidade como uma missão a ser executada. Essa mesma abordagem foi assumida, posteriormente, pela Encíclica *Redemptoris Mater* (RM) que insistia na afirmação de que a mediação materna de Maria assume, para nós, a forma de intercessão. Dizia a referida Encíclica:

Trata-se de uma mediação especial e excepcional, fundada na sua “plenitude de graça”, que se traduzia na total disponibilidade da “serva do Senhor”. Em correspondência com essa disponibilidade interior da sua Mãe, *Jesus Cristo preparava-a* cada vez mais para ela se tornar para os homens “mãe na ordem da graça”. [...] Depois da “partida” do Filho a sua maternidade permanece na Igreja, como mediação materna: intercedendo por todos os seus filhos, a Mãe coopera na obra salvífica do Filho-Redentor do mundo. [...] Com a morte redentora do seu Filho, a mediação materna da serva do Senhor revestiu-se de uma dimensão universal, porque a obra da Redenção abrange todos os homens. Assim se manifesta, de modo singular, a eficácia da única e universal mediação de Cristo

⁸⁶ LG 60.

⁸⁷ BOFF, C., *Introdução à mariologia*, p. 105.

⁸⁸ Cf. *Ibid.*, p. 105-106.

“entre Deus e os homens”. A cooperação de Maria *participa*, com o seu caráter subordinado, *na universalidade da mediação do Redentor*, único Mediador⁸⁹.

A partir dos comentários de Marceliano Llamera, é possível esclarecer o que significa a afirmação de que Maria é nossa ‘Mãe intercessora’ no céu. Para Llamera, todos os poderes estão na dependência do poder de Deus, pois só ele é onipotente. Entre esses múltiplos poderes existe a intercessão, que se torna tanto maior quanto o intercessor é mais agradável diante de Deus. Ou seja, no exercício da providência divina, tem mais poder aquele que possui a mais perfeita oração. Assim, é possível compreender que Maria seja chamada “onipotência suplicante”. Santo Tomás de Aquino explica o que seja esse poder intercessor quando dizia: “como a oração pelos demais procede da caridade, quanto os santos do céu são mais perfeitos em caridade, tanto mais rogam pelos caminhantes e quanto são mais íntimos a Deus, tanto mais eficazes são seus rogos”⁹⁰. Com tais afirmações Llamera reforça a tese da primazia de Maria na sua intercessão pela humanidade:

Quem pode ser comparado a Maria no amor a Deus, a seu divino Filho, aos irmãos de seu Filho? Quem pode ser comparado com ela em intimidade com Deus? Que intercessão, portanto, pode ser comparada em eficácia com a intercessão de Maria? Sem contar que a intercessão de Maria, como já indicamos, é *função oficial* de sua maternidade espiritual, que perdura em seus cativantes pedidos até ver alcançada a vida eterna de todos os seus filhos⁹¹.

Além das fundamentações bíblicas e contemporâneas, os padres conciliares enriqueceram os textos da *Lumen Gentium* com inúmeras fontes patrísticas. Entre essas, destacamos Santo Ambrósio, que parece ter sido o primeiro entre os grandes padres da Igreja a postular que a Mãe de Deus seja um tipo da Igreja na ordem da fé, da caridade e da perfeita união com Cristo. Assim como a Igreja é mãe e virgem, Maria também o é; por isso, no mistério da Igreja, a Bem-aventurada Virgem Maria ocupa a eminente e singular posição de modelo de virgem e mãe⁹².

Em busca de um desenvolvimento teológico do paralelismo entre Maria e Igreja, o Concílio apresenta Maria como exemplo para a Igreja. Maria foi mãe pelo assentimento à palavra de Deus, a Igreja é mãe quando gera novos filhos para a vida nova do Espírito Santo pela pregação da palavra e pela água do batismo.

⁸⁹ RM 39-40.

⁹⁰ Cf. LLAMERA, M. La Virgen María. In: GONZALEZ, M., *Concílio Vaticano II: comentários à constituição sobre a Igreja*, p. 1026.

⁹¹ *Ibid.*, p. 1026.

⁹² Cf. LG 63.

Além da maternidade, a Igreja também inspira-se em Maria quanto à virgindade, isto é, guarda a palavra que lhe foi entregue pelo seu Esposo de forma íntegra e pura. Essa interpretação pode ser vista na obra de Clodovis Boff, que entende a virgindade da Igreja no documento como se referindo à “virginitas fidei”. Esta ‘virgindade da fé’ consiste em guardar uma fé íntegra, pura, isenta de todo erro e livre de heresias que a possam macular. Acerca do argumento tipológico em si mesmo considerado, Clodovis faz sua a compreensão de Hugo Rahner que sentenciava “Maria é a ‘Igreja concentrada’ e a Igreja é ‘Maria extensa’”⁹³.

Schillebeeckx também apresenta uma contribuição para o argumento tipológico quando diz:

Maria é o arquétipo de toda a Igreja, e a Igreja não é todavia plenamente Igreja mais que nela. A significação de *tipos*, tipo ou arquétipos, que os Padres gostam de empregar neste sentido, não se reduz a ser somente um exemplo ou modelo. O sentido é claramente mais rico. Designa, antes de tudo, uma figura humana, uma pessoa cuja história e condição final manifesta as intenções salvíficas de Deus sobre o povo eleito. O que Deus projeta para sua Igreja, o manifesta claramente na imagem acabada da Virgem Maria⁹⁴.

Além da relação tipológica, o documento conciliar também apresenta Maria como modelo de santidade. Isso se deve ao fato de que suas virtudes, principalmente a fé, esperança e caridade, bem como seu exemplo de obediência à vontade divina servem de inspiração aos fiéis. A piedosa meditação e contemplação das atitudes de Maria à luz da encarnação conduz a Igreja a uma compreensão mais profunda do mistério de Deus, pois a proclamação das virtudes e o culto da Bem Aventurada Virgem Maria conduz os fiéis ao encontro de seu Filho amado. Por fim, o concílio propõe Maria como exemplo das virtudes apostólicas, pelo fato de ser exemplo de afeto ao próximo. O concílio pontua que o afeto materno deve ser fonte de animação para todos os cooperadores da missão apostólica em vista da regeneração da humanidade através do Evangelho⁹⁵.

Em relação ao culto da Bem-aventurada Virgem Maria na Igreja, vale recordar que “desde tempos remotos” a súplica mariana *Sub tuum praesidium* é entoada piedosamente pelos cristãos. Além disso, o hino mariano mais antigo que se tem notícia já se referia à Maria como Mãe de Deus (*Theotókos*). Após o Concílio de Éfeso, porém, como lembraram os padres conciliares, a veneração,

⁹³ BOFF, C., *Introdução à mariologia*, p. 112-113.

⁹⁴ SCHILLEBEECKX, P., *Marie, Mère de la Rédemption*, p. 128, 1963 apud LLAMERA, M., *La Virgen María*, p. 1034.

⁹⁵ Cf. LG 65.

o amor, a invocação e a imitação da Virgem só tem crescido maravilhosamente. Diante disso, é possível notar que a história do cristianismo cumpre as palavras proféticas do *Magnificat* que dizia: “Chamar-me-ão bem-aventurada todas as gerações, porque fez em mim grandes coisas o Poderoso” (Lc 1,48). Embora seja grande a veneração mariana desde tempos remotos, os padres conciliares fizeram questão de distinguir o culto de adoração que se presta ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo (*latria*) e as formas de piedade devotadas à santa Mãe de Deus (*hiperdulia*). O culto de *hiperdulia* é um ‘culto especial e inteiramente singular’, em virtude disso, deve ser aprovado pela Igreja e permanecer “dentro dos limites da sã e ortodoxa doutrina, segundo as condições dos tempos, lugares, a índole e a capacidade dos fiéis”, isto é, no culto de *hiperdulia* busca-se a veneração da Mãe que conduz à adoração do Filho⁹⁶.

Sobre o tema da *hiperdulia*, podemos destacar a obra de José de Aldama que defende a necessidade de destacar uma paridade entre o culto mariano e o culto comum prestado aos santos. Segundo Aldama, o culto mariano deve estar necessariamente situado ao lado dos santos e não ao lado de Deus, porém, isso não significa uma absoluta paridade entre o Maria e o demais santos. Aldama defende que dentro da categoria *dulia* (culto prestado aos santos), deve-se destacar um culto especial e singular devido à dignidade e excelências sobrenaturais da Virgem Maria. Essa singularidade é tão íntima e tão vital quanto a união entre a mãe e seu filho. Devido a essa unidade especial, Maria encontra-se em uma perspectiva muito acima do plano ordinário dos santos⁹⁷.

Por conseguinte, a Igreja não venera a Virgem Maria apenas com o culto de *dulia*, porém tampouco pode prestar a ela um culto de *latria*. Por isso, é necessário considerar o termo peculiar *hiperdulia* em vias de manifestar a paridade sem esconder a singularidade. Esse termo foi cunhado pela teologia medieval do século XIII exatamente para manifestar essa diferença. Acerca desse termo afirmava Tomás de Aquino:

A nenhuma criatura racional se deve o culto de *latria*. Não sendo, pois, a Virgem senão uma criatura racional, não se deve a Ela a adoração de *latria*, se não somente a veneração de *dulia*; isso sim, de um modo superior ao das demais

⁹⁶ Cf. LG 66.

⁹⁷ Cf. CONCÍLIO TRIDENTINO, sessão 25 apud ALDAMA, J., *La Virgen María*, p. 1070.

criaturas em quanto que é a Mãe de Deus. E por isso se diz que compete a Ela não uma *dulia* qualquer, senão a *hiperdulia*⁹⁸.

Acerca da prática devocional, o Concílio determinou a maneira como se deveria desenvolver o estudo, o culto e a pregação sobre a Virgem Maria. O concílio apresenta três dimensões fundamentais da “verdadeira devoção”, a saber, “fé verdadeira” ao invés de “vã credulidade” (dimensão intelectual); “amor filial” ao invés de “estéril e transitório afeto” (dimensão afetiva); e, por fim, “imitação” ao invés de “simples invocação” (dimensão prática).

Ao abordar a temática do culto das imagens, o Concílio Vaticano II faz um resgate histórico e reafirmativo da doutrina já pronunciada nos Concílios de Nicéia II e Trento. Acerca deste último, destacamos a seguinte afirmação:

É preciso conservar e manter, sobretudo nos templos, as imagens de Cristo, da Virgem Mãe de Deus e dos outros santos; e há que tributar-lhes a honra e a veneração devidos. Não porque pensemos que se esconde neles a divindade ou poder algum que seja a razão de venerá-las, não porque haja que pedir algo diretamente a elas, não porque se haja de depositar nelas a confiança, como faziam antigamente os pagãos que colocavam sua esperança nos ídolos, senão porque a honra que se lhes dá redunde no protótipo que elas representam; de maneira que, por meio das imagens que beijamos, ou diante das que descobrimos ou nos ajoelhamos, adoramos a Cristo e veneramos aos santos, cuja semelhança expressam⁹⁹.

Aos teólogos e pregadores da palavra divina, o concílio exorta encarecidamente que “se abstenham com cuidado tanto de todo falso exagero quanto de uma excessiva mesquinhez de alma ao tratarem da singular dignidade da Mãe de Deus”. Segundo o parecer do Concílio, deve-se encontrar um justo caminho para a devoção e o culto mariano tendo o estudo da Sagrada Escritura, dos Santos Padres, dos Doutores, das liturgias da Igreja e o direcionamento do Magistério como fundamento da explicação teológica.

Sobre o ecumenismo, o concílio, por um lado, manifesta sua alegria em relação aos orientais separados que possuem um “impulso fervente e ânimo devoto ao culto da sempre Virgem Mãe de Deus”. Por outro lado, declara que se evite “tudo aquilo que possa induzir ao erro os irmãos separados ou quaisquer outras pessoas acerca da verdadeira doutrina da Igreja”. Entendemos que o objetivo ecumênico será alcançado à medida que o esforço para cultivar o modelo

⁹⁸ S. Th. III q.25 a.5.

⁹⁹ CONCÍLIO TRIDENTINO, sessão 25 apud ALDAMA, J., *La Virgen María*, p. 1070.

mariológico conciliar comece a dar frutos. Por fim, recomenda-se afincadamente a intercessão de Maria pela unidade dos cristãos.

No encerramento do capítulo VIII da *Lumen Gentium*, encontramos o chamado dos padres conciliares a todos os fiéis para que olhem a Maria como “sinal da esperança segura e do conforto ao peregrinante povo de Deus”, pois a glorificação de Maria em “corpo e alma” torna-a “imagem e começo da Igreja”. Assim sendo, “a santa Igreja a contempla com alegria como uma puríssima imagem daquilo que ela mesma anseia e espera ser”¹⁰⁰. Conforme muito bem observa Clodovis Boff, o privilégio da Assunção da Mãe de Jesus só é singular quanto ao modo (corpo e alma) e às circunstâncias (imediatamente após o fim de seus dias), porém não é privilégio quanto à sua essência, pois todos os fiéis também podem participar desta mesma esperança¹⁰¹.

O documento faz ainda um elogio aos “irmãos separados”, especialmente aos orientais (“ortodoxos”) que, com “fêrvido impulso e coração devoto”, prestam culto à “sempre Virgem Mãe de Deus” (Aeiparthénos Theotókos). A última afirmação é uma exortação a todos os fiéis para que “supliquem” à Mãe de Deus sua intercessão pela paz no mundo, a fim de que todos os povos possam viver tranquilamente no único povo de Deus.

A partir disso, vimos o modo esplêndido como a Igreja procurou refletir sobre a Mariologia no Concílio Vaticano II. A mariologia conciliar não busca uma doutrina completa sobre Maria, mas pretende apresentar uma visão profunda da inigualável relação de Maria no mistério de Cristo e da Igreja.

3.2

Marialis Cultus e Redemptoris Mater: a maternidade de Maria no culto e na vida da Igreja

Tendo passado dez anos da promulgação da *Gaudium et Spes*, Paulo VI promulgou, em 2 de fevereiro de 1974, a Exortação Apostólica *Marialis Cultus* (MC) para desenvolver uma mariologia contemporânea. O objetivo principal era dar orientações que retificassem o desenvolvimento do culto à Bem-aventurada Virgem Maria. A orientação principal do documento pode ser resumida no pensamento de que a devoção mariana origina-se e assume eficácia a partir de

¹⁰⁰ SC 103.

¹⁰¹ Cf. BOFF, C., *Introdução à mariologia*, p. 118.

Cristo, encontra completa expressão em Cristo e conduz ao Pai, no Espírito, por meio de Cristo¹⁰².

A partir dessa orientação primordial, o documento foi capaz de apresentar alguns problemas contemporâneos referentes ao culto mariano, declara a Exortação:

O Concílio Vaticano II já denunciou, autorizadamente, tanto o exagero de conteúdos ou de formas, que vai até o ponto de falsear a doutrina, como a mesquinhez de mente que chega a obscurecer a figura e a missão de Maria; de igual modo alguns desvios culturais: a vã credulidade, que a uma aplicação séria substitui o dar-se facilmente a práticas apenas exteriores; o estéril e passageiro impulso do sentimento, tão alheio ao estilo evangélico, que exige esforço perseverante e efetivo. Nós reiteramos a deploração destas coisas: não são formas em harmonia com a fé católica e, por conseguinte, não devem subsistir no culto católico¹⁰³.

Em virtudes dos objetivos a que se propõe esse trabalho, buscaremos apenas o aprofundamento da reflexão acerca da “Virgem Maria, modelo da Igreja no exercício do culto”. Nessa parte da Exortação, Maria é apresentada como a “Virgem que sabe ouvir, que acolhe a Palavra de Deus com fé; fé, que foi para ela prelúdio e caminho para a maternidade divina”, pois tendo acolhido a mensagem do anjo “ela deu à luz Aquele que a concebera”. Tal atitude de Maria serve de inspiração para a Igreja, pois esta também é chamada a escutar com fé, acolher, proclamar e venerar a Palavra de Deus. Destacando-se, evidentemente, a veneração da Palavra de Deus na Sagrada Liturgia através da qual a Igreja se nutre e dá alimento aos fieis¹⁰⁴.

Lina Boff afirma que:

Maria sabe ouvir porque sabe silenciar e perscrutar a Palavra de Deus que cai mansamente em seu coração, em sua mente e em sua vida como um todo. Ela é modelo para toda a Igreja nessa escuta, sobretudo na liturgia onde a Palavra se faz comida e bebida para todos os fiéis que participam da celebração eucarística, ponto culminante de toda a liturgia eclesial. Assim alimentada a Igreja-Povo perscruta os sinais dos tempos, interpreta e vive os acontecimentos da história que interpela a todos¹⁰⁵.

Maria é a “Virgem dada à oração” conforme se pode perceber no *Magnificat* que, em uma única oração, manifesta glorificação a Deus, humildade, fé e esperança. Eis a razão pela qual o *Magnificat* é considerado a oração mariana por excelência. Não apenas oração de Maria, mas também oração da Igreja, pois Santo

¹⁰² MC, int.

¹⁰³ MC 38.

¹⁰⁴ Cf. MC 19.

¹⁰⁵ BOFF, L., *Mariologia, interpretações para a vida e para a fé*, p. 116-117.

Irineu via no cântico de Maria uma antecipação profética da voz da Igreja. Acerca disso, dizia o bispo de Lion: “exultante, Maria clamava, em lugar da Igreja, profetizando: a minha alma glorifica o senhor...”. Percebe-se que as palavras de Maria prolongaram-se na oração de toda Igreja em todos os tempos. Dessa forma, seguindo o exemplo de Maria, a Igreja apresenta ao Pai as necessidades dos seus filhos, intercede pela salvação de todo o mundo e louva ao Senhor sem cessar¹⁰⁶.

A Exortação Apostólica resgata algumas afirmações conciliares e reapresenta uma comparação tipológica da maternidade prodigiosa de Maria e da Igreja quando considera a seguinte analogia: tal como a “Virgem-Mãe que pela sua fé e obediência, gerou na terra o próprio Filho de Deus Pai, sem ter conhecido varão, por obra e graça do Espírito Santo”, a Virgem-Igreja torna-se mãe por meio da pregação e do batismo gerando filhos concebidos por ação do Espírito Santo e nascidos de Deus para uma vida nova e imortal¹⁰⁷.

São Leão Magno, em uma homilia natalícia, ensina que Maria tornou-se Mãe do Filho de Deus pela obra do mesmo Espírito que regenera os filhos da Igreja na pia batismal.

A origem que [Cristo] assumiu no seio da Virgem [Maria], coloca-a na fonte do batismo: Ele conferiu à água aquilo que deu à Mãe; com efeito, a virtude do Altíssimo e a sombra do Espírito Santo (Lc 1,35), que fizeram com que Maria desse à luz o Salvador, são o mesmo que faz com que a ablução regenere aquele que crê¹⁰⁸.

Conforme o entendimento de Lina Boff, a vida de Maria nos ensina que a virgindade significa uma entrega exclusiva a Deus. A virgindade materna de Maria, no mistério da Igreja, manifesta uma perfeita imagem tipológica. Ambas estão totalmente entregues a Cristo e ao serviço da humanidade. Vemos em Maria e na Igreja os mesmos exemplos de silêncio, contemplação e adoração que dão origem à missão que pede uma resposta fecunda expressa na evangelização dos povos de todas as culturas¹⁰⁹.

Ao refletir sobre o paralelismo existente sobre a virgindade de Maria e a virgindade da Igreja, Bruno Forte afirma:

A virgindade de Maria é exemplar para a Igreja também enquanto significa “ausência de qualquer segurança humana”, de qualquer garantia ligada à capacidade e ao poder do homem. O “não conheço homem” da Virgem não nasce

¹⁰⁶ Cf. MC 18.

¹⁰⁷ Cf. LG 63-64.

¹⁰⁸ Cf. MC 19.

¹⁰⁹ Cf. BOFF, L., *Mariologia, interpretações para a vida e para a fé*, p. 119.

de desprezo ou de abandono a Deus, do mesmo modo que a Virgem Igreja certamente não é chamada a desprezar o que é humano ou a temê-lo, a fechar-se atrás de suas certezas ou na defesa daquilo que possui. O “não conheço homem” da Igreja é ter confiança total em Deus, e por isso a sua recusa não ao humano, mas a tudo o que implique compromisso com a presunção humana de fazer-se protagonista exclusiva do próprio destino. Nesse sentido, a pobreza dos meios terrenos é um aspecto da virgindade da Igreja; o recurso aos poderes deste mundo, a procura de honras ou de prestígio, a confiança nas garantias humanas são outras formas da tentação e do pecado contra a virgindade¹¹⁰.

Maria é também chamada de “Virgem oferente”, pois oferece a Deus para a salvação do mundo tanto a sua própria vida quanto a vida do seu filho Jesus. Ao refletir sobre o episódio da apresentação¹¹¹ do menino Jesus no Templo (Lc 2,22-35), a Igreja entende que, para além dos preceitos judaicos da oblação do primogênito e da purificação da mãe, existe a revelação do mistério da salvação. A entrada de Jesus no Templo também indica a entrada do Verbo no mundo, a proclamação de Simeão é o reconhecimento da chegada do Messias; e, por fim, o reconhecimento de que Ele é a ‘luz que brilhou para as nações’ (Lc 2,32) anuncia um salvador que veio para o gênero humano. Vê-se, nesta perícopé, a profecia sobre a dor da mãe como um prenúncio do acontecimento salvífico da cruz¹¹².

A Igreja vê, no Calvário, o ápice da união entre mãe e Filho na obra redentora. Enquanto Cristo, na Cruz, “ofereceu-se a si mesmo a Deus como vítima sem mancha” (Hb 9,14), ela permanecia de pé junto à cruz (Jo 19, 25) oferecendo seu profundo sofrimento e grande dor nas mãos do Pai. De modo maternal, associou-se ao sacrifício de seu Filho através do consentimento amoroso na imolação da vítima que outrora gerara por obra do Espírito Santo. Sobre esta oferta sacrificial da mãe e do filho no calvário, Arnaldo de Chartres (séc. XIII) afirma: “uma foi a vontade de Cristo e de Maria; ambas ofereciam a Deus um mesmo holocausto: Maria com sangue no coração; Cristo com sangue na carne”¹¹³.

O documento apresenta Maria como “mestra da vida espiritual”, por isso ela é exemplo para toda a Igreja no exercício do culto divino. Maria foi aquela que realizou o culto de tornar a própria vida uma oferenda agradável a Deus. O “sim” de Maria é lição e exemplo para todos os cristãos. Na realidade, é um convite

¹¹⁰ FORTE, B., *Maria, a mulher ícone do mistério*, p. 174.

¹¹¹ Já fizemos uma reflexão sobre esta perícopé durante o primeiro capítulo, nesse sentido evitando uma repetição desnecessária, não aprofundaremos demasiadamente este ponto.

¹¹² Cf. MC 20.

¹¹³ OROZCO, A., *Mãe de Deus e mãe nossa*, p.159.

profético para que todo o povo de Deus faça da obediência à vontade do Pai o seu caminho de santidade.

Lina Boff apresenta uma síntese das múltiplas relações entre as atitudes culturais da Igreja e sua relação com a figura de Maria, dizendo:

Veneração profunda, quando o povo descobre Maria como a pessoa mais íntima do Espírito Santo que a tornou Mãe do Senhor; *Invocação confiante*, quando o povo experimenta a necessidade de ter uma advogada e auxiliadora ao seu lado; *Inspiradora de serviço gratuito*, quando o povo desvela na humilde Serva do Senhor, a Rainha da Misericórdia e a Mãe cheia de graça; *Admiração comovida* quando o povo vê em Maria realizados os seus desejos, as suas esperanças e a sua alegria de viver; *Estudo atento*, quando a Igreja vislumbra Maria na sua realização profética que evoca a presença de um futuro melhor para seu povo; quando a vê participante dos frutos do Mistério Pascal (MC 21-22); e quando a contempla plenamente realizada como uma esposa enfeitada para o seu esposo (cf. Ap 21,2), na sua assunção em corpo e alma ao céu¹¹⁴.

Percebemos desta maneira a riqueza teológica existente na relação Maria-Igreja, principalmente no campo da exemplaridade que a Igreja deve buscar em Maria. Por meio do exemplo de Maria, os fiéis podem aprender o caminho que passa pela escuta atenta, pela oração profunda, pela oferta total da vida e pela obediência à vontade do Pai que conduz à santificação.

Na Exortação Apostólica, o Magistério reafirma a necessidade de uma renovação da piedade popular, especialmente naquilo que tange ao culto da Virgem Maria. Conforme o parecer magisterial, os exercícios espirituais referentes à veneração mariana devem manifestar de modo mais claro o lugar que Maria ocupa dentro da Igreja. Ela deve ser louvada como aquela pessoa que possui o lugar mais alto na Igreja depois de Cristo. Dessa forma, enfatiza-se a necessidade de os fiéis prontamente reconhecerem a missão de Maria no mistério da Igreja e o seu lugar eminente na comunhão dos santos. Além disso, a figura da Mãe de Deus conduz os fiéis a um sentimento de unidade fraterna¹¹⁵.

Por fim, o documento explicita que a veneração à Bem-aventurada Virgem Maria deve tornar manifesto o seu intrínseco conteúdo eclesiológico. Como pode ser visto na seguinte afirmação:

O amor pela Igreja traduzir-se-á em amor para com Maria, e vice-versa, pois uma não pode subsistir sem a outra, como perspicazmente observava São Cromácio de Aquileia: “Reuniu-se a Igreja na parte superior [do cenáculo], com Maria que foi a

¹¹⁴ BOFF, L., *Mariologia, interpretações para a vida e para a fé*, p. 121.

¹¹⁵ Cf. MC 28.

Mãe de Jesus e com os irmãos dele. Não se pode, portanto, falar de Igreja senão quando estiver aí Maria, Mãe do Senhor, com os irmãos dele”¹¹⁶.

Nossa reflexão teológica sobre Maria na vida da Igreja será desenvolvida principalmente a partir da Carta Encíclica *Redemptoris Mater*. Promulgada pelo Papa João Paulo II, em 25 de março de 1987, para iniciar o Ano Mariano que tinha o propósito de celebrar os dois mil anos do nascimento da Bem-aventurada Virgem Maria, a carta almejava ser um preâmbulo da futura comemoração dos dois mil anos da encarnação do Verbo. Desde os primeiros parágrafos da carta já se pode averiguar o propósito de oferecer uma “reflexão sobre o significado que Maria tem no ministério de Cristo e sobre a sua presença ativa e exemplar na vida da Igreja”¹¹⁷. Como se pode notar o propósito da Encíclica *Redemptoris Mater* é diverso da *Marialis Cultus*. Essa, treze anos antes, havia manifestado uma abordagem doutrinária e não devocional, enquanto aquela apresenta uma reflexão doutrinária com a intenção de renovar e enriquecer a devoção¹¹⁸.

Na parte intitulada, “A Mãe de Deus no centro da Igreja que está a caminho”, João Paulo II afirma:

O Concílio Vaticano II fala da Igreja que ainda está a caminho, estabelecendo uma analogia com o Israel da Antiga Aliança em peregrinação através do deserto. A peregrinação possui um caráter também externo, visível no tempo e no espaço, em que ela se efetua historicamente. [...] Porém, o caráter essencial desta peregrinação da Igreja é interior: trata-se de uma peregrinação mediante a fé, pela “virtude do Senhor ressuscitado”, de uma peregrinação no Espírito Santo, que foi dado à Igreja como Consolador invisível (*paraklétos*) (cf. Jo 14,26; 15, 26; e 16,7). [...] Precisamente ao longo desta caminhada-peregrinação eclesial, através do espaço e do tempo e, mais ainda, através da história das almas, *Maria está presente*, como aquela que é “feliz porque acreditou”, como aquela que avançava na peregrinação da fé, participando como nenhuma outra criatura no mistério de Cristo¹¹⁹.

Nessas palavras, há uma reafirmação da doutrina conciliar que destaca a eminente importância e singularidade do lugar de Maria na Igreja. A Virgem é modelo para todos os fiéis na caminhada da fé, pois ela mesma teve de trilhar esse caminho de crescimento e amadurecimento na fé. Por esta razão, ela pode auxiliar a Igreja na mesma peregrinação que outrora realizou.

Na reflexão comparativa entre a peregrinação da Igreja e a de Maria, o documento traça um paralelo entre os acontecimentos da Anunciação e de Pentecostes, fazendo uma importante distinção:

¹¹⁶ MC 28.

¹¹⁷ RM 1.

¹¹⁸ Cf. COYLE, K., *Maria tão plena de Deus e tão nossa*, p. 60.

¹¹⁹ RM 25.

A partir desse momento (pentecostes) começa aquela caminhada de fé, a *peregrinação da Igreja* através da história dos homens e dos povos. É sabido que, ao iniciar-se essa caminhada, Maria se encontrava presente; vemo-la no meio dos Apóstolos no Cenáculo de Jerusalém, “implorando com as suas orações o dom do Espírito”. A sua caminhada de fé, em certo sentido, é mais longa. O Espírito Santo já tinha descido sobre ela, que se tornou sua fiel esposa *na Anunciação*, acolhendo o Verbo de Deus vivo, rendendo “o obséquio pleno da inteligência e da vontade e prestando o voluntário assentimento à Sua revelação”; ou melhor, abandonando-se totalmente nas mãos de Deus, “mediante a obediência de fé”, pelo que respondeu ao Anjo: “Eis a serva do Senhor! Faça-se em mim segundo a tua palavra” (Lc 1, 38). Assim, a caminhada de fé de Maria, que vemos a orar no Cenáculo, é “mais longa” do que a dos outros que aí se encontravam reunidos: Maria “precede-os”, “vai adiante” deles. O *momento do Pentecostes* em Jerusalém foi preparado pelo *momento da Anunciação* em Nazaré. No Cenáculo, o “itinerário” de Maria encontra-se com a caminhada da fé da Igreja¹²⁰.

Essa interpretação vai o encontro do pensamento de Jean Galot, que notava uma relação estreita entre os mistérios da Anunciação e Pentecostes. Dizia o teólogo francês:

No cenáculo, a Virgem continua a missão em que a vemos desde a Anunciação até ao termo da vida pública de Cristo. E esta missão de maternidade e de co-redenção pode ser expressa, no que se refere ao Pentecostes, nestas poucas palavras: a Virgem está no meio dos discípulos como mãe da Igreja nascente. Outrora representara diante do Anjo Gabriel a Igreja futura. Agora, é por ela que sobe ao céu a oração de toda a comunidade. E é pela sua cooperação maternal que o Espírito Santo vai espalhar-se pelo mundo¹²¹.

A partir de Pentecostes, a Igreja nasce e começa a crescer através da pregação e do testemunho dos apóstolos acerca do mistério da paixão, morte e ressurreição de Jesus Cristo. Maria não recebeu diretamente a missão apostólica, porém estava no Cenáculo, onde os Apóstolos preparavam-se para assumir a grande missão que se iniciou com a vinda do Espírito Santo. Ela era a única que estava presente em todos os momentos da vida de Jesus, desde a concepção até a morte na cruz, por isso a presença da Mãe do Senhor na Igreja nascente assume uma relevância inestimável para a compreensão do mistério de Jesus. Na realidade, a Igreja primitiva “olhou” para Maria através de Jesus e “olhou” para Jesus através de Maria. Isso se deve ao fato de que ela foi, para a Igreja de ontem e de hoje, a principal testemunha dos anos da infância e da vida oculta de Jesus em Nazaré, pois era ela que “conservava todas estas coisas, refletindo-as no seu coração” (Lc 2, 19; Lc 2, 51). Por essa razão, Maria foi e continua sendo aquela

¹²⁰ RM 26.

¹²¹ GALOT, J., *Maria e o evangelho*, p. 269.

que é “feliz porque acreditou”¹²². Em relação à presença de Maria na Igreja primitiva, temos a seguinte afirmação:

No princípio da sua longa caminhada mediante a fé, que se iniciava em Jerusalém com o Pentecostes, Maria estava com todos aqueles que então constituíam o germen do “novo Israel”. Estava presente no meio deles como uma testemunha excepcional do mistério de Cristo. E a Igreja era assídua na oração juntamente com ela e, ao mesmo tempo, “contemplava-a à luz do Verbo feito homem”. E assim viria a ser sempre. Com efeito, sempre que a Igreja “penetra mais profundamente no insondável mistério da encarnação”, ela pensa na Mãe de Cristo com entranhada veneração e piedade. Maria faz parte indissolúvelmente do mistério de Cristo; e faz parte também do mistério da Igreja desde o princípio, desde o dia do seu nascimento. Na base daquilo que a Igreja é desde o início, daquilo que ela deve tornar-se continuamente, de geração em geração, no seio de todas as nações da terra, encontra-se “aquela que acreditou no cumprimento das coisas que lhe foram ditas da parte do Senhor” (Lc 1, 45)¹²³.

Giovanni Maria Bigotto afirma a importância da presença de Maria na comunidade primitiva:

Eis o que a Igreja nascente dizia de Maria, e há muito respeito e amor nesses títulos. Essa jovem Igreja via também Maria como realidade e símbolo: Filha de Sião, templo de Deus, trono do Rei, Igreja de Deus, modelo de todo crente, primeira virgem por amor a Jesus, primeira missionária cristã, precedendo todo missionário do Senhor, Pedro e Paulo e os outros, na missão de anunciar a Boa-Nova¹²⁴.

A comunidade dos seguidores de Jesus na Igreja primitiva caminhou a partir da contemplação da fé de Maria e da atenção ao testemunho apostólico. Assim, a Igreja contemporânea precisa seguir esse mesmo modelo de vida cristã para renovar a fé do Povo de Deus que está a caminho. A Igreja olha para aquela que gerou Cristo precisamente para que Cristo possa ser gerado também no coração dos fiéis por meio da Igreja.

Isso pode ser percebido no texto dos Atos dos Apóstolos quando testemunha que os Apóstolos e os discípulos do Senhor em toda a terra “entregam-se assiduamente à oração, em companhia de Maria, a mãe de Jesus” (cf. At 1, 14). É pela fé que Maria “precede” o Povo de Deus que está a caminho sobre a terra, pois antes mesmo de conhecer Jesus já havia se colocado na Anunciação como “serva do Senhor”. É igualmente pela fé que a Igreja “tende eficaz e constantemente à recapitulação de toda a humanidade... sob a Cabeça, Cristo, na unidade do seu

¹²² Cf. RM 26.

¹²³ RM 27.

¹²⁴ BIGOTTO, G., *Esplendor da Mãe*, p. 236.

Espírito”¹²⁵. Isto é, a Igreja gera Cristo no coração dos homens pela fé e Maria nos precede na fé, por isso olhando para ela, a Igreja consegue gerar os futuros filhos de Deus.

A Carta Encíclica *Redemptoris Mater* oferece um aprofundamento mariológico sobre o *Magnificat* quando trata da “Igreja que está em caminho”. Essa contribuição nova foi lançada conforme as seguintes palavras:

Na fase atual da sua caminhada, a Igreja procura, pois, reencontrar a união de todos os que professam a própria fé em Cristo, para manifestar a obediência ao seu Senhor que orou por esta unidade, antes do seu iminente sacrifício. Ela vai avançando na “sua peregrinação... e anunciando a paixão e a morte do Senhor até que ele venha”. “Prosseguindo entre as tentações e tribulações da caminhada, a Igreja é apoiada pela força da graça de Deus, que lhe foi prometida pelo Senhor, para que não se afaste da perfeita fidelidade por causa da fraqueza humana, mas permaneça digna esposa do seu Senhor e, com o auxílio do Espírito Santo, não cesse de se renovar a si própria até que, pela Cruz, chegue á luz que não conhece ocaço”. A Virgem Maria está constantemente presente nesta caminhada de fé do Povo de Deus em direção à luz. Demonstra-o de modo especial o cântico do “*Magnificat*”, que, tendo jorrado da profundidade da fé de Maria na Visitação, não cessa de vibrar no coração da Igreja ao longo dos séculos¹²⁶.

Ao comentar o *Magnificat* Lina Boff afirma que:

O *Magnificat* que traz uma vida nova passa pela mística evangélica. Por isso a palavra *mystikós* significa aquilo que é referente à celebração dos mistérios cristãos a partir da vida concreta. É este processo que faz a História da Salvação ser o que é. Para o nosso povo, não existe um vida e nem uma mística desvinculadas da realidade cotidiana vivida em todas as suas dimensões. Os nossos povos não explicam o que seja a mística evangélica; eles testemunham com a sua vida, com o seu compromisso pelo Reino e a expressam com as suas celebrações cheias de festa e de alegria. Tais gestos revelam a atuação salvífica de Cristo, gestos que culminam na realização plena do mistério profundo de Deus, que é o mistério da paixão-morte-ressurreição de Jesus. Os nossos povos guardam na sua intimidade uma realidade profundamente mística que pertence ao sagrado e é alimentada, sobretudo, na leitura da Palavra de Deus e na sua interpretação brotada na vida concreta. Daí o significado de *mística evangélica*¹²⁷.

Entendemos que a Igreja deve olhar para Maria a fim de que, seguindo o seu exemplo, possa aprender a bem rezar e bem viver cada uma das palavras deste cântico de louvor a Deus. Desde os primórdios, a Igreja encontra na vida da Mãe de Deus um modelo para sua caminhada terrena. A partir da manifestação de fé da Virgem Maria na Anunciação e na Visitação, a Igreja encontra a verdade acerca

¹²⁵ Cf. RM 28.

¹²⁶ RM 35.

¹²⁷ BOFF, L., *Mariologia, interpretações para a vida e para a fé*, p. 68-69.

do Deus da Aliança, que é Todo-poderoso e que faz “grandes coisas” no homem, porque “santo é o seu nome”¹²⁸.

O amor preferencial pelos pobres manifesta-se admiravelmente no Magnificat de Maria, pois Deus é apresentado simultaneamente como aquele que “derruba os poderosos dos tronos e exalta os humildes... enche de bens os famintos e despede os ricos de mãos vazias ... dispersa os soberbos... e conserva a sua misericórdia para com aqueles que o temem”. Ao proclamar tais palavras Maria está profundamente comprometida com o espírito dos “pobres de Javé”. Ela profetiza o advento do mistério da salvação e a vinda do “Messias dos pobres”.

Sobre isto tomamos as palavras de Afonso Murad:

O cântico de Maria proclama, de forma profética, a ação transformadora de Deus nas relações sociais. Embora use termos em contraposição, não defende uma mera troca de papéis: quem está em cima passaria para baixo e vice-versa. Expressa a indignação contra a injustiça que reina no mundo. Denuncia como o orgulho, o mau uso do poder e a concentração da riqueza estragam a todos, ricos e pobres. Maria alimenta a esperança de que vale a pena sonhar e criar alternativas em vista de uma nova sociedade. A garantia dessa esperança vem da misericórdia e da fidelidade de Deus, que socorre o seu povo¹²⁹.

Inspirando-se na certeza do coração de Maria e na profundidade da sua fé, cuja expressão nota-se pelas palavras do Magnificat, a Igreja busca renovar a cada dia sua própria certeza de que a verdade a respeito do Deus que salva e que é fonte de toda a dádiva não pode estar separada da manifestação do seu amor preferencial pelos pobres e pelos humildes. O amor cantado no Magnificat manifesta-se plenamente nas palavras e nas obras de Jesus.

A Igreja está bem consciente de que não se pode ignorar as afirmações da mensagem profética do *Magnificat*. Tal mensagem deve ser salvaguardada e cuidadosamente anunciada a partir da “opção preferencial pelos pobres”. Trata-se de temas e problemas ligados ao *sentido cristão da liberdade e da libertação*. Maria, “totalmente dependente de Deus e toda ela orientada para Ele, ao lado do seu Filho, *é a imagem mais perfeita da liberdade e da libertação* da humanidade e da criação. É para Maria que a Igreja, da qual ela é Mãe e modelo, deve olhar, a fim de compreender na sua integralidade o sentido da própria missão”¹³⁰.

Entre o Concílio Vaticano II e a Conferência de Aparecida, diversas vezes o magistério pontifício manifestou-se sobre questões mariológicas, mas conforme o

¹²⁸ Cf. RM 37.

¹²⁹ MURAD, A., *Maria toda de Deus e tão humana*, p.78.

¹³⁰ MURAD, A., *Maria toda de Deus e tão humana*, p.78.

nosso entender a Exortação Apostólica *Marialis Cultus* e a Carta Encíclica *Redemptoris Mater* foram os mais importantes nos debates teológicos da segunda metade do século XX. Por esta razão optamos pela abordagem dos mesmos como uma “ponte” que nos leva a reflexão sobre a Mariologia da América Latina.

3.3

Documento de Aparecida: Maria e o rosto materno da Igreja na América Latina

Neste capítulo, aprofundaremos a reflexão sobre a Mariologia da América Latina conforme o Documento de Aparecida. Esse é o ponto culminante do terceiro capítulo, pois encontraremos a abordagem mariológica que se assemelha mais às recentes afirmações do Papa Francisco acerca da necessidade do surgimento de uma Igreja em saída.

A Igreja da América Latina é profundamente mariana, vide o fato de a religiosidade popular do continente trazer consigo uma infinidade de matizes da devoção à Santa Mãe de Deus. Sobre isso, atesta Diego Irarrazaval:

Na América Latina e no Caribe, as atividades do povo em torno de Maria são pilares de catolicidade e constituem o polivalente e mais potente símbolo cultural. Um de seus grandes filões é o “marianismo”, que exalta o feminino e maternal, mas o subordina ao fator masculino. Em contextos modernos, o mariano contribui para visualizar novamente Deus e reconfigurar modos de ser cristão e contatos com o sagrado que nos humanizam¹³¹.

A religiosidade latino-americana, aos poucos, forma seu próprio rosto e identidade. A maturação teológica necessária para se ter uma identidade depende do parecer dos Bispos que guiam a Igreja a veredas tranquilas. Assim, a formação de uma religiosidade mariana latino-americana não pode prescindir dos pareceres das Conferências gerais do Episcopado Latino Americano e Caribenho (CELAM). Desta forma, é necessária uma breve apresentação das reflexões mariológicas de cada uma das conferências que antecederam Aparecida.

A primeira conferência, realizada no Rio de Janeiro (25 de julho a 4 de agosto de 1955), não se caracteriza por desenvolver uma mariologia sistematicamente profunda. O documento evoca a figura de Maria em algumas poucas partes do documento final. A presença mais significativa dá-se na exortação conferida aos sacerdotes. Nesse ponto, os Bispos recomendavam que os padres reavivassem a devoção à Maria Santíssima pela prática do rosário, pelas

¹³¹ IRARRAZAVAL, D., Maria no cristianismo latino-americano, p. 100 apud CAPRANI, J., *Maria a estrela da evangelização*, p. 46.

pregações e homílias. Vale ressaltar que, neste contexto, uma das grandes preocupações da Igreja era a escassez de sacerdotes. Por isso, a devoção mariana também era entendida como uma forma de despertar e promover novas vocações na Igreja¹³².

A segunda conferência realizada em Medellín (24 de agosto a 6 de setembro de 1968) contou com a presença do Papa Paulo VI e teve como objetivo principal o favorecimento da aplicação das resoluções do recém-concluído Concílio Vaticano II nas Igrejas da América Latina. Sobre isso, dizia João Batista Libânio:

O tema da segunda conferência era: “A Igreja na atual transformação da América Latina à luz do Concílio”. Podemos notar que o foco desta assembleia era interpretar, com base na categoria socioteológica conciliar dos “sinais dos tempos”, a realidade socioeclesial do continente, especialmente o conflito entre opressão e libertação¹³³.

Apesar de esta conferência ter acontecido logo após o Concílio Vaticano II, que manifestou uma atenção especial à mariologia no capítulo oitavo da Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, Medellín não teve a Virgem Maria como objeto de seus estudos. Conforme o pensamento de Julio Caprani, esse silêncio de Medellín não manifesta um desinteresse pelo tema, mas sim uma meditação que ocasionará um “novo nascimento” da teologia mariana que, após a *Marialis Cultus*, será manifesto na América Latina pela Conferência de Puebla.

Embora não tenha tratado profundamente do tema, a introdução do Documento de Medellín apresenta Maria como a mulher do silêncio, da escuta e da oração. No documento conclusivo, existem apenas três breves menções à Virgem Maria, dentre essas destacamos a seguinte:

Nesta conferência do Episcopado Latino-Americano, renovou-se o mistério de Pentecostes. Em torno de Maria como Mãe da Igreja, que com seu patrocínio assistiu este continente desde a sua primeira evangelização, imploramos as luzes do Espírito Santo, e, perseverando na oração, alimentamo-nos do pão da Palavra e da Eucaristia. Esta Palavra foi intensamente meditada¹³⁴.

A terceira conferência aconteceu em Puebla (12 a 28 de outubro de 1979), tendo sido inaugurada por João Paulo II e o seu tema foi: “Evangelização no presente e no futuro da América Latina”.

¹³² Cf. CAPRANI, J., *Maria a estrela da evangelização*, p. 53-54.

¹³³ LIBÂNIO, J. B., As conferências gerais do Episcopado latino-americano: do Rio de Janeiro a Aparecida, p. 23 apud CAPRANI, J., *Maria a estrela da evangelização*, p. 56.

¹³⁴ DOCUMENTO DE MEDELLÍN, Introdução às conclusões, n. 8 apud CAPRANI, J., *Maria a estrela da evangelização*, p. 58.

Desta vez se pode notar a presença de uma mariologia consistente, com citações do capítulo VIII de *Lumen Gentium*, da *Marialis Cultus* e de homilias de João Paulo II em santuários marianos. Tendo se alimentado em tais fontes, a conferência de Puebla enquadra Maria dentro da reflexão eclesiológica como mãe e modelo no mistério da Igreja. Conforme afirma Clodovis Boff:

Após mais de 25 anos de sua elaboração, o Documento de Puebla não foi de modo nenhum superado. Nem podia sê-lo. É verdade que em seguida veio o Documento de Santo Domingo da IV Conferência Episcopal da América Latina. Mas este não avançou sobre Puebla, pelo menos na parte mariológica, até pelo contrário. Em Puebla, o tratado mariológico, como no Vaticano II, é colocado no quadro da eclesiologia: “A verdade a respeito da Igreja” [...]. Nesta seção mariológica, a santa Virgem foi tratada segundo quatro eixos estruturantes: Maria e a Cultura latino-americana; Maria e a evangelização; Maria e a mulher na América Latina; Maria e a libertação social do continente¹³⁵.

O Documento de Puebla ensina que a devoção mariana, além de ser um “elemento qualificador e intrínseco do culto cristão”, pertence à “identidade própria” dos povos da América Latina, pois, além de possuir forte ligação com a história dos povos e a sua identidade cultural, Maria está associada muitas vezes às nações e à sua construção política. Ela é invocada como patrona em diversos povos do continente, possuindo assim grandeza teológica e cultural, servindo, deste modo, como “vínculo resistente” de fidelidade à Igreja Católica, nas palavras ilustrativas do teólogo Clodovis: “Ela é parte integrante, uma das ‘marcas registradas’ da identidade especificamente católica do continente, de tal modo que este só deixará de ser católico no dia em que deixar de ser mariano”¹³⁶.

Em favor da ótica sócio-libertadora, o Documento de Puebla (DP) enfrenta a questão da opção preferencial pelos pobres, apoiando-se nas palavras do Papa João Paulo II, que conferem a esta opção um novo fundamento mariológico e aproxima Maria do tema da “transformação social”:

De Maria, que, em seu canto do Magnificat (cf. Lc 1, 46-55), proclama que a salvação de Deus tem muito a ver com a justiça para com os pobres, “parte também o compromisso autêntico com os outros homens, nossos irmãos, especialmente pelos mais pobres e necessitados e pela necessária transformação da sociedade”¹³⁷.

Os Bispos latino-americanos fazem uma menção especial à “morenita”¹³⁸, destacando a imagem de Nossa Senhora de Guadalupe, que, em seu rosto mestiço

¹³⁵ BOFF, C., *Mariologia Social*, p. 100.

¹³⁶ Cf. *Ibid.*, p. 104-105.

¹³⁷ JOÃO PAULO II, Papa, Homilia em Zapopán, 4 AAS LXXI, p. 230 apud CAPRANI, J., *Maria a estrela da evangelização*, p. 58.

¹³⁸ Cf. DP 446.

e com traços tão particulares, é a assinatura da originalidade histórico-cultural e religiosa da América Latina, tornando-se o “rosto materno e misericordioso” do Pai e de Cristo¹³⁹.

A conferência de Santo Domingo aconteceu em 1992, também inaugurada pelo Papa João Paulo II, tendo por lema a “Nova Evangelização, Promoção Humana e Cultura Cristã. Jesus Cristo ontem, hoje e sempre”. Logo no início do Documento de Santo Domingo (DSD), podemos notar a figura de Maria, a qual é apresentada como a Mulher de fé:

Queremos proclamar que a Virgem Maria, Mãe de Cristo e da Igreja, é a primeira redimida e a primeira crente. Maria, mulher de fé, foi plenamente evangelizada, é a mais perfeita discípula e evangelizadora (cf. Jo 2,1-12). É o modelo de todos os discípulos evangelizadores por seu testemunho de oração, de escuta da Palavra de Deus e de pronta e fiel disponibilidade ao serviço do Reino até a cruz. Sua figura materna foi decisiva para que os homens e mulheres da América Latina se reconhecessem em sua dignidade de filhos de Deus. Maria é o selo distintivo da cultura do nosso continente. Mãe e educadora do nascente povo latino-americano, em Santa Maria de Guadalupe, através do [então] Beato Juan Diego “é oferecido um grande exemplo de evangelização perfeitamente inculturada” (DI 24). Ela nos precedeu na peregrinação da fé e no caminho da glória, e acompanha os nossos povos que a invocam com amor até que nos encontremos definitivamente com seu Filho. Com alegria e gratidão acolhemos o dom imenso de sua maternidade, ternura e proteção, e aspiramos a amá-la do mesmo modo como Jesus a amou. Por isso a invocamos como estrela da Primeira e da Nova Evangelização¹⁴⁰.

Maria é apresentada como a perfeita discípula, plenamente evangelizada e evangelizadora, colocada como modelo inspirador para os cristãos, pois foi ela a primeira que acreditou e experimentou os frutos da redenção. Segundo Afonso Murad, o Documento de Santo Domingo utiliza a palavra “modelo” a fim de enfatizar a característica exemplar de Maria para todos os fiéis, não no sentido de que seja meramente um molde para outras cópias, mas como “fonte de inspiração” para toda a Igreja¹⁴¹.

De modo relevante, o documento destaca a profunda relação existente entre Maria, o Espírito Santo e a Igreja, quando afirma: “Reunidos como num novo cenáculo, em torno de Maria, a Mãe de Jesus, damos graças a Deus pelo dom inestimável da fé e pelos incontáveis dons de sua misericórdia”¹⁴². A vinda do Espírito Santo sobre os apóstolos reunidos em oração transforma a Igreja no

¹³⁹ Cf. DP 282.

¹⁴⁰ DSD 15.

¹⁴¹ Cf. MURAD, A., *Maria no Documento de Santo Domingo*, p. 426.

¹⁴² DSD 1.

“Novo povo de Deus”, conduzindo ao Reino do qual é sinal e instrumento, reforça o documento quando afirma:

A Virgem Maria acompanha os apóstolos quando o Espírito de Jesus ressuscitado penetra e transforma os povos das diversas culturas. Maria, que é modelo da Igreja, também é modelo da evangelização da cultura. É a mulher judia que representa o povo da Antiga Aliança com toda sua realidade cultural. Mas abre-se à novidade do Evangelho e está presente nas nossas terras como mãe comum, tanto dos aborígenes como daqueles que para cá vieram, propiciando desde o princípio a nova síntese cultural que é a América Latina e Caribe¹⁴³.

Conforme Caprani afirma, as conferências gerais do episcopado latino-americano e do Caribe, formam o “belo rosto da mariologia” da América Latina desenvolvido no decorrer das últimas décadas¹⁴⁴. Com isso, almejamos, em nosso trabalho, traçar de modo sintético um panorama histórico para melhor alicerçarmos a reflexão que agora seguimos.

Maria nos revela o rosto materno de Deus, através do qual convida a Igreja a deslocar-se do centro de poder para os lugares sociais relegados e distantes, ou como prefere chamar o Papa Francisco, as “periferias existenciais” do mundo. Esta é precisamente a missão da Igreja: levar vida abundante e dignidade a todas as pessoas, afim de que se sintam amadas e alcancem a sua plenificação em Cristo, conforme afirma Lina Boff:

A grandeza de Maria se expressa, sobretudo, na sua vocação de ser e de ser mãe. Portanto a boa nova da salvação penetra a feminidade, redime-a e exalta-a. Este é o modo de ser mulher de Maria [...]. Maria nos dá a conhecer o modo de ser feminino e o modo de ser masculino de Deus. Comunidade que se relaciona, em vista da pessoa humana, quando levanta a questão de como poderia ser mãe sem ter relações conjugais (cf. Lc 1,34). Com tal objeção Maria nos mostra um Deus que irrompe como um Deus pessoal, capaz de entrar em relação com as pessoas, capaz de manifestar o seu modo de ser feminino e o seu modo de ser masculino como caminho novo a ser feito pela mulher e pelo homem juntos, ombro a ombro, na construção de uma sociedade mais humana, digna e justa, sociedade esta que aponta para o projeto da Comunidade divina, que é a concretização do Reino revelado e anunciado por Jesus Cristo. O ser mulher e o ser homem têm agora um novo conteúdo: o de viver o novo céu e a nova terra ainda não descobertos, evocando o mistério de Deus que transcende o masculino e o feminino, mistério que está além e acima das imagens, dos nomes que lhe atribuímos, e ultrapassa as experiências de fé que fazemos a partir do nosso contexto¹⁴⁵.

Chegamos deste modo ao nosso principal objeto de estudo nesta etapa de nosso trabalho, a reflexão sobre os traços mariológicos existentes no Documento conclusivo da V Conferência Geral do episcopado latino-americano e do Caribe,

¹⁴³ DSD 229c.

¹⁴⁴ Cf. CAPRANI, J., *Maria a estrela da evangelização*, p. 94.

¹⁴⁵ BOFF, L., *Maria na vida do povo: ensaios de mariologia na ótica latino-americana e caribenha*, p. 125-126.

acontecida de 13 a 31 de maio de 2007, no Santuário Nacional de Aparecida, ícone da devoção mariana no cenário brasileiro. A conferência foi inaugurada pelo Papa Bento XVI e teve como presidente da comissão de redação o então Cardeal Jorge Mario Bergoglio, hoje Papa Francisco. O tema que norteou a reflexão foi: “Discípulos e missionários de Jesus Cristo, para que nele nossos povos tenham vida – Eu sou o caminho, a verdade e a vida”.

O Documento de Aparecida (DAP)¹⁴⁶ busca refletir sobre a “Vida de Jesus Cristo nos discípulos missionários”. Nela são vários os aspectos tratados entre os quais se destacam: a vocação, a comunhão e a formação dos discípulos missionários, bem como a alegria de sê-lo. O discípulo missionário é o sujeito geral e transversal da missão. Ele é discípulo de Jesus Cristo e missionário enviado pela comunidade eclesial para “dar testemunho do amor” (cf. 386), anunciar a chegada do reino (cf. 382) e assumir “as tarefas prioritárias” para o bem comum e a dignificação do ser humano (cf. 384).

A Igreja da América Latina e Caribe reafirma nesse sentido que todo fiel cristão é chamado e convocado a ser discípulo missionário. A exemplo do Mestre, deve anunciar o Evangelho, a “Boa Nova do Reino” (cf. 30). Todo discípulo é chamado pelo seu próprio batismo a ser missionário, em virtude dele (cf. 14). No Documento de Aparecida, o tema mariano é trazido à tona diversas vezes, tendo como matiz a afirmação central de que Maria é a “imagem perfeita da discípula missionária” e a “formadora de missionários”:

Detemos o olhar em Maria e reconhecemos nela uma imagem perfeita da discípula missionária. Ela nos exorta a fazer o que Jesus nos diz (cf. Jo 2,5) para que Ele possa derramar sua vida na América Latina e no Caribe. Junto com ela queremos estar atentos uma vez mais à escuta do Mestre, e ao redor dela, voltarmos a receber com estremecimento ao mandado missionário de seu filho: “Vão e façam discípulos de todos os povos” (Mt 28,19). Escutamos Jesus como comunidade de discípulos missionários que experimentaram o encontro vivo com Ele e queremos compartilhar com os demais essa alegria incomparável todos os dias¹⁴⁷.

Porém a centralidade da reflexão mariológica se desenvolve na parte denominada “Maria, discípula e missionária” (item 6.1.4), sobre a qual desejamos a partir de então aprofundar em nosso trabalho.

A máxima realização da existência cristã como um viver trinitário de “filhos no Filho” nos é dada na Virgem Maria que, através de sua fé (cf. Lc 1,45) e

¹⁴⁶ Cf. CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. *Documento de Aparecida*. Brasília: Edições CNBB, 2011.

¹⁴⁷ DAP 364.

obediência à vontade de Deus (cf. Lc 1,38), assim como por sua constante meditação da Palavra e das ações de Jesus (cf. Lc 2,19.51), é a discípula mais perfeita do Senhor. Interlocutora do Pai em seu projeto de enviar seu Verbo ao mundo para a salvação humana, com sua fé Maria chega a ser o primeiro membro da comunidade dos crentes em Cristo, e também se faz colaboradora no renascimento espiritual dos discípulos. Sua figura de mulher livre e forte emerge do Evangelho conscientemente orientada para o verdadeiro seguimento de Cristo. Ela viveu completamente toda a *peregrinação da fé* como mãe de Cristo e depois dos discípulos, sem estar livre da incompreensão e da busca constante do projeto do Pai. Alcançou, dessa forma, o fato de estar ao pé da cruz em comunhão profunda, para entrar plenamente no mistério da Aliança¹⁴⁸.

Ao comentar este trecho do Documento de Aparecida, o teólogo Afonso Murad, afirma que todos os seguidores de Jesus Cristo que estão na “peregrinação da fé”, seguindo o exemplo de Maria, precisam se deixar tocar pela novidade radical da mensagem de Jesus. O apelo à conversão (metanoia), que ecoa na primeira palavra de Jesus ao anunciar a aproximação do Reino de Deus (Mc 1,15), não designa meramente a mudança do mal para o bem, mas sim colocar-se em um caminho de amadurecimento, crescimento, aprendizagem contínua, que abre inusitadas possibilidades e descobertas surpreendentes da fé cristã¹⁴⁹.

Numa espécie de trajetória bíblica, a Conferência de Aparecida relembra os principais fatos da vida de Maria no mistério cristão e o seu lugar como membro supereminente da Igreja-Família de Deus, quando afirma:

Com ela, providencialmente unida à plenitude dos tempos (cf. Gl 4,4), chega a cumprimento a esperança dos pobres e o desejo de salvação. A Virgem de Nazaré teve uma missão única na história da salvação, concebendo, educando e acompanhando seu Filho até seu sacrifício definitivo. Do alto da cruz, Jesus Cristo confiou a seus discípulos, representados por João, o dom da maternidade de Maria, que brota diretamente da hora pascal de Cristo: “E desse momento em diante, o discípulo a recebeu em sua casa” (Jo 19,27). Perseverando junto aos apóstolos à espera do Espírito (cf. At 1,13-14), ela cooperou com o nascimento da Igreja missionária, imprimindo-lhe um selo mariano que a identifica profundamente. Como mãe de tantos, fortalece os vínculos fraternos entre todos, estimula a reconciliação e o perdão e ajuda os discípulos de Jesus Cristo a se experimentarem como família, a família de Deus. Em Maria, encontramos com Cristo, com o Pai e com o Espírito Santo, e da mesma forma com os irmãos como na família humana, a Igreja-família é gerada ao redor de uma mãe, que confere “alma” e ternura à convivência familiar. Maria, Mãe da Igreja, além de modelo e paradigma da humanidade, é artífice de comunhão. Um dos eventos fundamentais da Igreja é quando o “sim” brotou de Maria. Ela atrai multidões à comunhão com Jesus e sua Igreja, como experimentamos muitas vezes nos santuários marianos. Por isso, como a Virgem Maria, a Igreja é mãe. Esta visão

¹⁴⁸ DAp 266.

¹⁴⁹ Cf. MURAD, A., Perfil de Maria numa sociedade plural apud UMBRASIL., *Maria no Coração da Igreja*, p. 32.

mariana da Igreja é o melhor remédio para uma Igreja meramente funcional ou burocrática.¹⁵⁰

De modo simples apresenta-se a definição de Igreja como sendo a “família de Deus”, da qual fazem parte todos os batizados, que foram redimidos em Cristo e assumidos à filiação divina. Nesta família, Maria, pelo seu “sim” pleno e irrevogável à Deus, assume a posição de “mãe”, capaz de conduzir todos os seus filhos no caminho da fé e a experiência de comunhão com Deus, pois sendo totalmente humana alcançou a graça de ser totalmente de Deus.

No mundo todo existem lugares de piedade e devoção mariana, muitos dos quais relacionados a aparições da Virgem, a estes santuários acorrem milhões de fiéis para rezarem, manifestar sua fé em Cristo e confiança na materna intercessão de Maria. Essas pessoas enxergam no exemplo de obediência de Maria um modelo que lhes possa formar na fé discipular e na missão cristã. Nessa direção apontam os Bispos latino-americanos e caribenhos quando se colocam a refletir sobre Nossa Senhora de Guadalupe, Padroeira da América Latina:

Maria é a grande missionária, continuadora da missão de seu Filho e formadora de missionários. Ela, da mesma forma como deu à luz o Salvador do mundo, trouxe o Evangelho à nossa América. No acontecimento em Guadalupe, presidiu, junto com o humilde João Diego, o Pentecostes que nos abriu aos dons do Espírito. A partir desse momento, são incontáveis as comunidades que encontraram nela a inspiração mais próxima para aprenderem como ser discípulos e missionários de Jesus. Com alegria constatamos que ela tem feito parte do caminhar de cada um de nossos povos, entrando profundamente no tecido de sua história e acolhendo as ações mais nobres e significativas de sua gente. Os diversos títulos e os santuários espalhados por todo o Continente testemunham a presença próxima de Maria às pessoas, e ao mesmo tempo manifestam a fé e a confiança que os devotos sentem por ela. Ela pertence a eles e eles a sentem como mãe e irmã¹⁵¹.

Ao comentar essa parte do Documento de Aparecida, o teólogo Francesco Petrillo afirma que a visita de Nossa Senhora ao continente latino-americano é comparável com o acontecimento da visitação à sua prima Isabel, momento da efusão do Espírito e primordial Pentecostes. Cada ação e cada palavra daquele evento bíblico teve sua fonte na graça do Espírito Santo, pois foi no Espírito que teve origem a pressa com que Maria realizou sua viagem, do Espírito procedeu o sobressalto de alegria de João Batista ainda no ventre de Isabel e a saudação de bênção de Isabel a Maria; do Espírito veio a luz que permitiu a esposa de Zacarias reconhecer na esposa de José a mãe do Senhor, a João advertir a presença

¹⁵⁰ DAp 267-268.

¹⁵¹ DAp 269.

do Messias; do Espírito procedeu a graça que santificou o profeta e o cântico que brota do coração da Virgem¹⁵².

Segundo Petrillo, a mariologia desenvolvida pelos Bispos da América Latina e caribe no Documento de Aparecida manifesta-se profundamente equilibrada na medida em que evitou reducionismos e maximalismos, pois não se denota nenhuma espécie de exagero quando chamam Maria com os títulos “imagem perfeita de discípula missionária”, “primeira discípula e grande missionária dos nossos povos”, “continuadora da missão de seu Filho” e “formadora dos missionários”, entendendo-se que Maria é protótipo, depois de Cristo, da dinâmica consagração-missão¹⁵³.

Conforme já desenvolvemos em nosso trabalho, o estudo da mariologia e a devoção mariana têm sua origem primeira na Sagrada Escritura, onde se pode conhecer os passos de Maria na fé. Desse modo todo fiel deve tomar consciência da centralidade da Palavra de Deus em sua vida de caminhada na fé, como inspiradora principal dos exercícios de piedade popular. O Documento de Aparecida faz a seguinte exortação nesse sentido:

Ela, que “conservava todas estas recordações e as meditava no coração” (Lc 2,19; cf. 2,51), ensina-nos o primado da escuta da Palavra na vida do discípulo e missionário. O Magnificat “está inteiramente tecido pelos fios da Sagrada Escritura, os fios tomados da Palavra de Deus. Assim, revela-se que nela a Palavra de Deus se encontra de verdade em sua casa, de onde sai e entra com naturalidade. Ela fala e pensa com a Palavra de Deus; a Palavra de Deus se faz a sua palavra e sua palavra nasce da Palavra de Deus. Além disso, assim se revela que seus pensamentos estão em sintonia com os pensamentos de Deus, que seu querer é um querer junto com Deus. Estando intimamente penetrada pela Palavra de Deus, Ela pode chegar a ser mãe da Palavra encarnada”. Essa familiaridade com o mistério de Jesus é facilitada pela reza do Rosário, onde: “o povo cristão aprende de Maria a contemplar a beleza do rosto de Cristo e a experimentar a profundidade de seu amor. Mediante o Rosário, o cristão obtém abundantes graças, como recebendo-as das próprias mãos da mãe do Redentor”¹⁵⁴.

Na obra “Maria na piedade popular” de Dom Murilo Krieger, reforçamos essa certeza com a afirmação de que a espiritualidade mariana, inclusive a piedade popular mariana, para ser uma resposta adequada aos desafios de hoje, necessita ser profundamente calcada no Evangelho. Desse modo, os homens e as mulheres

¹⁵² PETRILLO, F., María, Madre y formadora de discípulos misioneros em El Documento de Aparecida apud CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO, *Testigos de Aparecida*, p. 42.

¹⁵³ Cf. PETRILLO, F., María, Madre y formadora de discípulos misioneros em El Documento de Aparecida apud CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO, *Testigos de Aparecida*, p. 43.

¹⁵⁴ DAp 271.

de hoje descobrirão que “Maria de Nazaré, apesar de absolutamente abandonada à vontade do Senhor, longe de ser uma pessoa passivamente submissa ou de uma religiosidade alienante foi, sim, uma mulher que não duvidou em afirmar que Deus é vingador dos humildes e dos oprimidos e derruba dos seus tronos os poderosos do mundo; reconhecerá em Maria uma mulher forte, que conheceu de perto a pobreza e o sofrimento, a fuga e o exílio. Tais realidades também podem surgir na vida dos fiéis, que com espírito evangélico devem perceber que Maria, além de ser Mãe do Filho de Deus, foi também aquela Mulher que, com sua ação favoreceu a fé da comunidade apostólica em Cristo, e cuja função materna se dilatou, assumindo no Calvário dimensões universais¹⁵⁵.”

Por fim, o documento relaciona Maria como modelo inspirador na relação com os pobres, sobretudo em seu exemplo de acolhimento materno. Nesse sentido a Igreja convida todos os fiéis em suas comunidades a se tornarem também locais de comunhão e partilha solidária, seguindo o exemplo da sagrada família de Jesus, Maria e José em casa de Nazaré:

Com os olhos postos em seus filhos e em suas necessidades, como em Caná da Galiléia, Maria ajuda a manter vivas as atitudes de atenção, de serviço, de entrega e de gratuidade que devem distinguir os discípulos de seu Filho. Indica, além do mais, qual é a pedagogia para que os pobres, em cada comunidade cristã, “sintam-se como em casa”. Cria comunhão e educa para um estilo de vida compartilhada e solidária, em fraternidade, na atenção e acolhida do outro, especialmente se é pobre ou necessitado. Em nossas comunidades, sua forte presença tem enriquecido e continuará enriquecendo a dimensão materna da Igreja e sua atitude acolhedora, que a converte em “casa e escola da comunhão” e em espaço espiritual que prepara para a missão¹⁵⁶.

Os papas sempre manifestaram uma devoção e piedade especial para com a Padroeira do Brasil, durante o discurso¹⁵⁷ ao fim do Santo Rosário no Santuário de Nossa Senhora Aparecida em 12 de maio de 2007, véspera da abertura da V Conferência geral do episcopado latino-americano e caribenho, o Papa Bento XVI, proferiu as seguintes palavras: “Maria Santíssima, a Virgem pura e sem mancha, é para nós escola de fé destinada a nos conduzir e a nos fortalecer no caminho que conduz ao encontro com o Criador do céu e da terra. O Papa veio a Aparecida com viva alegria para nos dizer em primeiro lugar: Permaneçam na escola de Maria. Inspirem-se em seus ensinamentos. Procurem acolher e guardar

¹⁵⁵ Cf. KRIEGER, M., *Maria na piedade popular*, p. 36.

¹⁵⁶ DAp 272.

¹⁵⁷ Cf. BENTO XVI, Papa, *Encontro com a comunidade*, 12/05/2007.

dentro do coração as luzes que ela, por mandato divino, envia a vocês a partir do alto”.

Já o Papa Francisco ao dirigir-se aos bispos reunidos na XXXVI Assembléia Geral do Conselho Episcopal Latinoamericano em San Salvador¹⁵⁸, lembrou como Nossa Senhora Aparecida nos “submerge em um caminho discipular”, pois o modo como a imagem foi encontrada é um ensinamento para os discípulos e para a Igreja discipula. Conforme explica a teóloga Lúcia Pedrosa de Pádua:

As circunstâncias do encontro de Aparecida ensinam aos discípulos a necessidade de entrar na “lama” da existência, se preciso, para alcançar os seus filhos, especialmente os que mais necessitam. Esta é a dinâmica dos seguidores do Deus que, em Jesus Cristo, entrou na fragilidade humana, pelo sim de Maria. Fez-se escravo da humanidade, desceu à situação do mais pobre e humilhado, fez-se “carne de pecado” (Rm 8,3) em solidariedade a n[os para abrir um caminho novo e oferecer uma vida nova. Esta é a dinâmica que os discípulos e toda a Igreja são chamados a seguir.¹⁵⁹

Nessa etapa final de reflexão, concluindo a reflexão sobre o Documento de Aparecida e partindo para o último capítulo de nosso trabalho, onde estaremos mais centrados no pensamento mariológico e eclesiológico do Papa Francisco, queremos trazer à tona o pensamento de Carlos Maria Galli, quando afirma que o primeiro parágrafo do Documento de Aparecida tem um “sabor bergogliano”, onde se reconhece que os filhos reunidos no santuário estão protegidos sob o manto de Maria e que ela, perfeita discipula de Cristo, nos ajuda a ser discípulos do seu Filho e Mestre¹⁶⁰.

Por fim, entendemos que primordialmente, Maria é a “crente” que age e corresponde as exigências mais radicais da fé do discípulo missionário. Com o magistério da *Lumen Gentium*, da *Redemptoris Mater* e contributos da mariologia contemporânea, também o Documento de Aparecida olha para Maria como membro, modelo,, mãe e educadora dos crentes¹⁶¹.

A máxima realização da existência cristã como um viver trinitário de “filhos no Filho” nos é dada na Virgem Maria que, pela sua fé (cf. Lc 1, 45) e obediência à vontade de Deus (cf. Lc 1, 38), assim como por sua constante meditação da Palavra e das ações de Jesus (cf. Lc 2, 19.51), é a discipula mais perfeita do Senhor. Interlocutora do Pai em seu projeto de enviar seu verbo ao mundo para a salvação humana, com sua fé, Maria chega a ser o primeiro membro da comunidade dos crentes em Cristo, e também se faz colaboradora no renascimento espiritual dos

¹⁵⁸ Cf. FRANCISCO, Papa, *Carta aos participantes na XXXVI Assembleia Geral do CELAM*.

¹⁵⁹ PEDROSA-PÁDUA, L., *Teologia Mariana: contribuições para a reflexão sobre a humanização de Deus*, p. 490.

¹⁶⁰ Cf. GALLI, C., *Cristo, Maria, a Igreja e os povos*, p. 61.

¹⁶¹ Cf. *Ibid.*, p. 63.

discípulos. Sua figura de mulher livre e forte emerge do evangelho conscientemente orientada para o verdadeiro seguimento de Cristo. Ela viveu completamente toda a peregrinação da fé como mãe de Cristo e depois dos discípulos, sem que fosse livrada da incompreensão e da busca constante do projeto do Pai. Alcançou, dessa forma, o fato de estar ao pé da cruz em uma comunhão profunda, para entrar plenamente no mistério da Aliança¹⁶².

Concluindo a reflexão sobre o Documento de Aparecida e partindo para o último capítulo de nosso trabalho, onde estaremos mais centrados no pensamento mariológico e eclesiológico do Papa Francisco, queremos trazer à tona o pensamento de Carlos Maria Galli, quando afirma que o primeiro parágrafo do Documento de Aparecida tem um “sabor bergogliano”, onde se reconhece que os filhos reunidos no santuário estão protegidos sob o manto de Maria e que ela, perfeita discípula de Cristo, nos ajuda a ser discípulos do seu Filho e Mestre¹⁶³.

¹⁶² DAp 266.

¹⁶³ Cf. GALLI, C. Cristo, Maria, a Igreja e os povos. p. 61.

4

Maria no pontificado do Papa Francisco: Mãe da Igreja em Saída

Neste capítulo final de nossa pesquisa queremos demonstrar a atualidade de nosso tema com o recente gesto do Papa Francisco instituindo a memória de “Maria, Mãe da Igreja” no calendário litúrgico e nas consequências deste ato para a relação existente entre a maternidade de Maria e a dimensão materna da Igreja.

Analisando a *Evangelii Gaudium* e alguns discursos, entenderemos melhor o termo “Igreja em saída” cunhado pelo Papa Francisco em sua visão eclesiológica, que se relaciona com Maria “Mãe da Igreja em saída” e oferece um aprendizado com os movimentos de sua vida, onde os cristãos poderão encontrar inspiração para sua atitude missionária e evangelizadora.

4.1

Maria, Mãe da Igreja: A maternidade de Maria e a dimensão materna da Igreja

Iniciamos este capítulo, voltando novamente¹⁶⁴ à temática da maternidade de Maria, porém ampliando e atualizando esse nosso olhar para uma reflexão eclesiológica. Ao refletirmos sobre o momento derradeiro do calvário, onde a Bem-aventurada Virgem e Mãe esteve de pé junto à cruz (cf. Jo 19, 25), aceitando o testamento do amor do seu Filho e acolhendo todos os homens, representados na pessoa do discípulo amado, acolhe-os como verdadeiros filhos seus, por meio dessa adoção espiritual ela se tornou Mãe da Igreja, que Cristo gerou com o sangue e a água jorrados do seu coração¹⁶⁵. Esses sinais marcam a totalidade da sua oferta redentora mediante a qual Cristo continua a dar vida à Igreja através do Batismo e da Eucaristia. Maria Santíssima realiza a sua missão materna nessa admirável comunhão entre o Redentor e os redimidos, em João, o discípulo amado, Cristo elegeu todos os discípulos como herdeiros do seu amor para com a Mãe Santíssima, entregando-a a eles para que estes a acolhessem com amor filial.

¹⁶⁴ Já tratamos dessa questão no item 2.3 – Maria: Mãe dos Discípulos de Jesus.

¹⁶⁵ Cf. SC 5.

Nesse sentido, concorda José Eduardo Borges de Pinho, que ao traçar um paralelismo entre a maternidade de Maria e o rosto materno da Igreja, afirma:

A Maternidade espiritual da Igreja ao serviço do Reino de Deus encontra, pois, exemplaridade, impulso e sinalização específica no papel mediador de Maria, e isso não só perspectiva da sua vida histórica, mas também em relação com a sua presença na vida da Igreja ao longo dos tempos. “A maternidade da Igreja – acentua a *Redemptoris Mater* – realiza-se não só segundo o modelo e a figura de Maria, mas também com a sua ‘cooperação’”.¹⁶⁶

Percebemos uma profunda sintonia na teologia desenvolvida por Borges de Pinho e o pensamento que vimos buscando desenvolver em nosso trabalho, precisamente neste ponto atual, pois assim como ele cremos que a maternidade de Maria inspira a maternidade espiritual da Igreja e ilumina o modo de a Igreja entender o seu papel de sinal e instrumento da salvação de Deus no mundo, porém a Igreja precisa sempre se dar conta de que somente exercerá bem essa missão pela força do Espírito Santo que nela age, assim como a vida de Maria que foi pur expressão do amor misericordioso de Deus.¹⁶⁷

No nascimento da Igreja em Pentecostes, Maria inicia sua missão materna como guia e intercessora no cenáculo, rezando com os Apóstolos e esperando a vinda do Espírito Santo (cf. At 1, 14). Na caminhada da Igreja no decorrer de séculos, a piedade do povo cristão ornou Maria com inúmeros títulos, tais como Mãe dos discípulos, dos fiéis, dos crentes e também foi chamada como “Mãe da Igreja”. Tal fato também se pode identificar nos textos de inúmeros autores espirituais, como Santo Agostinho, afirmando que Maria é a mãe dos membros de Cristo porque cooperou, com a sua caridade, ao renascimento dos fiéis na Igreja. Outro exemplo é São Leão Magno ao dizer que o nascimento da Cabeça é, também, o nascimento do Corpo, o que indica que Maria é, ao mesmo tempo, mãe de Cristo, Filho de Deus, e mãe dos membros do seu corpo místico, isto é, a Igreja. Sobre o título “Mãe da Igreja”, afirma o teólogo Antonio Orozco:

Maria, por ser Mãe da Igreja, não está “fora dela”, mas pelo contrário: é membro proeminente e totalmente singular da Igreja. Unida intimamente a Deus e à obra redentora de Cristo com uma fé heroica, uma esperança firme e uma caridade fervente, é, ao mesmo tempo, protótipo e exemplo exímio da Igreja e da sua ação salvífica. Todo o influxo de graça que desce sobre a Igreja, é também sobre Maria, procede do único princípio que é Cristo. Maria não é criadora, mas receptora (recebe a graça em Cristo), mas de modo singular e eminente.¹⁶⁸

¹⁶⁶ PINHO, J., *A maternidade de Maria e o rosto materno da Igreja*, p. 62-63.

¹⁶⁷ Cf. *Ibid.*, p. 63.

¹⁶⁸ OROZCO, A., *Mãe de Deus e mãe nossa*, p. 173.

Contribuindo com esta reflexão destacamos o pensamento de Bruno Forte, que faz uma analogia entre Maria e a Trindade entendendo que existe uma espécie de ‘pericorese’ entre o ser “membro” e “mãe” da Igreja:

Maria , filha do Pai enquanto Virgem acolhedora e Mãe de Deus enquanto genitora, por graça, do Verbo encarnado, é então ícone do Filho enquanto Virgem, e ícone do Pai enquanto Mãe, e por isso, ao mesmo tempo, membro e mãe da Igreja. Participante da gratuidade divina e ícone materno do amor generante divino, Maria tem com a Igreja do Filho relação de maternidade, fundada no mistério de sua eleição e de sua relação peculiar com Deus Pai. Participante do acolhimento divino e ícone virginal da receptividade do Filho, Maria, junto com todo o povo de Deus, do qual é membro eminente, tem para com o Pai relação de verdadeira filiação, fecundada na graça de sua relação peculiar com o Filho. Nessa luz, os títulos de “mãe” e de “membro” da Igreja, atribuídos a Maria, não só não se excluem como também se integram reciprocamente na unidade do Mistério: existe entre eles uma espécie de “pericorese”, à semelhança existente entre as Pessoas divinas.¹⁶⁹

Apesar do Concílio Vaticano II não ter proclamado dogmaticamente este título mariano, em 21 de Novembro de 1964, por ocasião do encerramento da terceira sessão conciliar, o Papa Paulo VI proferiu em seu discurso as seguintes palavras:

Para glória da Virgem e para nosso conforto, proclamamos Maria Santíssima **Mãe da Igreja**, isto é, de todo o Povo de Deus, tanto dos fiéis como dos pastores, que lhe chamam Mãe amorosíssima; e queremos que com este título suavíssimo seja a Virgem doravante honrada e invocada por todo o povo cristão. Trata-se, veneráveis Irmãos, de um título que não é novo para a piedade dos cristãos; porque antes é justamente com este nome de Mãe, de preferência a qualquer outro, que os fiéis e a Igreja toda costumam dirigir-se a Maria¹⁷⁰.

Em meio ao seu discurso aos Padres conciliares, o Papa Paulo VI enfatiza que o título mariano que acabara de pronunciar, não era estranho ao “sensus fidelis”, ou seja, ao sentimento dos fiéis, que na devoção mariana de modo geral já se referiam à Maria com afeição materna. Em seguida ao referir-se a maternidade de Maria com relação à Cristo e à Igreja, o Romano pontífice afirma:

Em verdade, ele pertence à genuína substância da devoção a Maria, achando sua justificação na própria dignidade da Mãe do Verbo Encarnado. Efetivamente, assim como a maternidade divina é o fundamento da especial relação de Maria com Cristo e da sua presença na economia da salvação operada por Jesus Cristo, assim também constitui essa maternidade o fundamento principal das relações de Maria com a Igreja, sendo Ela Mãe d'Aquele que, desde o primeiro instante da Sua Encarnação no seu seio virginal, uniu a si, como Cabeça, o seu Corpo místico, que

¹⁶⁹ FORTE, B., *Maria, a mulher ícone do mistério*, p. 203.

¹⁷⁰ PAULO VI, Papa, Discurso no encerramento da terceira sessão do Concílio Ecumênico Vaticano. In: MARIA, Mãe da Igreja: O magistério mariano do Papa Paulo VI, p. 18.

é a Igreja. Maria, pois como Mãe de Cristo, também é Mãe dos fiéis e dos pastores todos, isto é, da Igreja.¹⁷¹

Na mesma ocasião, quando também se celebrava a festa da apresentação de Maria Santíssima no Templo, ao promulgar a constituição conciliar *De Ecclesia*, o Papa Paulo VI reiteradamente se referiu a Maria como “Mãe da Igreja”, invocando-a ainda como “auxílio dos bispos” ao rezar publicamente a seguinte oração:

Mãe de Deus, Virgem Maria, Venerável Mãe da Igreja, a ti confiamos a inteira Igreja e o Concílio ecumênico. Tu que és chamada com o doce nome de “auxílio dos bispos”, protege os pastores sagrados no desenvolvimento de sua missão e sê-lhes próxima, junto aos sacerdotes, aos irmãos religiosos e aos fiéis leigos, e todos aqueles que os ajudam a sustentar o árduo empenho da missão pastoral¹⁷².

No Dicionário de Mariologia, o grande teólogo e mariólogo Salvatore Meo afirma que, apesar de este título não estar presente na doutrina do capítulo VIII da Constituição Dogmática *Lumen Gentium* deve ser encarado como ato do Concílio por fazer parte de uma alocução pontifícia. Explicita ainda que, a função materna de Maria na Igreja e para a Igreja não deve ser entendida como sinônimo de “medianeira”, pois o concílio evitou tal título. O título “mãe da Igreja” deve ser entendido no sentido de que toda influência que a Virgem exerce sobre os homens nasce do beneplácito de Deus em função dos méritos, da mediação, da dependência de Cristo e da subordinação a Cristo¹⁷³.

Em relação ao aspecto litúrgico e celebrativo, por ocasião do Ano Santo da Reconciliação (1975), a Igreja propôs uma missa votiva em honra de Santa Maria, Mãe da Igreja, que foi inserida no Missal Romano. A mesma deu a possibilidade de acrescentar a invocação deste título na Ladainha Lauretana (1980), e publicou outros formulários na Coletânea de Missas da Virgem Santa Maria (1986). Para algumas nações e famílias religiosas que pediram, concedeu a possibilidade de acrescentar esta celebração no seu Calendário particular.

Recentemente, em 11 de fevereiro de 2018, o Papa Francisco promulgou o Decreto *Ecclesia Mater*, sobre a celebração da bem-aventurada Virgem Maria,

¹⁷¹ PAULO VI, Papa, Discurso no encerramento da terceira sessão do Concílio Ecumênico Vaticano. In: MARIA, Mãe da Igreja: O magistério mariano do Papa Paulo VI, p. 18.

¹⁷² PAULO VI, Papa, Festa da Apresentação de Maria Santíssima no Templo na conclusão da III sessão do Concílio Vaticano II, promulgando a constituição conciliar *De Ecclesia*. In: MARIA, Mãe da Igreja: O magistério mariano do Papa Paulo VI, p.123.

¹⁷³ Cf. MEO, S., “Concílio Vaticano II”. In: DE FIORES, S.; MEO, S., *Dicionário de Mariologia*, p. 298.

Mãe da Igreja no Calendário Romano Geral¹⁷⁴, tornando a celebração litúrgica deste título obrigatória para toda a Igreja sempre na segunda-feira após a festa de Pentecostes. Destacamos as seguintes palavras do referido decreto:

A feliz veneração em honra à Mãe de Deus e da Igreja contemporânea, à luz das reflexões sobre o mistério de Cristo e sobre a sua própria natureza, não poderia esquecer aquela figura de Mulher (cf. Gl 4,4), a Virgem Maria, que é Mãe de Cristo e com Ele Mãe da Igreja. [...] O Sumo Pontífice Francisco, considerando atentamente quanto a promoção desta devoção possa favorecer o crescimento do sentido materno da Igreja nos Pastores, nos religiosos e nos fiéis, como, também, da genuína piedade mariana, estabeleceu que esta memória da bem-aventurada **Virgem Maria, Mãe da Igreja**, seja inscrita no Calendário Romano na Segunda-feira depois do Pentecostes, e que seja celebrada todos os anos. Esta celebração ajudará a lembrar que a vida cristã, para crescer, deve ser ancorada no mistério da Cruz, na oblação de Cristo no convite eucarístico e na Virgem oferente, Mãe do Redentor e dos redimidos.¹⁷⁵

Acreditamos que tal fato, em meio à nossa pesquisa, demonstra a relevância e a atualidade de nosso tema. Pois, longe de ser um título circunscrito a um passado longínquo, está em efervescente discussão no cenário eclesial e teológico.

Queremos neste momento de nosso trabalho relembrar uma questão já tratada nesta pesquisa: a discussão teológica existente no período pré-conciliar entre as tendências mariológicas cristotípica e eclesiotípica. A primeira defendia que a mariologia deveria ser desenvolvida em relação à cristologia, enquanto que a segunda afirmava que tal reflexão deveria se dar em relação à eclesiologia. Sabemos que a eclesiotípica foi predominante no contexto histórico, haja vista que o tema relacionado à Virgem Maria foi incluído na constituição dogmática sobre a Igreja. É importante lembrar que o título “Mãe da Igreja” era usado pela linha cristotípica para mostrar uma superioridade de Maria em relação a Igreja.

Nesse sentido, lançamos os seguintes questionamentos: Qual seria a intenção do Papa Francisco com a instituição da memória da “bem-aventurada Virgem Maria, Mãe da Igreja”? Qual seria o pensamento teológico predominante do Papa Francisco na abordagem da mariologia? Qual é ligação entre Maria e a Igreja na visão do Papa Francisco?

Em busca dessas respostas, recorreremos ao livro do Padre Alexandre Awi Mello, escrito a partir de entrevistas com o Papa Francisco, onde o autor afirma

¹⁷⁴ CONGREGATIO DE CULTO DIVINO ET DISCIPLINA SACRAMENTORUM, *Decreto sulla celebrazione della beata Vergine Maria Madre della Chiesa nel Calendario Romano Generale*, 11/02/2018.

¹⁷⁵ Ibid.

que o jovem jesuíta Bergoglio foi teologicamente formado no pós-concílio, nesse sentido assumiu plenamente essa síntese e consciente da relação entre Maria e a Igreja conforme manifesta o capítulo VIII de *Lumen Gentium*. Naturalmente, essa identidade objetiva foi assumida por Francisco com acentos próprios, principalmente na sua relação existente entre a “Igreja-Mãe” e “Maria-Mãe”, conforme as palavras do pontífice demonstram em três momentos específicos que apresentamos a seguir:

Esta Igreja com a qual devemos “sentir” é a casa de todos, não uma pequena capela que só pode conter um grupinho de pessoas selecionadas. Não devemos reduzir o seio da Igreja universal a um ninho protetor da nossa mediocridade. E a Igreja é Mãe. A Igreja é fecunda, deve sê-lo¹⁷⁶.

Na catequese do dia 11 de setembro de 2013, na Praça de São Pedro, o Papa Francisco abordou novamente esta temática conciliar de uma Igreja que é e deve ser Mãe, a exemplo de Maria:

Para mim, é uma das imagens mais bonitas da Igreja: a Igreja-mãe! Assim é a Igreja: gera-nos na fé, por obra do Espírito Santo que a torna fecunda, como a Virgem Maria. Tanto a Igreja como a Virgem Maria são mães; o que se diz da Igreja pode ser dito também de Nossa Senhora; e o que se diz de Nossa Senhora pode ser dito inclusive da Igreja!¹⁷⁷

Destacamos ainda a catequese do dia 3 de setembro de 2014, quando aprofundou esta temática pronunciando as seguintes palavras:

A Igreja é realmente mãe, a nossa mãe Igreja – é belo dizer assim: a nossa mãe Igreja – uma mãe que nos dá a vida em Cristo e que nos faz viver com todos os outros irmãos na comunhão do Espírito Santo. **Nesta sua maternidade, a Igreja tem como modelo a Virgem Maria**, o modelo mais belo e mais alto que se pode ter. [...] A maternidade de Maria é certamente única, singular, e se realizou na plenitude dos tempos, quando a Virgem deu à luz o Filho de Deus, concebido por obra do Espírito Santo. E, todavia, a maternidade da Igreja coloca-se propriamente em continuidade com aquela de Maria, como um prolongamento seu na história¹⁷⁸.

Percebemos ao analisar todas essas alocações do Papa Francisco, que seu pensamento mariológico inclina-se para a tendência eclesiotípica assumida predominantemente no Concílio Vaticano II, ou seja, prefere uma abordagem teológica de Maria em sua relação com a Igreja. Entendemos que seja essa a chave de leitura para este título mariano em seu pontificado.

Além da influência do Vaticano II, importa destacar a influência do Documento de Aparecida no pensamento do Papa Francisco (na época ainda

¹⁷⁶ AWI MELLO, A., *Ela é minha mãe: encontros do Papa Francisco com Maria*, p. 223.

¹⁷⁷ FRANCISCO, Papa, *Audiência geral*, 11/07/2013.

¹⁷⁸ FRANCISCO, Papa, *Audiência geral*, 03/09/2014.

Cardeal Bergoglio - Arcebispo de Buenos Aires). Francisco foi presidente da comissão de redação e participou ativamente das discussões e da elaboração do seu texto conclusivo. Neste documento afirma-se que a Igreja é uma “família”, onde a Virgem Maria é a “mãe que confere alma e ternura”, sendo chamada “mãe da Igreja” e de “artífice de comunhão”¹⁷⁹.

Apesar de já termos refletido nos capítulos precedentes da visão da Igreja como mãe, desejamos aprofundar essa questão com o auxílio de Carlos María Galli, teólogo argentino e reconhecido pesquisador do pensamento teológico do Papa Francisco, ele explica que ao tratar do tema “Igreja”, Francisco liga as noções de “Povo” e “Mãe” de modo similar como faz a tradição latina e a eclesiologia contemporânea. Afirmando repetidamente que a Igreja é “mulher”, e fazendo uso das imagens femininas da Igreja: virgem, mãe, viúva. Acima de tudo, “uma mãe de coração aberto”¹⁸⁰, e uma casa de portas abertas, conforme já afirmara na *Evangelii Gaudium*:

A Igreja é chamada a ser sempre a casa aberta do Pai. Um dos sinais concretos dessa abertura é ter, por todo lado, igrejas com as portas abertas. Assim, se alguém quiser seguir uma moção do Espírito e se aproximar à procura de Deus, não esbarrará com a frieza de uma porta fechada.¹⁸¹

A partir destas reflexões entendemos melhor o título “Maria, Mãe da Igreja”, que deve ser interpretado no pontificado do Papa Francisco sob a ótica do documento de *Aparecida*, onde a maternidade de Maria em relação aos apóstolos reunidos no cenáculo é um sinal da maternidade da Igreja para os fiéis de todos os tempos. Acreditamos serem estas as respostas para os questionamentos que apresentamos neste ponto de nosso trabalho.

Parece-nos que a intencionalidade do Papa Francisco emerge de uma releitura do Concílio Vaticano II e do Documento de *Aparecida*, ao incluir maior relevância e valorização a esta festa litúrgica mariana, quis ele evidenciar uma só realidade: A Virgem Maria é sacramento da maternidade da Igreja, no sentido em que a Igreja se inspira no exemplo materno de Maria e manifesta aos fiéis a maternidade que dela aprendeu aos pés da cruz e no cenáculo em pentecostes. Comentando essa questão e explicitando as características desta maternidade, Carlos Maria Galli, afirma:

¹⁷⁹ Cf. DAp 270.

¹⁸⁰ DAp 370.

¹⁸¹ EG 47.

Bergoglio dizia que a maternidade da Igreja coliga três conceitos: santidade, fecundidade, disciplina. A santidade da Igreja, porque fomos gerados por Deus no corpo santo da Igreja. Ela se reflete no rosto limpo e puro de Maria Imaculada. A fecundidade da Igreja gera filhos com a força da fé, com a fé de Maria que deu à luz o Verbo da Vida. A maternidade passa pela fecundidade paradoxal do Evangelho. A disciplina ou o amor disciplinado se insere no corpo eclesial e faz servidores da evangelização, que é “ato eclesial”. A disciplina é uma dimensão do amor santo e fecundo. A adesão ao Reino se adentra no lado de Cristo adormecido sobre a Cruz, de onde nasce a Igreja, sua esposa, Mãe fecunda e Corpo disciplinado e nutrido pela Eucaristia.¹⁸²

Nesse mesmo sentido concorda José Eduardo Borges de Pinho, ao afirmar que é missão de todo cristão e de toda a comunidade cristã ter um “olhar positivo” sobre a história e a vida do mundo, buscando valorizar a bondade da criação e iluminando com esperança os corações de todos os homens, em meio a tantas incertezas, dúvidas e crises do momento histórico que vivemos. Segundo o autor, é a partir desse olhar positivo e à semelhança de Jesus, que a Igreja, age verdadeiramente como mãe, sendo capaz de descobrir, acolher e promover os valores evangélicos que vão crescendo em meio à vida das pessoas e da sociedade, sendo deste modo os sinais do Reino de Deus já presente e atuante na história.¹⁸³

Após compreendermos as premissas existentes na relação da maternidade de Maria e na dimensão materna da Igreja, da maneira bela e sublime como o modo de ser mãe de Maria, ilumina e inspira a Igreja, a também ela ser mãe dos fiéis, pensamento teológico este tão insistentemente manifestado pelo Papa Francisco em seu pontificado, sentimo-nos mais capacitados para dar o passo seguinte em nossa pesquisa, ou seja, lançarmos um olhar atento ao convocar a Igreja em um processo de saída ao encontro dos mais necessitados, dos que se encontram distantes e que ainda não possuem a esperança e a alegria da mensagem cristã em seus corações e vidas.

¹⁸² GALLI, C., *Cristo, Maria, a Igreja e os povos*, p. 75.

¹⁸³ Cf. PINHO, J., *A maternidade de Maria e o rosto materno da Igreja*, p. 59-60.

4.2

Papa Francisco e o desejo por uma “Igreja em Saída”: A Mãe Igreja ao encontro dos seus filhos

Em 24 de Novembro de ano de 2013, ainda no início de seu pontificado, o Papa Francisco promulgou a Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* (EG)¹⁸⁴ onde tratou a questão do anúncio do evangelho no mundo atual. Dentre muitas afirmações que o foram feitas, o termo “Igreja em saída” assumiu aspecto predominante no âmbito eclesial do pontificado atual. Vejamos em que consiste tal realidade:

A Igreja “em saída” é a comunidade de discípulos missionários que “primeireiam”, que se envolvem, que acompanham, que frutificam e festejam. *Primeireiam* – desculpai o neologismo –, tomam a iniciativa! A comunidade missionária experimenta que o Senhor tomou a iniciativa, precedeu-a no amor (cf. *1 Jo* 4, 10), e, por isso, ela sabe ir à frente, sabe tomar a iniciativa sem medo, ir ao encontro, procurar os afastados e chegar às encruzilhadas dos caminhos para convidar os excluídos. Vive um desejo inexaurível de oferecer misericórdia, fruto de ter experimentado a misericórdia infinita do Pai e a sua força difusiva. Ousemos um pouco mais no tomar a iniciativa!¹⁸⁵

O teólogo George Augustin em sua obra “Por uma Igreja ‘em saída’” comenta a *Evangelii Gaudium*, ao refletir o uso do termo “primeirear” pelo Papa Francisco, afirma:

Esse chamamento missionário se dirige a todos e a todas. Cada cristão deve entender-se a si próprio como discípulo missionário, tomar a iniciativa e envolver-se. Devemos acompanhar as pessoas, dar fruto e celebrar a fé. O Papa designa estes passos por um neologismo espanhol “primeirear”, isto é, tomar a iniciativa, preceder, incorporar-nos no movimento da benevolente iniciativa divina. A saída acontece na medida em que estamos dispostos a pôr-nos verdadeiramente em marcha. Como diz a sabedoria popular (na voz de um famoso poeta espanhol): “se hace camino al andar” (o caminho faz-se caminhando).¹⁸⁶

Entendemos que o grande apelo do Papa Francisco convidando a Igreja a “primeirear” no processo de saída na atitude missionária, se dá no sentido de que ele compreende que não podemos permanecer em uma atitude auto referenciada, como se ainda fôssemos o “centro do mundo” ou como se ainda estivéssemos vivendo na era da cristandade, quando a sociedade, desde reis até plebeus vinham ao seu encontro para buscar direção, essa época passou.

¹⁸⁴ FRANCISCO, Papa, *Exortação apostólica Evangelii Gaudium*.

¹⁸⁵ EG 24.

¹⁸⁶ AUGUSTIN, G., *Por uma Igreja “em saída”*, p. 25.

Atualmente a Igreja não pode simplesmente esperar que todos venham até ela, por isso o convite intrépido e ousado do Papa Francisco, provocando toda a Igreja a tomar a iniciativa primeira, nesse processo de ir ao encontro e “envolver-se” com a sociedade e mundo. Continua a Exortação Apostólica:

Como consequência, a Igreja sabe “envolver-se”. Jesus lavou os pés aos seus discípulos. O Senhor envolve-Se e envolve os seus, pondo-Se de joelhos diante dos outros para os lavar; mas, logo a seguir, diz aos discípulos: “Sereis felizes se o puserdes em prática” (*Jo* 13, 17). Com obras e gestos, a comunidade missionária entra na vida diária dos outros, encurta as distâncias, abaixa-se – se for necessário – até à humilhação e assume a vida humana, tocando a carne sofredora de Cristo no povo. Os evangelizadores contraem assim o “cheiro das ovelhas”, e estas escutam a sua voz.¹⁸⁷

Acreditamos que esta afirmação foi uma das mais provocadoras que o Papa Francisco já fez em seu pontificado, pois demonstra bem o estilo do evangelizador - ministro ordenado ou leigo - desejado pelo pontífice, ou seja, uma evangelização de proximidade (corpo a corpo), que se envolve na vida e na história do outro, a fim de conhecê-lo e ajudá-lo, até que o outro não seja um estranho, mas verdadeiramente irmão em Cristo.

Seguem as palavras do Papa Francisco:

Em seguida, a comunidade evangelizadora dispõe-se a “acompanhar”. Acompanha a humanidade em todos os seus processos, por mais duros e demorados que sejam. Conhece as longas esperas e a suportaçã apostólica. A evangelizaçã patenteia muita paciência, e evita deter-se a considerar as limitações. Fiel ao dom do Senhor, sabe também “frutificar”. A comunidade evangelizadora mantêm-se atenta aos frutos, porque o Senhor a quer fecunda. Cuida do trigo e não perde a paz por causa do joio. O sementeiro, quando vê surgir o joio no meio do trigo, não tem reações lastimosas ou alarmistas. Encontra o modo para fazer com que a Palavra se encarne numa situaçã concreta e dê frutos de vida nova, apesar de serem aparentemente imperfeitos ou defeituosos. O discípulo sabe oferecer a vida inteira e jogá-la até ao martírio como testemunho de Jesus Cristo, mas o seu sonho não é estar cheio de inimigos, mas antes que a Palavra seja acolhida e manifeste a sua força libertadora e renovadora¹⁸⁸.

Ao comentar os frutos da evangelizaçã, George Augustin afirma:

A evangelizaçã progredirá se conseguirmos, antes de tudo, aprofundar espiritualmente a nossa fé e renovar a nossa vida. Sem esse aprofundamento, as múltiplas atividades ficarã meramente na superfície, pois a alegria da transmissã do Evangelho cresce em nós quando redescobrimos a sua beleza. Porque é bela, essa mensagem pode comover as pessoas e movê-las interiormente. Temos de abrir os olhos – e depois ajudar os outros a fazê-lo – a tão bela e tão desejável Boa-nova. Então, estaremos em condições de discernir entre o que é essencial e o que não é,

¹⁸⁷ EG 24.

¹⁸⁸ EG 24.

de nos regozijarmos na fé e oferecê-la a todos os homens, com renovada energia e esperança. Portanto, a renovação pessoal e comunitária da fé é a chave para que na Igreja se concretize a saída¹⁸⁹.

Ao clamar por uma Igreja “em saída” e tratar do processo da evangelização o Papa Francisco foi se utilizando de verbos que buscamos refletir pontualmente em seu sentido teológico-pastoral, o ultimo deste é “festejar”, nisto vemos claramente manifesto que verdadeiramente a “alegria do evangelho” (nome da exortação apostólica) só pode ser encontrada quando a Igreja anuncia o evangelho a todos, conforme se pode perceber nas seguintes palavras:

Por fim, a comunidade evangelizadora jubilosa sabe sempre “festejar”: celebra e festeja cada pequena vitória, cada passo em frente na evangelização. No meio desta exigência diária de fazer avançar o bem, a evangelização jubilosa torna-se beleza na liturgia. A Igreja evangeliza e se evangeliza com a beleza da liturgia, que é também celebração da atividade evangelizadora e fonte dum renovado impulso para se dar¹⁹⁰.

Confirmando a intuição que já explicitamos em nosso trabalho, Mario França Miranda declara que a fundamentação eclesiológica da *Evangelii Gaudium* está enraizada no Concílio Vaticano II e no Documento de Aparecida. Ao comentar a noção de “Igreja em saída” proposta pelo Papa Francisco, afirma que “o salvífico é prioritário de tal modo que o doutrinal, o jurídico e o institucional estão a seu serviço e dele recebem seu sentido último”. Desse modo, percebe-se que tal conceito está em perfeita consonância com a “conversão pastoral e missionária” tão enfatizada pelo Documento de Aparecida quando denotou que “a Igreja não ser meramente funcional e burocrática”¹⁹¹.

Essa ideia é corroborada pelo discurso do Papa ao comitê organizador da Jornada Mundial da Juventude do Rio de Janeiro, quando o pontífice usa a expressão “Igreja em Saída” conjuntamente com a expressão “Discípulos Missionários” do Documento de Aparecida. Nesse discurso, o papa enfatiza que os cristãos não devem temer as dificuldades, mas precisam confiar no Senhor e se motivarem no serviço e na doação cheios da Alegria do Evangelho¹⁹².

Durante a Jornada Mundial da Juventude, no encontro que teve com o episcopado brasileiro, o pontífice reafirmou as conclusões da Conferência de

¹⁸⁹ AUGUSTIN, G., *Por uma Igreja “em saída”*, p. 25-26.

¹⁹⁰ EG 24.

¹⁹¹ MIRANDA, M. F., *A reforma de Francisco*, p. 60-61.

¹⁹² Cf. FRANCISCO, Papa, *Discurso aos membros do comitê de organização da XXVII Jornada Mundial da Juventude no Rio de Janeiro*.

Aparecida e insistiu no rosto de uma Igreja que é evangelizadora por sua natureza “uma Igreja que existe para evangelizar com audácia e liberdade a todos os níveis sociais e que permaneça em “estado permanente de missão e conversão pastoral”:

Quanto à **missão**, há que lembrar que a urgência deriva de sua motivação interna, isto é, trata-se de transmitir uma herança, e, quanto ao método, é decisivo lembrar que uma herança sucede como na passagem do testemunho, do bastão, na corrida de estafeta: não se joga ao ar e quem consegue apanhá-lo tem sorte, e quem não consegue fica sem nada. Para transmitir a herança é preciso entregá-la pessoalmente, tocar a pessoa para quem você quer doar, transmitir essa herança. Quanto à **conversão pastoral**, quero lembrar que «pastoral» nada mais é que o exercício da maternidade da Igreja. Ela gera, amamenta, faz crescer, corrige, alimenta, conduz pela mão... Por isso, faz falta uma Igreja capaz de redescobrir as entranhas maternas da misericórdia. Sem a misericórdia, poucas possibilidades temos hoje de inserir-nos em um mundo de «feridos», que têm necessidade de compreensão, de perdão, de amor.¹⁹³

Aqui vemos claramente a “ligação íntima” entre Maria e a Igreja na temática da maternidade, a teóloga Lúcia Pedrosa-Pádua afirma que para o Papa Francisco, em Maria, na Igreja e na pessoa de cada cristão, está o fato de que existem diversas formas de gerar o Cristo e de que a Igreja e cada cristão, a exemplo de Maria, continuam a gerar Cristo. Tal ato de gerar se dá na escuta e atenta e no seguimento da Palavra de Deus, pois desse modo todos somos chamados a fazer parte da família de Jesus na comunidade dos seus seguidores. Afirma a autora:

A Igreja, como povo de Deus gerador, deve viver e gerar uma nova realidade, uma vida nova de batizados, na qual há a passagem do “homem velho” ao “homem novo”. Ao gerar filhos pelo batismo, a Igreja gera um povo livre e libertado por Cristo, para n’Ele viver novas relações. Como Maria, que foi livre e libertada e que aprendeu a viver relações de amor e liberdade com seu filho e com todos, no Espírito. (...) O magistério de Francisco reafirma e reforça a relação íntima entre Maria, a Igreja e cada cristão e cristã. O que se diz de Maria, se diz da Igreja e de cada cristão, como exemplo e espelho. A figura de Maria é para cada nós paradigma, incide em nós existencialmente pelo amor.¹⁹⁴

Com o intuito de melhor demonstrar alguns exemplos do que seja uma “Igreja em saída”, resgatamos o discurso do Papa Francisco aos membros do *Círculo de São Pedro*¹⁹⁵, quando elogia suas atitudes caritativas:

A vossa Associação, inserida na realidade eclesial da diocese de Roma, constitui a expressão de uma “**Igreja em saída**”: uma Igreja que caminha para procurar, visitar, encontrar, escutar, compartilhar e estar ao lado das pessoas mais pobres. A cada um de vós é pedido não simplesmente que vá ao encontro dos mais

¹⁹³ FRANCISCO, Papa, *Encontro com o Episcopado brasileiro*, 27/07/2013, n. 4.

¹⁹⁴ PEDROSA-PÁDUA, L., *Uma Igreja mariana no magistério do Papa Francisco*, p. 145-146.

¹⁹⁵ Cf. FRANCISCO, Papa, *Discurso aos membros do círculo de São Pedro*, 09/05/2016. (O círculo de São Pedro é uma obra social católica que ajuda aos pobres da Cidade de Roma desde 1869)

necessitados, mas que o faça levando Jesus. Trata-se de ir como discípulos, como amigos do Senhor; trata-se de compartilhar a sua palavra, a do Evangelho, de repetir os seus gestos de perdão, de amor e de dom, de não procurar o próprio prestígio, mas o bem do próximo.

O Papa Francisco apresenta como um modelo de “Igreja em saída” a obra de São Junípero Serra. Canonizado em setembro de 2015, Junípero foi um missionário que tinha a convicção íntima de que a evangelização poderia ajudar os índios norte-americanos contra as ambições dos colonos e governantes. Com esta visão, ele criou nove missões onde não apenas explicava o Evangelho, mas também ensinava técnicas de agricultura, pecuária e produção artesanal. Estas foram as palavras do Papa em sua missa de canonização:

Recordamos uma daquelas testemunhas que souberam testemunhar nestas terras a alegria do Evangelho: Padre Junípero Serra. Soube viver aquilo que é “**a Igreja em saída**”, esta Igreja que sabe sair e ir pelas estradas, para partilhar a ternura reconciliadora de Deus. Soube deixar a sua terra, os seus costumes, teve a coragem de abrir sendas, soube ir ao encontro de muitos aprendendo a respeitar os seus costumes e as suas características. Aprendeu a gerar e acompanhar a vida de Deus nos rostos daqueles que encontrava, tornando-os seus irmãos. Junípero procurou defender a dignidade da comunidade nativa, protegendo-a de todos aqueles que abusaram dela; abusos que hoje continuam a encher-nos de pesar, especialmente pela dor que provocam na vida de tantas pessoas¹⁹⁶.

Em um discurso a Federação Bíblica Católica, o Papa Francisco afirma mais uma vez o que deseja de uma Igreja em saída. Para isso, apresenta São Paulo como exemplo, dizendo:

Esta é a sua força. Esta é uma “**Igreja em saída**”, uma Igreja “martirial”. É uma Igreja que caminha, que está na rua. E acontece o que pode acontecer a uma pessoa que está na rua: um acidente... Mas prefiro uma Igreja ferida num acidente do que uma Igreja doente, no fechamento de si mesma. Com a *parresia* e a *hypomone*; aquela paciência que é o carregar sobre os ombros as situações, mas também **a ternura de carregar nos ombros os fiéis feridos**, que lhe foram confiados. Uma Igreja pastoral. Só a Palavra de Deus e, ao lado da Palavra, a Eucaristia. Os irmãos que se reúnem para louvar o Senhor precisamente com a fragilidade do pão e do vinho, do Corpo do Senhor, do Sangue do Senhor¹⁹⁷.

Além dos elementos já apresentados na *Evangelii Gaudium* acrescenta-se a ternura como uma característica importante da “Igreja em Saída”. Essa dimensão de ternura vincula-se a maternidade com que a Igreja necessita tratar seus feridos. Não é sem motivo que o Papa diz que a Igreja que imita as qualidades de Maria

¹⁹⁶ FRANCISCO, Papa, *Santa missa e canonização do Beato Padre Junípero Serra*.

¹⁹⁷ Id., *Discurso aos participantes na Assembleia Plenária da Federação bíblica católica (FEBIC)*.

consegue viver como uma Igreja “em saída”, conforme ele exprime ao tratar do “estilo mariano” na atividade evangelizadora da Igreja.

A teóloga Lúcia Pedrosa-Pádua, comenta que este “estilo mariano” pode ser entendido como uma forma que o papa Francisco se utiliza para articular as dimensões de mística e profecia, oração e ação, que ele deseja na espiritualidade do evangelizador que fará tornar realidade a “Igreja em saída”:

- Justiça e ternura: Maria articula a justiça, como nos evidencia seu grito no Magnificat – ela louvava a Deus porque Ele “derrubou os poderosos de seus tronos” e “mandou embora os ricos de mãos vazias” (Lc 1,52.53) – com a ternura-afeto-humildade, que “assegura o aconchego de um lar”, humaniza o mundo e, longe ser uma fraqueza, é, ao contrário, característica revolucionária dos fortes.
- Contemplação e caminho: Maria articula o espírito contemplativo, que possibilita “reconhecer os vestígios do Espírito de Deus” tanto nos grandes acontecimentos como nos acontecimentos aparentemente imperceptíveis, com a prontidão para caminhar, pois ela sai “apressadamente” (Lc 1,39) de sua terra para ir ajudar os outros – por isso ela é Senhora da Prontidão¹⁹⁸.

Conforme afirma Víctor Codina, pode-se perceber na *Evangelii Gaudium* e no pensamento do Papa Francisco, que o encontro com Maria simboliza a rota pastoral que Francisco sonha para a Igreja, pois Maria é modelo do itinerário eclesial, é modelo da Igreja. Pois ó povo encontra em Maria “a ternura feminina de Deus, o rosto materno da Igreja, o alento e consolo do sopro divino, o estilo mariano da evangelização, o dom de Jesus ao povo, o amor e alegria para os pequenos e pobres”¹⁹⁹.

Tal fato pode ser claramente percebido nas seguintes palavras do Papa Francisco:

Convido-vos ainda a contemplar o amor de Maria: um amor solícito, dinâmico, concreto. Um amor cheio de audácia e todo projetado para o dom de Si mesma. Uma Igreja impregnada por estas qualidades marianas será sempre uma Igreja em saída, que ultrapassa os seus limites e confins para fazer transbordar a graça recebida. Se nos deixarmos contagiar pelo exemplo de Maria, viveremos concretamente aquela caridade que nos impele a amar a Deus acima de tudo e de nós mesmos, a amar as pessoas com quem partilhamos a vida diária. E amaremos inclusive quem nos poderia parecer, por si mesmo, pouco amável. É um amor que se torna serviço e dedicação, sobretudo pelos mais fracos e os mais pobres, que transforma os nossos rostos e nos enche de alegria²⁰⁰.

Este aspecto manifesta uma retomada do que outrora já havia sido afirmado pelo Documento de Aparecida, quando apresentava a Igreja-família reunida em

¹⁹⁸ PEDROSA-PÁDUA, L., *Uma Igreja mariana no magistério do Papa Francisco*, p. 154-155.

¹⁹⁹ CODINA, V., *Espírito e Iglesia em Francisco*, p. 130.

²⁰⁰ FRANCISCO, Papa, *Mensagem para a XXXIII Jornada Mundial da Juventude*: “Maria, não temas, pois achaste graça diante de Deus (Lc 1, 30)”.

torno da Mãe Maria, que por sua vez conferia ternura à convivência familiar²⁰¹. Desse modo, percebemos mais uma vez ressaltada a estreita relação que existe entre a maternidade de Maria e a maternidade da Igreja, sobretudo no modelo inspirador de Maria através de suas virtudes para a família de Cristo.

Em relação ao processo de saída da Igreja, o pontífice afirma que não deve ser realizado de modo indiscriminado, sem direção ou com uma pressa inconsequente que comprometa o processo de evangelização:

A “Igreja em saída” é uma Igreja com as portas abertas. Sair em direção aos outros para chegar às periferias humanas não significa correr pelo mundo sem direção nem sentido. Muitas vezes é melhor diminuir o ritmo, pôr de parte a ansiedade para olhar nos olhos e escutar, ou renunciar às urgências para acompanhar quem ficou caído à beira do caminho²⁰².

O teólogo Carlos María Galli afirma que o papa Francisco promove uma reforma da Igreja e da sociedade a partir das periferias (existenciais) da pobreza e comenta que essa conversão missionária pode ser percebida em palavras e gestos do pontífice, como quando visitou a Paróquia dos Santos Zacarias e Isabel em uma periferia de Roma, lá o Papa Francisco afirmou que “a realidade se entende melhor nas periferias”. O teólogo argentino recorda que Bergoglio conheceu a realidade pastoral dos subúrbios de Buenos Aires. Nesse sentido entende-se que o Papa Francisco olha a situação mundial a partir dos povos pobres e dos pobres do povo. Pois, as periferias não são somente lugares privilegiados de missão, mas também horizontes hermenêuticos que ajudam a conhecer a realidade. Assim sendo, quando Francisco olha as periferias ele está refletindo e buscando um modelo social alternativo de desenvolvimento, justiça e paz²⁰³.

Conforme já pudemos observar a Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* constantemente apresenta uma relação materna da Igreja com seus filhos, porém em determinado ponto inspirando-se na parábola do filho pródigo, passa a descrever a “Igreja em saída” como sendo uma “casa paterna de portas abertas” e não uma alfândega burocrática:

Às vezes, é como o pai do filho pródigo, que continua com as portas abertas para, quando este voltar, poder entrar sem dificuldade. A Igreja é chamada a ser sempre a casa aberta do Pai. [...] Muitas vezes agimos como controladores da graça e não como facilitadores. Mas a Igreja não é uma alfândega; é a casa paterna, onde há

²⁰¹ Cf. DAp 268.

²⁰² EG 46.

²⁰³ Cf. GALLI, C., *Cristo, Maria, a Igreja e os povos*, p. 93-94.

lugar para todos com a sua vida fadigosa. Se a Igreja inteira assume este dinamismo missionário, há de chegar a todos, sem exceção.²⁰⁴

Merece destaque na eclesiologia da *Evangelii Gaudium*, o chamado do Papa Francisco à uma Igreja descentrada, que não fique em uma atitude de inércia e paralisia, mas impelida pela força do Espírito Santo, pelo zelo apostólico e pela graça do Evangelho, saia de uma posição de conforto e vá ao encontro daqueles que necessitam de um profundo e verdadeiro encontro com Jesus Cristo:

Saiamos, saiamos para oferecer a todos a vida de Jesus Cristo! [...] prefiro uma Igreja acidentada, ferida e enlameada por ter saído pelas estradas, a uma Igreja enferma pelo fechamento e a comodidade de se agarrar às próprias seguranças. Não quero uma Igreja preocupada com ser o centro, e que acaba presa num emaranhado de obsessões e procedimentos. Se alguma coisa nos deve santamente inquietar e preocupar a nossa consciência é que haja tantos irmãos nossos que vivem sem a força, a luz e a consolação da amizade com Jesus Cristo, sem uma comunidade de fé que os acolha, sem um horizonte de sentido e de vida. Mais do que o temor de falhar, espero que nos mova o medo de nos encerrarmos nas estruturas que nos dão uma falsa proteção, nas normas que nos transformam em juízes implacáveis, nos hábitos em que nos sentimos tranquilos, enquanto lá fora há uma multidão faminta e Jesus repete-nos sem cessar: “Dai-lhes vós mesmos de comer” (Mc 6, 37).²⁰⁵

Esta declaração com palavras apaixonadas do Papa Francisco nos levam a compreender perfeitamente o seu ardente desejo por uma “Igreja em saída”. Conforme afirma Carlos María Galli, o Papa Francisco quer centrar-se na missão de anunciar o Evangelho. A sua eclesiologia pastoral está em perfeita sintonia com a que fora desenvolvida por Paulo VI, para quem “a Igreja existe para evangelizar”. Desse modo propõe “a transformação missionária da Igreja” em busca de “uma Igreja em saída” tem principalmente dois vértices: Cristo para a conversão e o ser humano para a missão. Para isso o cristão, discípulo missionário, se descentra de si mesmo, centrando-se em Cristo, que o convida para segui-lo como discípulo e o envia como missionário nas periferias sociais e existenciais²⁰⁶.

²⁰⁴ EG 47-48.

²⁰⁵ EG 49.

²⁰⁶ Cf. GALLI, C., *Cristo, Maria, a Igreja e os povos*, p. 61.

4.3 Maria, Mãe inspiradora da Igreja em Saída

Chegamos neste momento ao ápice de nosso trabalho de pesquisa para onde todos os temas já abordados confluem. Entendemos que Maria é figura inspiradora para a Igreja em saída. Se no Concílio Vaticano II, o Papa Paulo VI a chamou de “Estrela da Evangelização”, desta vez na *Evangelii Gaudium*, o Papa Francisco a chama de “Estrela da nova evangelização”:

À Mãe do Evangelho vivente, pedimos a sua intercessão a fim de que este convite para uma nova etapa da evangelização seja acolhido por toda a comunidade eclesial. Ela é a mulher de fé, que vive e caminha na fé, e “a sua excepcional peregrinação da fé representa um ponto de referência constante para a Igreja”. Ela deixou-Se conduzir pelo Espírito, através dum itinerário de fé, rumo a uma destinação feita de serviço e fecundidade. Hoje fixamos n’Ela o olhar, para que nos ajude a anunciar a todos a mensagem de salvação e para que os novos discípulos se tornem operosos evangelizadores. Nesta peregrinação evangelizadora, não faltam as fases de aridez, de ocultação e até de um certo cansaço, como as que viveu Maria nos anos de Nazaré enquanto Jesus crescia: “Este é o início do Evangelho, isto é, da boa nova, da jubilosa nova. Não é difícil, porém, perceber naquele início um particular aperto do coração, unido a uma espécie de “noite da fé” – para usar as palavras de São João da Cruz – como que um “véu” através do qual é forçoso aproximar-se do Invisível e viver na intimidade com o mistério. Foi deste modo efetivamente que Maria, durante muitos anos, permaneceu na intimidade com o mistério do seu Filho, e avançou no seu itinerário de fé”²⁰⁷.

Nota-se aqui uma evidente alusão ao tema que trabalhamos em nosso primeiro capítulo, quando tivemos a oportunidade de acompanhar a “peregrinação da fé” de Maria desde a encarnação do verbo em Nazaré até o nascimento da Igreja em pentecostes. Durante esse percurso, vimos o amadurecimento de Maria como mãe, discípula e mãe dos discípulos. Este também é o caminho que toda a Igreja deverá atravessar apesar das vicissitudes dos tempos. Como Maria, a comunidade dos fieis é chamada a avançar no itinerário da fé nas alegrias ou nas dores independente das dificuldades.

Nesse sentido, Pedrosa-Pádua, afirma que:

Podemos contemplar em Maria este núcleo de força que foi a atitude que envolveu a observação confiada, a contemplação maravilhada e a oração silenciosa (“a mãe guardava todos estes acontecimentos em seu coração” e “procurava-lhes o sentido”, Lc 2,51.19). Atitude que gerou a iluminação da sua inteligência no momento oportuno e que fecundou, ao longo de sua vida, ações criativas e abertas à transformação. Houve um processo de integração, sempre inacabado, entre oração, discernimento e respostas coerentes. Maria pode ser a ilustração de que Deus convida sempre a dar um passo a mais. Maria deu uma resposta completa a Deus, o *sim*, mas este *sim* se desdobrou em distintas manifestações ao longo de sua

²⁰⁷ EG 287.

vida. A *Evangelii Gaudium* afirma que Deus “não exige uma resposta completa se ainda não percorremos o caminho que a torna possível” (EG 153)²⁰⁸.

Murad, ao comentar a presença de Maria na *Evangelii Gaudium*, reforça a ideia de que se está fazendo um resgate de elementos da *Lumen Gentium* e da *Marialis Cultus*, mas afirma que se apresenta também um eco de mariologia contemporânea com traços de devoção e sensibilidade latino-americana; segundo ele, o Papa Francisco não pronuncia nenhuma palavra explícita sobre a necessária renovação da devoção mariana, mas oferece à Igreja algumas chaves de leitura do perfil de Maria a partir da Sagrada Escritura, com sensibilidade pastoral e com significativa devoção²⁰⁹.

No último parágrafo da *Evangelii Gaudium*, temos a principal afirmação sobre a inspiração de Maria para a “Igreja em saída”, quando lemos:

Há um estilo mariano na atividade evangelizadora da Igreja. Porque sempre que olhamos para Maria, voltamos a acreditar na força revolucionária da ternura e do afeto. N’Ela, vemos que a humildade e a ternura não são virtudes dos fracos, mas dos fortes, que não precisam de maltratar os outros para se sentir importantes. Fixando-a, descobrimos que aquela que louvava a Deus porque “derrubou os poderosos de seus tronos” e “aos ricos despediu de mãos vazias” (*Lc 1, 52.53*) é mesma que assegura o aconchego dum lar à nossa busca de justiça. E é a mesma também que conserva cuidadosamente “todas estas coisas ponderando-as no seu coração” (*Lc 2, 19*). Maria sabe reconhecer os vestígios do Espírito de Deus tanto nos grandes acontecimentos como naqueles que parecem imperceptíveis. É contemplativa do mistério de Deus no mundo, na história e na vida diária de cada um e de todos. É a mulher orante e trabalhadora em Nazaré, mas é também nossa Senhora da prontidão, a que sai “à pressa” (*Lc 1, 39*) da sua povoação para ir ajudar os outros. Esta dinâmica de justiça e ternura, de contemplação e de caminho para os outros faz d’Ela um modelo eclesial para a evangelização. Pedimos-Lhe que nos ajude, com a sua oração materna, para que a Igreja se torne uma casa para muitos, uma mãe para todos os povos, e torne possível o nascimento dum mundo novo. É o Ressuscitado que nos diz, com uma força que nos enche de imensa confiança e firmíssima esperança: “Eu renovo todas as coisas” (*Ap 21, 5*)²¹⁰.

Pedrosa-Pádua afirma que a graça divina esconde-se na vida sóbria, corajosa e fiel de Maria. A mesma graça que se manifestou na vida de Maria aparece em cada batizado que segue seu exemplo de vida. Assim sendo, em Maria, manifesta-se o modo de ser da humanidade redimida. Por isso, a Igreja é impulsionada a nunca desistir da humanidade, nem temer as fragilidades, as misérias, corrupções ou as imperfeições aparentes. Pois, em meio a toda essa realidade, está presente a graça de Deus, que é capaz de renovar todas as coisas na esperança e na caridade.

²⁰⁸ PEDROSA-PÁDUA, L., *Itinerários de Maria: Inspiração para uma Igreja “em saída”*, p. 330-331.

²⁰⁹ Cf. MURAD, A., *Devoção à Maria e a “Igreja em Saída”*, p. 27.

²¹⁰ EG 288.

Dessa maneira, manifesta-se a renovação eclesial tão desejada pelo Papa Francisco²¹¹.

A partir destas afirmações almejamos desenvolver uma reflexão comparativa entre os movimentos da vida de Maria em sua maternidade e os movimentos que a Igreja realiza “em saída”. O grande teólogo Hans Urs Von Balthasar afirma a tese do “princípio mariano na Igreja”, ele defende que dentre as muitas características que a Igreja possui, uma destas é o “carisma” que pode ser identificado pela presença de Maria. Ao comentar este tema e relacioná-lo com a imitação de Maria que a Igreja deve buscar, Brendan Leahy afirma:

Seja na imitação como na participação no nascimento de Cristo de Maria, Von Balthasar observa que a Palavra, gerada no coração do Pai, é implantada por meio do batismo no coração dos fiéis, os quais, depois, por meio do Espírito e da maternidade da Igreja-Maria, são plasmados pelo Espírito do Logos. É seguindo essa linha que Von Balthasar afirma que a missão mariana da Igreja é dar à luz o Paraíso por meio da Palavra, o Logos em nós e entre nós. A Palavra deixa-se plasmar e toma forma na totalidade da Igreja como corpo-esposa e em cada um de seus membros, os fiéis.²¹²

A partir destas afirmações almejamos desenvolver uma reflexão comparativa entre os movimentos da vida de Maria em sua maternidade e os movimentos que a Igreja realiza “em saída”. Entendemos que estamos nos referindo a um modelo analógico, enquanto que uma é imagem da outra.

A partir da *Evangelii Gaudium*, que afirmou: “a Igreja “em saída” é a comunidade de discípulos missionários que “primeireiam”, que se envolvem, que acompanham, que frutificam e festejam”²¹³. Considerando a afirmação de que o Papa afirmou que a “Ternura” é parte constitutiva da Igreja em saída. Queremos a partir destes cinco verbos e desta característica peculiar identificar situações concretas onde a vida de Maria pode iluminar a atitude da Igreja.

Quando entendemos a singularidade da pessoa e atitude de Maria, entendemos nitidamente que ela “primeireiou” ao ousar acolher o anúncio do Anjo em sua, abraçando o projeto de salvação de Deus para a humanidade; a Igreja, seguindo esse exemplo, também, intrepidamente, assume a novidade da boa-nova da salvação de Jesus Cristo e, obedecendo ao mandato apostólico do Senhor, quer anunciar ao mundo esta mensagem de salvação.

²¹¹ Cf. PEDROSA-PÁDUA, L., *Itinerários de Maria: Inspiração para uma Igreja “em saída”*, p. 333.

²¹² LEAHY, B., *O princípio mariano na Igreja*, p. 169-170.

²¹³ Cf. EG 24.

Na imagem de Maria, visitando sua prima Isabel, entendemos o que significa “envolver-se”, percebendo a carência da idosa e outrora estéril, que agora aguarda o nascimento do precursor do messias, Maria se envolve com aquela situação de fragilidade. Da mesma forma, a Igreja avançando sobre “as periferias existenciais” deve “envolver-se” com a história e a vida do povo de Deus nas suas lutas e anseios, sobretudo nas suas carências e necessidades mais urgentes.

Em sua peregrinação da fé, vemos que Maria “acompanha” Jesus e a comunidade dos discípulos, passando também ela a fazer parte daquela nova família unida pelo anúncio do Reino de Deus; assim também a Igreja peregrina sobre a terra, como mãe amorosa acompanha os seus filhos, nascidos pelo batismo, na busca da santidade cotidiana e na realidade de um mundo tão marcado pelas divisões, conflitos e ódio, deve ser ela sinal de unidade e de paz.

Se Maria, na comunidade primitiva, viu “frutificar” as sementes plantadas no ministério público de seu Filho, através novos irmãos e irmãs que se uniram ao pequeno grupo dos doze apóstolos; também a Igreja é chamada a frutificar não somente numericamente, mas, principalmente espiritualmente. A fim de oferecer ao Senhor sempre mais frutos de conversões através da pregação da palavra e do batismo.

Por fim, olhamos para o cenáculo e vemos Maria “festejar” a vinda gloriosa do Espírito Santo sobre ela e os apóstolos reunidos em oração, na grande festa do nascimento da Igreja missionária que parte para evangelizar todos os povos até os confins da Terra. Inspirada por este exemplo, também a Igreja deve se alegrar em festa a cada dia por ser ela mesma reavivada pelos dons do mesmo Paráclito que sempre a conduzirá pelas sendas do mundo e jamais lhe faltará conforme a promessa do Senhor.

Em cada uma dessas situações, identificamos a “ternura” de Maria, que a nosso ver é sacramento da maternidade da Igreja em saída, haja vista que a Igreja inspirada pelo exemplo de Maria é chamada a ser no mundo, sinal visível da presença e do amor incondicional de Cristo, do qual é corpo místico.

Certamente, poderíamos enumerar muitas outras situações e passagens que ilustrassem a analogia entre a Igreja e Maria, porém entendemos que alcançamos o nosso intuito ao demonstrar de modo tipológico as semelhanças e inspirações de Maria, como Mãe da Igreja em saída.

5 Conclusão

Alcançamos neste momento a conclusão de nosso trabalho dissertativo como uma contribuição à teologia mariológica de nosso tempo, sobre a maternidade de Maria a partir de um diálogo entre a teologia bíblica, a teologia patrística e a teologia dogmática. Mergulhar na revelação bíblica e no testemunho dos primeiros cristãos e da Igreja dos primeiros séculos nos deram a conhecer a riqueza e importância da figura de Maria para a comunidade cristã de todos os tempos, mormente para o exercício da piedade e da devoção mariana na Igreja hoje.

Na sagrada escritura, principalmente por meio do testemunho dos evangelistas, foi encantador perceber o desenvolvimento da fé em Maria; a partir do momento que foi compreendendo a pessoa e a missão de seu Filho, ela mesma foi peregrinando na fé, passando, em seguida, a ser discípula de seu próprio Filho e, na Igreja nascente, tornando-se mãe dos discípulos de Jesus.

A Igreja dos primeiros séculos tinha viva consciência de que Maria era a memória do mistério da vida de Cristo, pois ela o tinha acompanhado desde seu nascimento, dessa maneira ninguém melhor que ela, poderia lhes auxiliar no caminho da fé. Já nos primeiros séculos, se pode perceber por meio dos relatos dos Padres da Igreja, o forte vínculo existente entre a figura de Maria e a Igreja, relacionados em suas características e missão comum, tendo-a como modelo de peregrinação da fé e da missão evangelizadora.

Assim sendo no primeiro capítulo, apresentamos as principais referências bíblicas e patrísticas que apresentam Maria em sua “peregrinação da fé” (termo cunhado a partir do Concílio Vaticano II), mas que utilizamos aqui a partir da abordagem bíblica, em que, analisando os textos sagrados, descobrimos e entendemos o amadurecimento de Maria na fé e no conhecimento de Jesus Cristo e de sua missão. Inicialmente olhamos para Maria, como a Mãe de Jesus, em seguida durante o ministério público de Jesus, ela se tornou gradativamente discípula do filho seguindo seus passos, aprendendo com ele vivendo junto à

comunidade dos seus seguidores e por fim como a mãe dos discípulos de Jesus na comunidade primitiva, sobretudo nas cenas marcantes da Cruz e de Pentecostes.

No capítulo seguinte, procuramos mostrar que o Concílio Vaticano II favoreceu um *aggiornamento* na mariologia, mergulhamos no contexto histórico afim de compreendermos as tendências predominantes do cenário teológico da época, concentramo-nos sobretudo no Capítulo VIII da *Lumen Gentium*, que buscamos refletir de modo sistemático com o auxílio de diversos teólogos e comentadores. O Concílio Vaticano II, ao tratar da questão mariológica, buscou no “retorno às fontes” da Sagrada Escritura e da teologia dos Padres uma inspiração para tratar da importância de Maria para Igreja no mundo contemporâneo. Dessa forma, os padres conciliares inserem-na na Constituição Dogmática *Lumen Gentium* sobre a Igreja, colocando-a em relação à eclesiologia. Quis a teologia conciliar deixar evidente que Maria não está fora, nem acima ou abaixo da Igreja, mas sim dentro da Igreja, como membro supereminente. A Mariologia seguiu uma corrente de pensamento que destaca Maria na sua relação com a Igreja. De modo especial em sua “mediação materna” entre o Filho e os filhos. Aqui nas palavras do Papa Paulo VI, ela já é nomeada como “Mãe da Igreja”.

A primeira consequência direta do Concílio na busca do aprofundamento doutrinal mariológico foi a promulgação da Exortação Apostólica *Mariialis Cultus*, onde se indicou a maneira correta de venerar a Mãe de Deus e seu legítimo lugar e importância no culto litúrgico. Algumas décadas depois com a Carta Encíclica *Redemptoris Mater* ficou ainda mais evidente a associação de Maria no mistério Salvador de Cristo e na vida da Igreja. Em nossa opinião acreditamos serem estes os mais proeminentes documentos do magistério da temática mariológica na atualidade.

Apresentamos brevemente as reflexões mariológicas das precedentes conferências do episcopado latino-americano e caribenho, afim de alicerçarmos melhor nossa reflexão sobre o Documento de Aparecida, que será o ponto culminante deste capítulo, na descoberta do rosto materno da Igreja na América Latina, sobretudo em sua dimensão pastoral com a temática dos “discípulos missionários” e com a estrita relação de Maria como modelo do perfeito discipulado missionário. Deste modo, pudemos contemplar o rosto materno da Virgem para com esse continente tão marcado por lutas e conquistas. Vimos que

os traços e passos da vida de Maria, iluminam e fortalecem a caminhada de fé do povo latino-americano. Percebemos que as conclusões do Documento de Aparecida tiveram forte influência no pontificado de Francisco, haja vista o fato de ele ter participado ativamente desta reunião.

Com a reflexão da Mariologia da América Latina, nas conferências gerais dos bispos da América Latina e Caribe, de modo especial do Documento de Aparecida, pudemos contemplar o rosto materno da Virgem para com esse continente tão marcado por lutas e conquistas. Vimos que os traços e passos da vida de Maria, iluminam e fortalecem a caminhada de fé do povo latino-americano. Percebemos que as conclusões do Documento de Aparecida terão forte influência no pontificado de Francisco, haja vista o fato de ele ter participado ativamente desta reunião.

Com a valorização do título “Maria: Mãe da Igreja” realizada pelo Papa Francisco, com a insistência por uma “Igreja em saída” manifestada principalmente na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, notamos com base em diversos discursos que os temas estão profundamente ligados, de tal modo que podemos chegar a conclusão de que a maternidade de Maria é *sacramento da maternidade da Igreja*. Destacamos, inclusive, que essa é a principal contribuição dessa dissertação para a pesquisa mariológica. Pois, com a ideia de sacramento da maternidade da Igreja, é possível entender o título ‘Mãe da Igreja’ em uma abordagem eclesiotípica. Concluimos também que ela pode ser entendida como inspiradora da Igreja em seu processo de saída, pois os movimentos da vida de Maria iluminam a Igreja em seu processo de missão e evangelização.

Destacamos que no capítulo terceiro de nossa pesquisa contemplamos a atualidade de nossa pesquisa ao tratarmos do recente gesto do Papa Francisco em fevereiro de 2018, com a elevação à categoria de festa da celebração de “Maria, Mãe da Igreja”, um gesto profundamente simbólico que manifesta muito da visão que o Papa possui sobre Maria e sua importância no cenário eclesial. Sobretudo na relação existente entre a maternidade de Maria e a dimensão materna da Igreja.

Diante desse, fato entendemos o significado da instituição da festa no contexto do papado de Francisco. A partir do que intuimos do papado de Francisco e da sua fidelidade aos ensinamentos do Vaticano II (hermenêutica de continuidade), percebemos que esse título deve ser lido a partir da Eclesiologia do

Papa Francisco. Essa eclesiologia fortemente marcada pela noção de uma ‘Igreja em saída’ manifestada principalmente na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*. Por isso, o título ‘Mãe da Igreja’ precisa ser aqui entendido também como “Mãe da Igreja em Saída”.

Com a reflexão da *Evangelii Gaudium* e de algumas alocações pontifícias, compreendemos melhor o termo “Igreja em saída” tão em voga no pontificado de Francisco, abordamos de modo especial a visão que o Santo Padre possui sobre a igreja como Mãe que se preocupa, cuida e ama seus filhos. Por fim, atingimos o ápice de nosso trabalho a apresentação da temática central de nossa pesquisa, voltando nosso olhar para Maria e aprendendo com os acontecimentos de sua vida, seus movimentos e exemplo a inspiração para a Igreja em seu processo de saída ao encontro dos mais necessitados, sobretudo de um encontro com Deus.

Concluimos também que ela pode ser entendida como inspiradora da Igreja em seu processo de saída, pois os movimentos da vida de Maria iluminam a Igreja em seu processo de missão e evangelização.

Queremos aqui destacar a dificuldade que encontramos neste ponto de nosso trabalho, além da questão cronológica já manifestada, esclarecemos que estamos falando do pensamento do Papa Francisco, ou seja, um pontificado que tem apenas 6 anos de duração. Tivemos dificuldade em encontrar bibliografia com referencia ao seu pensamento teológico e mariológico. Destacamos aqui a recente obra de Carlos Maria Galli, traduzida há poucos meses para o português e recentemente lançada pela CNBB. Porém buscamos trabalhar com outras obras e alguns artigos em busca de uma confrontação teológica entre abordagens de diversos teólogos.

O teólogo argentino, que por sua obvia proximidade com o ainda Cardeal Bergoglio, se tornou um dos maiores comentadores teológicos do Papa argentino. Em muito o pensamento que apresentamos no terceiro capítulo foi baseado em sua obra. Sobretudo quando afirma que cada cristão olhando para Maria, Mãe da Igreja em saída, compreenderá o seu próprio chamado à missão evangelizadora e se sentirá também impelido a anunciar no mundo o Reino de Deus. Aqui vemos claramente a aplicação e implicação pastoral de nosso trabalho: Maria nos impele a missão!

Estamos cientes de que a nossa pesquisa é apenas uma abordagem inicial do vasto e profundo tema da mariologia em sua relação com a cristologia, a

eclesiologia e a missiologia. Ele reclama por ser continuado e aprofundado em futuros trabalhos. Neste caminho até aqui percorrido, podemos afirmar que a mariologia tem ainda seu caminho de investigação, a fim de que se aprofunde a renovação que nela foi iniciada a partir da segunda metade do século.

Foi fascinante perceber, passo a passo em que desenvolvíamos a pesquisa, como é repleta de riquezas a mariologia à luz da revelação bíblica, da tradição dos Padres e do pensamento atual da Igreja. Nosso desejo é que as contribuições oferecidas em nossa Dissertação despertem em nosso tempo um renovado interesse pela mariologia em sua relação com a eclesiologia e missionariedade da Igreja.

Acreditamos nossa reflexão neste trabalho contribuirá para que cada cristão olhando para Maria, Mãe da Igreja em saída, compreenderá o seu próprio chamado à missão evangelizadora e se sentirá também impelido a anunciar no mundo o Reino de Deus. Desejamos encerrar nosso trabalho com a oração incluída pelo Papa Francisco na conclusão²¹⁴ da Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*:

*Virgem e Mãe Maria,
Vós que, movida pelo Espírito,
acolhestes o Verbo da vida
na profundidade da vossa fé humilde,
totalmente entregue ao Eterno,
ajudai-nos a dizer o nosso «sim»
perante a urgência, mais imperiosa do que nunca,
de fazer ressoar a Boa Nova de Jesus.
Vós, cheia da presença de Cristo,
levastes a alegria a João o Baptista,
fazendo-o exultar no seio de sua mãe.
Vós, estremecendo de alegria,
cantastes as maravilhas do Senhor.
Vós, que permanecestes firme diante da Cruz
com uma fé inabalável,
e recebestes a jubilosa consolação da ressurreição,
reunistes os discípulos à espera do Espírito
para que nascesse a Igreja evangelizadora.
Alcançai-nos agora um novo ardor de ressuscitados
para levar a todos o Evangelho da vida
que vence a morte.
Dai-nos a santa ousadia de buscar novos caminhos
para que chegue a todos
o dom da beleza que não se apaga.
Vós, Virgem da escuta e da contemplação,*

²¹⁴ EG 288.

*Mãe do amor, esposa das núpcias eternas
intercedei pela Igreja, da qual sois o ícone puríssimo,
para que ela nunca se feche nem se detenha
na sua paixão por instaurar o Reino.*

*Estrela da nova evangelização,
ajudai-nos a refulgir com o testemunho da comunhão,
do serviço, da fé ardente e generosa,
da justiça e do amor aos pobres,
para que a alegria do Evangelho
chegue até aos confins da terra
e nenhuma periferia fique privada da sua luz.*

*Mãe do Evangelho vivente,
manancial de alegria para os pequeninos,
rogai por nós.*

6

Referências bibliográficas

ACADEMIA MARIAL DE APARECIDA. **Principais documentos dos Papas sobre Nossa Senhora**: do Beato Pio IX a Francisco. São Paulo: Fons Sapientiae, 2017.

AGOSTINHO, Santo. **A Virgem Maria**: Cem textos marianos com comentários. São Paulo: Paulus, 1996.

_____. Sermões. **Augustinus**. Disponível em: <<http://www.augustinus.it/links/francese/index.htm>>. Acesso em: 18 out. 2018.

_____. Tratado sobre el Evangelio de San Juan. **Augustinus**. Disponível em: <http://www.augustinus.it/spagnolo/commento_vsg/index.htm>. Acesso em: 15 fev. 2019.

AMBROSIO, Santo. Catena Aurea (Lc 1,39-45). In: BIBLIA Clerus. Disponível em: <<http://www.clerus.org/bibliaclerusonline/pt/index.htm>>. Acesso em: 12 de setembro de 2017.

AUGUSTIN, G., **Por uma Igreja “em saída”**: Impulsos da Exortação Apostólica Evangelii Gaudium. Petrópolis: Vozes, 2018.

AWI MELLO, A. **Ela é minha mãe**. Aparecida: Santuário, 2014.

BALTHAZAR, H. U. V. **Maria para hoje**. São Paulo: Paulus, 2016.

BENTO XVI, Papa. Encontro com a comunidade, 12/05/2007. **Vatican**. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/benedictxvi/pt/speeches/2007/may/documents/hf_ben-xvi_spe_20070512_fazenda-brazil.html>. Acesso em: 12 de setembro de 2017.

_____. Homilia na festa de conversão do Apóstolo São Paulo, 25/01/2007. **Vatican**. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2007/documents/hf_ben-xvi_hom_20070125_conversion-st-paul.html>. Acesso em: 12 de setembro de 2017.

_____. Homilia Santa Missa com os doentes, 15/07/2008. **Vatican**. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2008/documents/hf_ben-xvi_hom_20080915_lourdes-malati.html>. Acesso em: 15 fev. 2019

_____. Homilia, 25/03/2007. **Vatican**. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/benedictxvi/it/homilies/2007/documents/hf_benxvi_hom_20070325_visit_a-parrocchia.html>. Acesso em: 15 de fev. 2019.

_____. Homilia, 8/12/2005. **Vatican**. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/it/homilies/2005/documents/hf_benxvi_hom_20051208_anniv-vat-council.html>. Acesso em: 18 de fev. 2019.

_____. Mensagem para a Jornada dos Enfermos, 11/02/2008. **Vatican**. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/sick/documents/hf_ben-xvi_mes_20111120_world-day-of-the-sick-2012.html>. Acesso em: 15 fev. 2019.

BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2004.

BIGOTTO, G. M. **Maria: a mãe de Jesus**. São Paulo: Paulinas, 2013.

_____. **Esplendor de Mãe**. São Paulo: Paulinas, 2011.

BOFF, C. **Introdução à mariologia**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

_____. **Mariologia Social: o significado da Virgem para a Sociedade**. São Paulo: Paulus, 2006.

_____. **O cotidiano de Maria de Nazaré**. São Paulo: Ave-Maria, 2014.

_____. **Dogmas marianos: síntese catequético-pastoral**. São Paulo: Editora Ave-Maria, 2010.

BOFF, L. **Como tudo começou com Maria de Nazaré**. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2016.

_____. **Mariologia: interpelações para a vida e para a fé**. Petrópolis: Vozes, 2007.

BOFF, Lina. **Espírito e missão na obra de Lucas – Atos –**. São Paulo: Paulinas, 1996.

BOJORGE, H. **A figura de Maria através dos evangelistas**. São Paulo: Edições Loyola, 1982.

BROWN, Raymond E. (Org.). **Maria no Novo Testamento**. São Paulo: Paulinas, 1985.

BUCKER, B.; BOFF, L.; AVELAR, M. **Maria e a trindade: implicações pastorais e caminhos pedagógicos**. São Paulo: Paulus, 2002.

CANTALAMESSA, R. **Maria, um espelho para a Igreja**. Aparecida: Editora Santuário, 1992.

CAPRANI, J. **Maria a estrela da evangelização**. São Paulo: Ave Maria, 2014.

CATECISMO da Igreja Católica. São Paulo: Loyola, 2000.

CODINA, V. Espírito e Igreja em Francisco. **Atualidade Teológica**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 58, p. 120-132, jan./abr. 2018.

CONCÍLIO VATICANO II. Constituição Dogmática Dei Verbum. In: KLOPPENBURG, B. **Compêndio do Vaticano II**: constituições, decretos e declarações. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 121-139.

_____. Constituição Dogmática Lumen Gentium sobre a Igreja. In: KLOPPENBURG, B. **Compêndio do Vaticano II**: constituições, decretos e declarações. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 39-120.

CONGREGATIO DE CULTO DIVINO ET DISCIPLINA SACRAMENTORUM, Decreto da Federação bíblica católica (FEBIC). **Vatican**. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/june/documents/papa-francesco_20150619_febic.html>. Acesso em: 12 de setembro de 2017.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. **Documento de Aparecida**. Brasília: Edições CNBB, 2008.

_____. **Documentos do CELAM**: Rio, Medellín, Puebla, Santo Domingo. São Paulo: Paulus, 2004. p. 71-224.

_____. **Testigos de Aparecida**. Bogotá: Editora CELAM, 2008.

COYLE, K. **Maria tão plena de Deus e tão nossa**. São Paulo: Paulus, 2012.

DE FIORES, S. **Eis aí tua mãe**. São Paulo: Ave-maria, 2009.

DE FIORES, S.; MEO, S. (Org.). **Dicionário de Mariologia**. São Paulo: Paulus, 1995.

DEL GAUDIO, D. **Maria de Nazaré**: breve tratado de mariologia. São Paulo: Paulus, 2016.

FERREIRA, J. L. M. **Maria**: breve introdução à mariologia. Aparecida: Editora Santuário, 2000.

FORLAI, G. **Mãe dos Apóstolos**: Viver Maria para anunciar Cristo. São Paulo: Paulus: Paulinas, 2015.

FORTE, B. **A Igreja**: Ícone da Trindade. São Paulo: Loyola, 2005.

_____. **Maria, a mulher ícone do mistério**. São Paulo: Paulinas, 1991.

FRANCISCO, Papa. **Ave Maria**. São Paulo: Planeta, 2019.

_____. Audiência geral, 03/09/2014. **Vatican**. Disponível em: <<http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2014/documents/papa->

francesco_20140903_udienza-generale.html>. Acesso em: 12 de setembro de 2017.

_____. Discurso aos membros do comitê de organização da XXVII Jornada Mundial da Juventude no Rio de Janeiro. **Vatican**. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/april/documents/papa-francesco_20140407_comitato-organizzatore-gmg.html>. Acesso em: 12 de setembro de 2017.

_____. Encontro com o Episcopado brasileiro, 27/07/2013. **Vatican**. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/july/documents/papa-francesco_20130727_gmg-episcopato-brasile.html>. Acesso em: 12 de setembro de 2017.

_____. Audiência geral, 11/07/2013. **Vatican**. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2013/documents/papa-francesco_20130911_udienza-generale.html>. Acesso em: 12 de setembro de 2017.

_____. Carta aos participantes na XXXVI Assembleia Geral do CELAM. **Vatican**. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/letters/2017/documents/papa-francesco_20170508_lettera-plenaria-celam.html>. Acesso em: 12 de setembro de 2017.

_____. Discurso ao Círculo de São Pedro, 5/05/2016. **Vatican**. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2016/may/documents/papa-francesco_20160509_circolo-san-pietro.html>. Acesso em: 15 fev.2019.

_____. Discurso ao comitê organizador da Jornada Mundial da Juventude do Rio de Janeiro, 7/04/2014. **Vatican**. Disponível em: <http://m2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/april/documents/papafrancesco_20140407_comitatoorganizzatoregmg.html>. Acesso em: 15 fev. 2019.

_____. Discurso ao episcopado brasileiro reunido na Jornada Mundial da Juventude do Rio de Janeiro, 27 de julho de 2013. **Vatican**. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/july/documents/papa-francesco_20130727_gmg-episcopato-brasile.html>. Acesso em: 15 fev. 2019.

_____. Discurso aos membros do círculo de São Pedro, 09/05/2016. **Vatican**. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2016/may/documents/papa-francesco_20160509_circolo-san-pietro.html>. Acesso em: 12 de setembro de 2017.

_____. Discurso aos participantes na Assembleia Plenária da Federação bíblica católica FEBIC. **Vatican**. Disponível em: <francesco_20180211_messaggio-giovani_2018.html>. Acesso em: 12 de setembro de 2017.

_____. Exortação apostólica Evangelii Gaudium. **Vatican**. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii->>. Acesso em: 12 de setembro de 2017.

_____. Mensagem para a XXXIII Jornada Mundial da Juventude: “Maria, não temas, pois achaste graça diante de Deus (Lc 1, 30)”. **Vaticano**. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/youth/documents/papafrancesco_20180211_messaggio-giovani_2018.html>. Acesso em: 12 de setembro de 2017.

_____. Santa missa e canonização do Beato Padre Junípero Serra. **Vaticano**. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2015/documents/papa-francesco_20150923_usa-omelia-washington-dc.html>. Acesso em: 12 de setembro de 2017.

GALLI, C. **Cristo, Maria, a Igreja e os povos: A Teologia do Papa Francisco**. Brasília: Edições CNBB, 2018.

GALOT, J. **Maria e a fé**. São Paulo: Quadrante, 2012.

_____. **Maria e o Evangelho**. Lisboa: Aster, 1962.

GARCÍA GARCEZ, N. La Virgen María. In: GONZALEZ, M. (Dir.). **Concílio Vaticano II: comentários à constituição sobre a Igreja**. Madrid: BAC, 1966. p. 924-981.

GARCÍA PAREDES, J. C. R. **Mariología**. Madrid: BAC, 2005.

GASQUES, J. **Maria: a mãe do povo**. São Paulo: Paulus, 2014.

GROPPELLI, V. **Maria, a Igreja e o povo**. São Paulo: Ave-Maria, 2009.

GRUPO DE DOMBES. **Maria no desígnio de Deus e a comunhão dos santos**. Aparecida: Editora Santuário, 2005.

GUERRIC D'IGNY, Sermon pour l'avent. In: BIBLIA Clerus. In: BIBLIA Clerus. Disponível em: <<http://www.clerus.org/bibliaclerusonline/pt/index.htm>>. Acesso em: 12 de setembro de 2017.

HOMEM, E. C. **Maria da nossa fé**. São Paulo: Paulinas, 2007.

IWASHITA, P. O Espírito Santo na vida e na missão de Maria. **Revista de Cultura Teológica**, São Paulo, v. 19, n. 75, p. 93-108, jul./set. 2011.

JOÃO PAULO II, Papa. **Carta Encíclica Redemptoris Mater**. São Paulo: Paulinas, 1987.

_____. **Redemptoris Missio**. São Paulo: Paulinas, 2011.

JOHNSON, E. A. **Nossa verdadeira irmã: teologia de Maria na comunhão dos santos**. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

KRIEGER, M. **Com Maria, a Mãe de Jesus**. Aparecida: Santuário, 2017.

_____. **Maria na piedade popular**. Brasília: Edições CNBB, 2016.

LEAHY, B. **O princípio mariano na Igreja**. São Paulo: Cidade Nova, 2005.

LLAMERA, M. La Virgen María. In: GONZALEZ, M. (Dir.). **Concílio Vaticano II: comentários à constituição sobre a Igreja**. Madrid: BAC, 1966. p. 982-1047.

LUTERO, M. **Magnificat: O louvor de Maria**. Aparecida: Editora Santuário; São Leopoldo: Editora Sinodal, 2015.

MÁXIMO DE TURIM, Santo, Homilia 23 (PL 57. 274-276). In: BIBLIA Clerus. Disponível em: <http://www.clerus.org/bibliaclerusonline/pt/index.htm>>. Acesso em: 12 de setembro de 2017.

MESSORI, V. **Hipóteses sobre Maria: fatos, indícios, enigmas**. Aparecida: Santuário, 2008.

MIRANDA, M. F. **A reforma de Francisco**. São Paulo: Paulinas, 2017.

MÜLLER, A.; SATTLER, D., Mariologia. In: SCHNEIDER, T. (Org.). **Manual de Dogmática**. Petrópolis, Vozes, 2012.

MURAD, A. Devoção à Maria e a “Igreja em Saída”. **Studium: Revista Teológica**, Curitiba, ano 10, n. 17, p. 11-30, 2016.

_____. Maria no Documento de Santo Domingo, **Convergência: Revista da Conferência dos Religiosos do Brasil**, São Paulo, ano XXVIII, n. 265, p. 422-438, set. 1993.

_____. **Maria, toda de Deus e tão humana**. São Paulo: Santuário, 2012.

OROZCO, A., **Mãe de Deus e mãe nossa**. São Paulo: Quadrante, 2016.

PAREDES, J. **Mariologia: síntese bíblica, histórica e sistemática**. São Paulo: Editora Ave-Maria, 2011.

PAULO VI, Papa. **Maria, Mãe da Igreja: O magistério mariano do Papa Paulo VI**. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2017.

_____. Discurso na clausura da terceira sessão do concílio ecumênico vaticano II. **Vatican**. Disponível em: https://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/speeches/1964/documents/hf_p-vi_spe_19641121_conclusions-iii-sessions.html>. Acesso em: 12 de setembro de 2017.

_____. **Marialis Cultus: Exortação Apostólica para a reta ordenação e desenvolvimento do culto à Bem-aventurada Virgem Maria**. Brasília: Edições CNBB, 2016.

PEDROSA-PÁDUA, L. Itinerários de Maria: Inspiração para uma Igreja “em saída”. **Convergência**, Brasília, ano L, n. 481, p. 321-335, maio 2015.

PEDROSA-PÁDUA, L. Uma Igreja mariana no magistério do Papa Francisco: chaves de renovação para uma Igreja “em saída”. In: ALMEIDA, J.C. (Org.). **Uma Igreja chamada Maria**. Aparecida, Santuário, 2019. p. 139-171.

_____. Teologia Mariana: contribuições para a reflexão sobre a humanização de Deus. **Atualidade Teológica**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 57, p. 476-494, set./dez. 2017.

PERRY, T.; KENDALL, D. **A Santíssima Virgem Maria**. São Paulo: Edições Loyola, 2015.

PINHO, J. A maternidade de Maria e o rosto materno da Igreja. **Humanística e Teologia**, Porto, Tomo XXXVIII, Fasc. 2, p. 55-79, dez 2017.

POZO, C. **María, nueva Eva**. Madrid: BAC, 2005.

PUEBLA. **Evangelização no presente e no futuro da América Latina**, 1979.

RAHNER, K. **María, madre Del señor**. Barcelona: Herder, 2011.

RATZINGER, J. **A filha de Sião**: a devoção mariana na Igreja. São Paulo: Paulus, 2013.

RATZINGER, J.; VON BALTHASAR, H. **Maria, Primeira Igreja**. Coimbra: Gráfica de Coimbra 2, 2004.

TEMPORELLI, C. **Maria, mulher de Deus e dos pobres**: releitura dos dogmas marianos. São Paulo: Paulus, 2010.

UMBRASIL. **Maria no coração da Igreja**. São Paulo: Paulinas, 2011.